

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**

GILBERTO DOS SANTOS COUTO

**POR UMA NOVA RAÇA E EUGENIA: IDEÁRIO EDUCATIVO NA REVISTA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA – 1932-1942**

CURITIBA

2017

GILBERTO DOS SANTOS COUTO

**POR UMA NOVA RAÇA E EUGENIA: IDEÁRIO EDUCATIVO NA REVISTA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA – 1932-1942**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado, na linha de pesquisa, História e Políticas da Educação, como requisito para exame de qualificação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosa Lydia
Teixeira Corrêa

CURITIBA

2017



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 841
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE**

Gilberto dos Santos Couto

Aos dezenove dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezoito, reuniu-se às 14h, na Sala 2 (Pós), da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Prof.ª Dr.ª Rosa Lydia Teixeira Corrêa, Prof. Dr. Pedro Leão da Costa Neto e Prof.ª Dr.ª Valquíria Elita Renk para examinar a Dissertação do mestrando **Gilberto dos Santos Couto**, ano de ingresso 2016, aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa "História e Políticas da Educação". O aluno apresentou a dissertação intitulada "POR UMA NOVA RAÇA E EUGENIA: IDEÁRIO EDUCATIVO NA REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (1932 - 1942)" que, após a defesa foi Aprovado pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16:10. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Observações: _____

Presidente:

Prof.ª Dr.ª Rosa Lydia Teixeira Corrêa Rosa Lydia Teixeira Corrêa

Convidado Externo:

Prof. Dr. Pedro Leão da Costa Neto Pedro Leão da Costa Neto

Convidado Interno:

Prof.ª Dr.ª Valquíria Elita Renk Valquíria Elita Renk

Patricia Lupion Torres
Prof.ª Dr.ª Patricia Lupion Torres

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação
Stricto Sensu

Dedico este trabalho a todos que me incentivaram e apoiaram para a concretização deste sonho!

À minha esposa Dayane e aos meus filhos Victor, Heloisa, Kayk e Yan, por serem as melhores pessoas que Deus me concedeu.

Vocês contribuíram de maneira direta ou indireta para alcançar mais este objetivo em minha vida. Obrigada por entenderem que o afastamento foi por um ideal.

Amo muito vocês!

AGRADECIMENTOS

À professora Dr.^a Rosa Lydia Teixeira Corrêa, pela confiança, paciência, amizade e as valiosas orientações e contribuições, sem a qual esta pesquisa não teria o mesmo valor.

À professora Dr.^a Valquiria Elita Renck e à professora Dr.^a Evelyn de Almeida Orlando pelas preciosas contribuições na qualificação do projeto.

À professora Dr.^a Valquiria Elita Renck e ao professor Dr. Pedro Leão da Costa Neto pelas preciosas sugestões, contribuições e norteamentos realizados na qualificação da dissertação.

À minha esposa, que foi a minha maior incentivadora, a pessoa que me deu apoio em todos os momentos difíceis, criticou sempre em busca da melhoria e da qualidade da pesquisa, o que foi essencial para se atingir os meus objetivos. Com o seu amor e carinho, contribuiu para que, nos momentos difíceis, eu não esmorecesse e trilhasse os meus objetivos.

Ao Kayk, meu filho, que sempre está disponível para ajudar no que for preciso para tudo que pedimos, que também contribuiu de forma qualitativa e quantitativa para a conclusão deste sonho. Obrigado amado filho, que é tão importante em minha vida.

Aos meus filhos Victor, Heloisa e Yan, que mesmo não tendo participado de forma direta na elaboração desta pesquisa, são fonte de motivação e inspiração na minha vida, com muito amor e carinho.

Aos companheiros de caminhada Célia Souza da Costa, pela amizade, pelos momentos de estudo, bate-papo e contribuições que ajudaram a moldar este trabalho.

Aos meus pais *in memoriam*, que são os responsáveis diretos pelo homem que me tornei, agradeço pelo amor, carinho, dedicação e norteamento para a minha formação e o meu caráter. Ao meu irmão Gerson pelos anos de amor e amizade.

À minha família, que foi um alicerce para que eu pudesse ter coragem, garra e determinação nas horas difíceis, ajudando-me e entendendo minha ausência em tantos finais de semana e feriados, nos quais fiquei enfiado dentro de um quarto, estudando e produzindo esta dissertação.

A todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram e estiveram presentes nesta caminhada. À Solange e Alessandra da secretaria do PPGE, que sempre estavam dispostas a ajudar e tirar as dúvidas no que fosse necessário.

“As estratégias editoriais engendram, portanto, de maneira despercebida, não uma ampliação progressiva do público do livro, mas a constituição de sistemas de apreciação que classificam culturalmente os produtos da imprensa, fragmentando o mercado entre clientelas supostamente específicas e desenhando fronteiras culturais inéditas”.

Roger Chartier

RESUMO

A presente pesquisa foi elaborada com o intuito de analisar as Revistas de Educação Física, editadas pelo Exército, no ínterim de 1932-1942, período inserido na Era Vargas, em meio a grandes alterações de ordem política, estrutural, social, econômica e cultural no país. Tal período envolveu concorrências pelo poder, entre as oligarquias cafeeiras, Exército e as elites dissidentes, formadas principalmente por comerciantes e industriais emergentes, que de maneira direta ou indireta, refletiram nos ideários de governo e educacional existentes nas décadas de 1930 e 1940. Nesse processo, o Exército assumiu de forma pioneira a introdução de cursos de formação de instrutores e professores em algumas áreas, dentre elas a Educação Física, extensiva para militares e civis, formando a primeira turma de instrutores em 1929. Ao analisar a formação de escolares e professores, pode-se estabelecer que foram realizadas em meio ao regime autoritário de Vargas, que buscava a hegemonia da raça e disciplinarização dos corpos e mentes. Essa formação militar, com cunho eugênico de fortalecimento da raça e da nação, teve influências por meio dos movimentos eugênicos nacionais, liderados principalmente por Renato Kehl e internacionais, com ênfase para Alemanha e Itália. Ao analisar o impresso, objetivou-se verificar quais mensagens estão impressas no seu ideário educacional, presentes em suas capas, editoriais, textos e imagens. Ao que tudo indica, a Revista foi um dos instrumentos utilizados para a divulgação e inculcação do ideário higienista-eugenista apresentado por Vargas para a sociedade brasileira nas referidas décadas, utilizando-se das práticas esportivas e recreativas desenvolvidas ao ar livre, em praças, praias, clubes, ginásios e escolas, para disseminar a eugenia ao corpo, com atenção às crianças, jovens e mulheres, essas, responsáveis por futuras gerações saudáveis e fortes. O aporte teórico está ancorado na História Cultural tendo como base Chartier (1990, 1991, 1996, 1998, 1999), bem como a ideia de docilização dos corpos apresentado por Foucault (2007, 2008 e 2013). A orientação metodológica estabeleceu o estudo de natureza histórica, situado no campo da História da Educação, realizado por meio de levantamento, seleção e sistematização bibliográfica sobre o assunto. No bojo metodológico e conceitual, torna-se importante o entendimento da Educação Física enquanto disciplina escolar, disciplinas compõem a formação escolar e de pessoas de modo geral, com base nos estudos de Chervel (1990) e Julia (2001). Por apresentar diversas imagens que testificam o caráter do impresso, faz-se necessário reservar um espaço especial, para procurar interpretar de forma ampla e imparcial, quais os interesses desses grupos sociais, presentes no ideário da Revista de Educação Física (1932-1942).

Palavras-chave: Revista de Educação Física - Eugenia - Raça - Ideário Educativo.

ABSTRACT

The present research was elaborated with the intention to analyze the Physical Education Journals, edited by the Army, in the period between 1932-1942, which is inserted in the Era Vargas, amid great changes of political, structural, social, economic and cultural order. Involving competition for power, among the coffee oligarchies, Army and dissident elites, formed mainly by emerging merchants and industrialists, which in a direct or indirect way, and reflected in the ideals of government and education existing in the 1930s and 1940s. In this process, the Army took a pioneer in the introduction of training courses for instructors and teachers in some areas, among them Physical Education, extensive for military and civilians, forming the first group of instructors in 1929. In analyzing the formation of schoolchildren and teachers, it can be established that they were carried out amid the authoritarian regime of Vargas that sought the hegemony of race and disciplinarization of bodies and minds. This eugenic military formation to strengthen the race and the nation was influenced by the national eugenic movements, led mainly by Renato Kehl and international, with emphasis on Germany and Italy. When analyzing the printed, it was aimed to verify which messages are printed in their educational ideals, present in their covers, editorials, texts and images. For, to all appearances, the Journal was one of the instruments used for the dissemination and inculcation of the hygienist-eugenist ideas presented by Vargas for Brazilian society in the 1930s and 1940s. Through using sports and recreational practices developed in the open air, in squares, beaches, clubs, gymnasiums and schools, to disseminate this eugenics to the body, with attention to children, young people and women, the latter who would be responsible for future generations healthy and strong. The theoretical contribution is anchored in Cultural History based on Chartier (1990, 1991, 1996, 1998, 1999), as well as the model of power in the docilization of the bodies presented by Foucault (2007, 2008 and 2013). The methodological orientation established the study of a historical nature, situated in the field of History of Education, carried out through a survey, selection and bibliographic systematization on the subject. In the methodological and conceptual bulge it becomes important the understanding of Physical Education as a school discipline, since, the disciplines make up the school and people formation in general, based on the studies of Chervel (1990) and Julia (2001). Because it presents several images that testify to the character of the print, it is necessary to reserve a special space to try to interpret broadly and impartially what interests of these social groups, which were present in the ideas of the Journal of Physical Education (1932-1942).

Key words: Physical Education Journal - Eugenia - Race - Educational Ideology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - General Newton de Andrade Cavalcanti Criador e Editor da Revista de Educação Física.....	61
Quadro 1 - Edições das Revistas de Educação Física em bibliotecas do Brasil 1932 - 1942	65
Imagem 2 - CAPA da Revista de Educação Física	70
Imagem 3 - CAPA da Revista de Educação Física	72
Imagem 4 - CAPA da Revista de Educação Física	78
Imagem 5 - CAPA da Revista de Educação Física	79
Imagem 6 – Atividades Físicas na praia Rio de Janeiro.....	81
Imagem 7 – Imagens de mulheres em pratica de dança.....	82
Imagem 8 – Clubes e suas piscinas, salto ornamental	84
Imagem 9 – Brincadeiras de crianças, ao ar livre.....	86
Imagem 10 – Exposição aos raios solares de forma artificial.....	87
Imagem 11 – Atividade físicas para as mulheres	88
Imagem 12 – Atividade em Parque em São Paulo.....	89
Imagem 13 – Educação física feminina.....	99
Imagem 14 - Educação física feminina- Instituto Feminino de Cultura Física	100
Imagem 15 – Educação Física Feminina na Fundação Osório	101
Imagem 16 - A Educação Física Infantil na Carlie Curtiss School,.....	102
Imagem 17– Alunos em uma sessão de aula da Escola ao ar livre parque avenida A'gua Branca em São Paulo	104
Imagem 18 – Alunos em uma sessão de educação física na Escola ao ar livre parque avenida A'gua Branca em São Paulo.....	105
Imagem 19 - Escola Paulo de Frontin em São Paulo.....	106
Imagem 20 - Associação Cristã de Moços - ACM.....	107
Imagem 21 – Aulas no Grupo Escolar D. Pedro II São Paulo	108
Imagem 22 – Aulas no Grupo Escolar de Brotas, São Paulo	109
Imagem 23 – Demonstração de Ginástica de alunos.....	111
de Grupos escolares de Belém – 1935	111
Imagem 24 - Formando da turma de Educação Física da EEFE - ES	112
Imagem 25 – Atividades na EEF em Minas Gerais	113

Imagem 26 – Formandos de 1934 – Escola de Educação Física do Espírito Santo	115
Imagem27– VII Congresso de Educação – Estádio de São Januário - RJ	116
Imagem 28 - VII Congresso de Educação – Estádio de São Januário - RJ	117
Imagem 29 - Formandos do Rio de Janeiro - 1929	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Edições das Revistas de Educação Física em bibliotecas do Brasil 1932 - 1942	76
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE	Associação Brasileira de Educação
ACM	Associação Cristã de Moços
ALN	Aliança Libertadora Nacional
Art.	Artigo
br.	Brasil
Coord.	Coordenador
CAPES	Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior
CCFEX	Centro de Capacitação Física do Exército
CMEFEx	Centro Militar de Educação Física do Exército
CMEF	Centro Militar de Educação Física
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DASP	Departamento Administrativo do Serviço Público
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
Dr.	Doutor
&	E
ed.	Edição
Ed.	Editor (a)
EEFE	Escola de Educação Física
ES	Espírito Santo
EsEFEx	Escola de Educação Física do Exército
E.S.E.F.S.P	Escola Superior de Educação Física de São Paulo
EUA	Estados Unidos da América
f.	Folha
FACIPAL	Faculdades Integradas Católicas de Palmas
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FUMEC	Fundação Mineira de Educação e Cultura
FIEO	Fundação Instituto de Ensino para Osasco
FURB	Universidade Regional de Blumenau
GAvCa	Grupo de Aviação e Caça
Gov.	Governo
ISBN	International Standard Book Number

Jr.	Júnior
MEC	Ministério da Educação e Cultura
n.	Número
nº	Número
NBR	Norma Brasileira Regulamentar
ONU	Organização da Nações Unidas
P&b	Preto e branco
p.	Página
PUCC	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
REF	Revista de Educação Física
RDE	Regulamento Disciplinar do Exército
RISG	Regulamento para Instrução e Serviços Gerais
RJ	Rio de Janeiro
SIBI	Sistema Integrado de Bibliotecas
SEER	Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas
Sgt.	Sargento
Trad.	Tradutor
Ten.	Tenente
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFV	Universidade Federal de Viçosa
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UNB	Universidade de Brasília
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNIFOR	Universidade de Fortaleza
UNIPINHAL	Centro Regional Universitário de Espírito Santo de Pinhal
UNOESC	Universidade do Oeste de Santa Catarina
URCAMP	Universidade da Região da Campanha
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA	22
1 ERA VARGAS (1930–1942) E ASPECTOS DA EUGENIA	25
1.2 ANTECEDENTES A ERA VARGAS: ASPECTOS SOBRE EUGENIA	39
2 O PERÍODICO “REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA”: O EXÉRCITO, ASPECTOS GERAIS E UM PERCURSO IMAGÉTICO INICIAL	56
2.2 A REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	61
2.4 OUTRAS IMAGENS: PARA EDUCAR UMA SOCIEDADE SADIA - CLUBES, PRAIAS E DEMONSTRAÇÕES PÚBLICAS	79
3 POR DENTRO DA REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DOS EDITORIAIS ÀS MATÉRIAS DE CUNHO EDUCATIVO ESCOLAR – PRESENÇA EUGÊNICA	92
3.1 ALGUNS EDITORIAIS E A QUESTÃO EDUCACIONAL: O PAPEL DO EXÉRCITO	92
3.2 IDEÁRIO EDUCATIVO EM IMAGENS	98
3.3 IDEÁRIO EDUCATIVO: O ESCOLAR EUGÊNICO EM IMAGENS	101
3.4 IDEÁRIO EDUCATIVO E REPRESENTAÇÃO DE GRUPOS	108
3.5 IDEÁRIO EDUCATIVO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	111
REFERÊNCIAS	128
GLOSSÁRIO	139
APÊNDICE A – QUADRO REVISTAS EDUCAÇÃO FÍSICA	140

INTRODUÇÃO

O presente estudo contempla o ideário educativo contido na Revista de Educação Física, editada pelo Exército. Foi delimitado o recorte temporal de 1932 a 1942 para a análise deste periódico, pelo fato desse período conter conceitos e publicações de cunho eugênico na formação de professores, que corresponde aos objetivos desta pesquisa.

Embora não se refira ao período de estudo da pesquisa (1932-1942), convém destacar que em busca realizada no site da EsEFEX, foi localizado o endereço eletrônico da Revista de Educação Física, na qual se constataram edições atuais, indicando ser a revista na área de Educação Física mais antiga do Brasil em circulação, com 85 anos de existência¹.

As edições são um periódico multidisciplinar de divulgação científica do Exército Brasileiro. A partir de 2001, passou a ser administrada pelo Instituto de Capacitação Física do Exército e, em 2014, pelo Centro de Capacitação Física do Exército (CCFEx). Os objetivos nos dias de hoje são: publicar artigos de alta qualidade científica e obter indexação, bem como o aprimoramento de sua graduação junto aos órgãos nacionais de apoio à pesquisa, como a Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2015).

Em 2014, ao completar 82 anos de existência, a Revista, com periodicidade trimestral, entrou em fase de reestruturação, desde o Corpo Editorial, incluindo a implantação do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) para a área científica (software livre). Com a modernização a que se destina, a Revista pretende atingir metas que são distribuídas entre a sua missão que é: “divulgar conhecimento científico de alta qualidade em Ciências do Esporte e Gestão Esportiva, contribuindo com a excelência em capacitação física da Força Terrestre” (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2015, editorial). Para isso, segundo os seus editores, Lilian Cristina Martins² (editora chefe), Coronel Alfredo de Andrade Bottino e General de

¹ Os 85 anos da Revista, tomando como base o ano de 2017.

² Pós-Doutoranda em Neurociência. Doutora em Epidemiologia pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Bacharel e licenciada em Educação Física pela Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2017).

Brigada Jorge Antonio Smicelato (editores chefes Honorários), faz-se necessário ratificar as intenções de modernização por meio da “Visão de Futuro”, que se define como “atingir, até 2019, a qualificação A1 da CAPES do Ministério da Educação (MEC). Para tal, pretende-se que o periódico seja visto como um dos mais importantes dentro do rol científico, envolvendo ações do CCFEx no ensino da Educação Física e da Medicina do Esporte, pautadas nas competências do profissional militar da Era do Conhecimento (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2017), tal pretensão de melhoria do periódico, que permite dizer que os estudos científicos desenvolvidos pelo Exército, na relação entre educação física, a pesquisa científica e a medicina do esporte, o que tudo leva crer, são desenvolvidas desde a sua criação na década de 1930 ante os propósitos que lhe ensejaram.

Para a realização da pesquisa, as reflexões de Marc Bloch (1963, p. 21) serviram como incentivo para desenvolver a análise.

É tal a força de solidariedade das épocas que os laços de inteligibilidade entre elas se tecem verdadeiramente nos dois sentidos. A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja mais útil esforçarmo-nos por compreender o passado se nada sabemos do presente.

Importa dizer que, embora se trate de uma revista de Educação Física, ela não se destinava exclusivamente aos professores dessa área. O periódico foi criado em 1932 e fazia parte do Órgão do Centro Militar de Educação Física do Exército³. Os artigos eram escritos tanto por oficiais do Exército quanto por civis. A Revista, com princípios militares, esteve destinada à divulgação de práticas e acontecimentos científicos, militares, com incentivo à prática esportiva na sociedade e em escolas públicas, particulares e lugares públicos (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1936, ano V, n. 31).

Por se tratar de uma revista com temáticas diferentes consta em suas edições orientações quanto à alimentação e os cuidados com o corpo de forma científica. Os artigos trazem tendências mundiais da Educação Física e saúde, segundo a visão militar. Ademais, contém matérias direcionadas a professores e instrutores de

³ Este Centro foi criado por Newton de Andrade Cavalcanti, General da Escola de Educação Física do Exército, foi um dos promotores da educação física no exército. Por meio dos seus esforços, incentivou a criação do Centro de Educação Física do Exército, em 1922, iniciando em 1929 as suas atividades. Em 1932, o Coronel comandou a equipe responsável pela criação da Revista de Educação Física, pelo Exército (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano XVII. n.63, 1949, p. 3)

Educação Física com o intuito de formação do corpo docente, que teve o papel de inserir na população por meio das práticas de atividade física diária para fortalecimento dos sujeitos, com o objetivo de melhoraria das condições gerais de saúde e futura melhoria da raça, em prol de interesses do Exército. Além disso, pretendia inculcar na população em geral os benefícios e vantagens de se praticar atividade física regrada em favor de melhorias com a saúde, prevenindo e evitando doenças (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1932-1939).

Tais atividades eram veiculadas constantemente pela Revista, não somente por meio dos textos e editoriais, como também pelas imagens que confirmavam, ou simplesmente articulavam significados no corpo. Como o Exército realizava a confecção do impresso, tornava-se evidente a influência dos militares quanto ao ideário da Revista. Nesse aspecto como discorre Chartier (1996, p. 78):

Pensar que os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto, mas também, pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo.

De acordo com o enunciado por Chartier, os atos de leitura é que dão significado ao texto. Ao trazermos diversos conteúdos contidos na revista, podemos descrever a respeito da circulação do periódico constatando que:

O Exército passava de modo mais contundente a reafirmar e, mais do que isso, a abraçar de maneira fecunda a causa da eugenia que há muito vinha sendo discutida em meios intelectuais. No cenário no qual essa revista é editada, a educação poderia exercer um papel político fundamental no sentido da disseminação de um tipo de ideologia visando a construção do Estado Nacional. Getúlio Vargas, depois de ter assumido a chefia do governo provisório, instituiu, por meio do Decreto nº 19.404, de 14 de novembro de 1930, o Ministério dos Negócios, Educação e Saúde, que teve como ministro Francisco Campos. Desse modo estariam postas as bases para construir o Estado Nacional, por meio da educação que concorreria para sanear a sociedade brasileira. Daí a importância de propagar uma concepção higienista por meio da formação de homens, mulheres e crianças fortes e sadias (CORRÊA, 2013, p. 188).

Além de utilizar o meio escolar para propagar as ideias higienistas e eugênicas, o Estado pretendia alcançar o maior número de pessoas, em prol da “jornada cívica e patriótica”. Desta forma, a Revista pode ter sido objeto de propagação de ideais

políticos, tanto do Exército, quanto de segmentos das elites que gozavam um lugar de maior importância na sociedade, como intelectuais e médicos.

Embora não se trate de um periódico propriamente pedagógico, ou seja, por não ter essa finalidade específica claramente definida, pode-se considerar a revista, em termos amplos, com propósitos educativos. Isso porque acompanhava as últimas tendências de métodos pedagógicos, principalmente das ginásticas europeias⁴, especialmente de origem alemã, sueca e francesa.

Quanto à Escola Alemã de Ginástica, destaca-se que as principais finalidades de tal modelo eram as de desenvolver um espírito nacionalista e um corpo saudável. As bases teóricas e científicas da Escola Alemã eram oriundas do viés médico-higienista. As bases práticas eram formadas a partir de um caráter militar, que considerava as ginásticas, as lutas e os jogos conteúdos fundamentais. (SOARES, 1994).

A Ginástica Sueca surgiu como um instrumento capaz de estimular nos indivíduos força, saúde e moral, muito útil tanto para a produção como para a pátria, dividido em caráter militar e médico higienista. A Ginástica Francesa apresentava ideais de promoção da saúde, patriotismo e moralidade. Baseada na física e na biologia, deveria ser precisa e amparada por métodos científicos voltados a comparação, experimentação e medição. (SOARES, 1994). Quanto ao método francês, no decorrer da pesquisa, serão abordados os conceitos e influências sobre a educação física no Brasil.

Relatos sobre professores, autoridades de ensino e de oficiais militares que compunham a Escola de Educação Física do Exército (EsEFEX) também são trazidos, com o intuito de formar um corpo docente capaz de colocar em prática um ideário educativo que visava a motivar a população, a fortalecer a raça, por meio da atividade física diária (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1932, ano 1, n. 2).

Nesse sentido, desloca-se o olhar da pesquisa para uma dimensão além do ambiente escolar, ou seja, busca-se uma análise de aspectos espaciais, sociais e culturais. Isso porque, ao analisar os editoriais e imagens contidas no impresso, além do meio escolar, contém aspectos de interesse do ideário educativo de disseminar práticas de atividades físicas em clubes, praças, praias, locais que propiciem contato

⁴ Constam a respeito dos conceitos destas ginásticas no texto: Importância da Educação Física para um povo – o método adotado, razões de sua adoção. (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano 1, n.2, junho de 1932, p. 24,28-29)

com a natureza, e, do mesmo modo, textos com ênfase a notícias e divulgação de torneios e campeonatos militares, Jogos Sul-americanos e várias referências a acontecimentos olímpicos. Destaca-se, também, a construção de estádios e estruturas para o evento e feitos de países por meio dos seus atletas. Outrossim, apresenta diversidades em seus artigos como orientações quanto aos cuidados com o corpo, aspectos sobre a biometria, fisiologia, fisioterapia, psicologia, eugenia e alimentação.

Esses aspectos permitem a inferência a respeito de apropriações da leitura, que são exercidas por agentes que tiveram acesso a esse material, e, que de alguma forma, geraram a representação da forma como se entende no sentido amplo do termo. Essas apropriações se iniciam pela maneira como se observam as possíveis formas dos textos até as informações que eles contêm. Da mesma forma, tem ligação às inúmeras práticas e interpretações, que incluem o conteúdo escrito e conteúdo visual (capa, cores, tipo de papel, suporte, entre outros).

Segundo Chartier (2003, p. 173) essas apropriações de leitura

que podemos dar aos textos, assim como conferimos sentidos e significações às coisas do nosso dia a dia. Numa ideia imprecisa, mas objetiva poderíamos dizer que o texto é um organismo maleável dentro do ambiente social, que toma formas e funções distintas através de contextos diferentes, que não só ser lido, ou ainda, não só ser lido e compreendido de uma única forma.

Um texto pode ter diversas interpretações de acordo com o nível de leitura e cultura do leitor, o que pode levar o interlocutor a analisar não somente ao que o autor quis expor ou mensurar, mas também, em relação ao contexto no qual esse texto foi redigido, divulgado e inserido, como um meio de disseminar na sociedade ideários com cunho social e cultural, entre outros.

Pelo fato da formação do autor desse estudo em educação física, com interesse em aprofundar os conhecimentos da origem da formação dos professores dessa área dentro de um ideário educativo que circulou nas Revistas de Educação Física, editada pelo Exército. Esse impresso, ao que tudo indica, foi um dos instrumentos utilizados pelo Estado para divulgar e impulsionar as práticas eugênicas e de nacionalização do país nas décadas de 1930 e 1940. Ao analisar esse material, procurou-se estabelecer quais as premissas em estabelecer ou não formas de agir ao inserir na população

hábitos higienistas e eugênicos. Para melhor entender essa perspectiva, Certeau (1999, p. 260), quando se refere sobre intenções implícitas

[...] costuma estar implícita na pretensão dos 'produtores' de informar uma população, isto é, 'dar forma' às práticas sociais e levando a acreditar que seus próprios modelos culturais são necessários para o povo em vista de uma educação dos espíritos e de uma elevação dos corações [...] e o público é modelado pelos produtos que lhe são impostos.

Assim, pode-se notar que as pretensões de elevar a disciplina de Educação Física no Brasil e as características atribuídas a ela, acompanham concepções até então presentes na Europa, particularidades já existentes no século XIX, entre elas o eugenismo, como também vários textos sobre a importância da mulher no ideário eugênico de melhoria da raça⁵. Nesse ínterim, vários textos também apontam para a importância da educação física para crianças⁶.

Na concepção de docilização dos sujeitos, nos reportamos a Foucault (2008, p. 134-135), quando refere que o,

corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações (...) a escala do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao mesmo nível da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo.

Foucault (2008) entende o objeto do controle, não no prisma de comportamento ou linguagem do corpo, mas na ótica da economia, da eficácia dos movimentos, em que impera a força e não os sinais, justificado pela importância dos exercícios. Em

⁵ A saber a respeito da importância da mulher no ideário eugênico, analisar o texto intitulado: Educação Física feminina – rápido esboço sobre os processos educacionais. (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano 2, n. 6, março de 1933, p.3, 46). Outro texto intitulado: O que é feminilidade. (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano 2, n. 10, agosto de 1933, p.26-31). Beleza e educação física da mulher. (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano 2, n. 12, novembro de 1933, p.20). Educação física feminina. (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano 4, n. 22, maio de 1935, p.10)

⁶ A saber a respeito da importância no texto intitulado: Porque as crianças devem praticar a ginástica; (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano 2, n. 7, março de 1933, p.18). Educação física infantil (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano 2, n. 7, março de 1933, p. 35). A ginástica infantil, como fator de desenvolvimento cerebral na espécie humana (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano 4, n. 25, agosto de 1935, p.10)

seguida com a modalidade, o foco está na atividade em si e não em seus resultados, ao nivelar com o máximo de esforço o tempo, o espaço e os movimentos.

Para complementar esse aspecto, é preciso recorrer novamente a citação de Foucault (2008, p. 135), a respeito de modos de controle das operações do corpo, “que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade”. Em relação a isso, estabeleceu-se uma conjuntura dessa docilização exercida sobremaneira pelo Exército, ideário de governo, veiculado nas páginas da Revista de Educação Física.

Em pesquisa realizada sobre o estado de conhecimento no portal de Teses e Dissertações da CAPES, analisaram-se alguns títulos cujo foco foi a Revista de Educação, mas esses não tratavam diretamente a respeito do objeto de estudo. Dentre eles estão, Revistas de Ensino que enfocam a Educação Física e a sua relação com a eugenia e a revista de Educação Physica, outro periódico editado da área, mas de cunho civil.

Com relação aos estudos que mantêm aproximação com o objeto central de estudo, foram encontradas três dissertações. A primeira com o título: “Regenerar, civilizar, modernizar e nacionalizar: a educação física e a infância em revista nas décadas de 1930 e 1940” (BERTO, 2008). Para a autora, a obra tem como objetivo compreender o modo como foram produzidas e veiculadas as representações acerca da educação da infância escolarizada ou fora da escola entre as décadas de 1930 e 1940, na imprensa periódica de Educação Física, ao analisar e comparar a Revista de Educação Física editada pelo Exército no periódico que foi criado em 1932 e se mantém em circulação até os dias de hoje e a Revista de Educação Physica, que circulou de 1932-1945, no Brasil, e constituem o *corpus* documental do estudo. O primeiro é um dispositivo estratégico dos militares da Escola de Educação Física do Exército, e o segundo, produzido como tática que representa os ideais de um grupo de professores de Educação Física vinculados à Associação Cristã de Moços, analisa a forma como circulavam, nesse período, as prescrições produzidas pelos grupos de intelectuais que davam suporte aos periódicos, como saberes necessários à educação da infância. Como referencial teórico, tem-se a história cultural e suas proposituras em relação à atenção aos objetos em sua materialidade.

A segunda, com o título: “Educação Física no Jardim de Infância: concepções e práticas corporais infantis na Revista de Educação Física do Exército” (1932-1945), (BEZERRA, 2011), compreende as concepções dos militares a respeito da infância e

das práticas corporais desenvolvidas no jardim de infância. Para isso, o autor faz um mapeamento de artigos da Revista de Educação Física do Exército entre os anos de 1932-1942, que tratassem sobre o militarismo e as diversas abordagens da educação física infantil, seguindo-se da análise a partir das noções de biopolítica e disciplinarização à maneira como aborda Foucault (2008), bem como a de representação na proposição de Chartier (1990). Como também, as influências do pensamento militar para a construção de uma educação do físico infantil.

Outro título encontrado foi a “Educação Física Escolar na Revista de Educação Física (1932-1952) apropriações de Rousseau Claparède e Dewey (1932-1952) ” (BERMOND, 2007), que busca compreender, na Revista de Educação Física, no período de 1932 a 1952, as relações estabelecidas entre propostas de práticas e conteúdos para as aulas de Educação Física escolar e concepções pedagógicas de Jean-Jacques Rousseau, Edouard Claparède e John Dewey. Para tanto, realiza o mapeamento da produção sobre Educação Física escolar e análise nessa produção, do ponto de vista de apropriações feitas através de concepções pedagógicas presentes nesses autores.

Também foram encontrados três artigos que tratam da fonte interesse de estudo neste trabalho. O primeiro deles com o título, “Cultura, material escolar e formação de professores: como disciplinar o corpo - imagens e textos, ” (CORRÊA, 2013). Nesse artigo, há o entendimento de que a cultura material encerra em seu interior concepções educativas por meio de prescrições escolares que indicam o que e como ensinar. Nessa perspectiva, é analisada a revista de Educação Física. Para a autora, o propósito do trabalho é analisar o conteúdo dessas revistas para apreender a concepção de educação física nelas contida, em consonância com os ideais do período no qual elas são produzidas e entram em circulação. Para tanto, procede-se a uma apreciação interpretativa que aponta para um entendimento disciplinar de cunho moral de formação que deveria ser disseminada pelos docentes nos estabelecimentos de ensino primário.

O outro artigo encontrado trata sobre a “Educação Física em Perspectiva Histórica: Publicações periódicas nas décadas de 1930 e 1940, publicado no XXVII Simpósio Nacional de História” (MONTEIRO, 2013). Tal pesquisa aborda os discursos e práticas produzidos em relação ao “corpo do brasileiro”, analisados como parte do processo de institucionalização da Educação Física, conformador dos debates em torno da elaboração de uma identidade nacional no referido período.

O terceiro artigo encontrado, “Revista de Educação Física: ciclo de vida, seção unidade de doutrina e lição de educação física (1932-2002)”, objetiva elaborar o ciclo de vida da Revista de Educação Física no período de 1932 a 2002; analisar as seções Unidade de Doutrina e Lição de Educação Física, identificando os eixos doutrinários e pedagógicos, e ainda como são prescritos e praticados no Exército e na escola. A orientação teórico-metodológica assume o periódico como objeto e fonte e os resultados indicam as características do periódico materializadas no ciclo de vida. Os eixos pedagógicos são: continuidade, alternância, graduação, atração e disciplina, que se encontram subordinados aos eixos doutrinários: hierarquia, ordem e disciplina. A Lição de Educação Física é distinta para militares e escolares.

Vale ressaltar que, similarmente à Revista de Educação Física (1932-1942)⁷ editada pelo Exército, circulou em período concomitante a ela, outro periódico, a Revista de Educação Physica, criada no Rio de Janeiro, editada de 1932-1945 e publicada por uma editora particular, a Cia. Do Brasil, primeiramente denominada de “Revista Técnica de Esportes e Atletismo”.

A Revista de Educação Physica foi idealizada por dois professores civis de educação física, Paulo Lotufo e Oswaldo M. Resende, primeiros diretores da revista, com o total de 88 edições. A circulação deu-se no Brasil, América Latina e Europa. As primeiras edições eram semestrais, a partir de 1937 passou a ser mensal e, por vez, bimestral. Em março de 1939, passou a chamar “Revista de Educação Física”. Seus objetivos gerais eram promover, divulgar e aperfeiçoar os esportes no Brasil. Em 1945, acrescenta também o princípio de norteamo eugênico (GOELLNER, 1999, p.4). Pode-se observar que esse periódico, similar ao objeto de estudo, em relação aos quesitos eugênicos e promoção da atividade física, tem como fator diferenciado, enfatizar a prática dos esportes no país, de maneira sistemática nos clubes e praças.

Em seus primeiros números, além dos textos escritos por esses autores, os editores da revista recorrem a outros articulistas e à tradução de artigos estrangeiros para viabilizar material a ser publicado e, assim garantir não só a regularidade e continuidade da publicação, como também assegurar ao periódico um perfil científico, transformando-o em uma fonte de consulta para profissionais da área e leigos

⁷A Revista de Educação Física, editada pelo Exército, teve o seu primeiro número em maio de 1932, é a revista mais antiga do Brasil, na área de educação física, pois, está sendo editado até os dias de hoje. Completou em maio de 2017, 85 anos de existência. Trabalhar com os números das revistas de 1932 à 1942, se justifica pelo interesse de estudo que é explorar as noções eugênicas também presentes nela. (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2015).

interessados na Educação Física e nos esportes. Para tal, se faz necessário esclarecer os fins desse periódico, ao analisar o primeiro editorial da Revista de Educação Physica, que define o mesmo como,

Revista Technica que visa apoiar a causa da educação **Physica**: Vulgarizando os princípios **científicos** que servem de base a educação **Physica**; favorecendo o surto dos esportes, como fator de aperfeiçoamento da raça, incentivando a formação de **technicos** especialistas; propagando os fins **Moraes** e **sociaes** das atividades **physicas**; despertando a atenção pública para este aspecto do problema educativo; coadjuvando o governo e instituições particulares na execução de seus programas de educação **Physica** (GOELLNER, 1999, p. 5 – grifos no original).

Assim sendo, foram analisadas e organizadas as leituras sobre as teses, dissertações e artigos relacionados que foram pesquisadas. Na sequência acerca das revistas pedagógicas no Brasil na década de 1930, foi detectada apenas uma tese intitulada: “A Revista de Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1945): o novo e o nacional em Revista” (BASTOS, 2005). E o artigo “Educação física na Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1935): organizar o ensino, formar o professorado” (VAGO, 2006).

Isso posto, a questão que orienta este estudo é: qual o ideário educativo esteve presente e foi veiculado por meio da Revista de Educação Física entre os anos de 1932-1942 e qual a sua finalidade?

A partir da questão norteadora de pesquisa, elencou-se como o objetivo geral: analisar o ideário educativo que esteve presente na Revista de Educação Física, editada pelo Exército entre os anos de 1932-1942. Como objetivos específicos, estabeleceu-se: assentar a Revista de Educação Física no período entre 1932 e 1942; situar o Exército e sua relação com a Revista de Educação Física; analisar o ideário educativo nela presente, destacadamente no que concerne à formação de escolares e de professores entre os anos de 1932 a 1942.

Com efeito, para que se possa entender a Educação Física como disciplina escolar,⁸ é preciso situá-la em sua origem. A partir de 1851, a Educação Física tem a sua promulgação do “Decreto 6370 de 1876. Nessa denominação, tratava-se da criação de meios de formação de professores” (Projeto de Lei de 21/09/1905) (DA COSTA, 2006, 489).

⁸ Ver dados conceituais no item a seguir.

Segundo Silva (2012), “potência, rendimento, excelência técnica e performance são alguns dos atributos agregados a Educação Física ao longo dos anos, seja no cenário esportivo, seja nos imperativos da beleza e saúde”. Nesse sentido, a Educação Física vem se vinculando a uma série de saberes que têm direcionado seu fazer prático (SILVA, 2012, p. 14)

Em 1916, a Educação Física foi regulamentada no município do Rio de Janeiro, “período em que foi dado ao médico a atribuição de orientá-la favorecendo as necessidades e a capacidade de cada idade e sexo”. No início do século XX, a expressão “Educação Physica” era utilizada, com frequência, para denominar a disciplina responsável em trabalhar as questões de ordens físicas, desenvolvida juntamente com a educação moral e intelectual (DA COSTA, 2006, p. 489).

Após a regulamentação no Distrito Federal, houve o movimento em prol da constituição da disciplina de Educação Física, que vinha ao encontro da necessidade de formação dos sujeitos de maneira completa. Essa disciplina, além do caráter de respaldar o aspecto físico e intelectual, estava inserida em outras áreas afins que, por meio dessa inter-relação ocasionada pelo ideário de governo, foi instituída e constituída no período, como um instrumento de melhoria racial. Segundo Silva

entre fins dos anos de 1910 e 1920, a Eugenia, ciência da melhoria da raça, é incorporada aos dizeres de Fernando de Azevedo⁹ e Renato Kehl¹⁰ que propagandeavam as práticas de exercitação física com capazes de eugenizar a população brasileira. Concebida como uma ciência que legaria a boa descendência à espécie humana, a Eugenia, apoiada nas teorias da Hereditariedade¹¹, versa sobre os exercícios e constitui na interface com Higiene, Saneamento, Educação, etc., uma rede de relações de saber-poder. A educação física ajudaria a construir uma estética eugênica na medida em que colocava à mostra belos corpos se exercitando. (SILVA, 2012, p. 14)

Desse modo, ficou estabelecida a relação de saber-poder com o ideário eugênico que, ao aproximar essa relação, contribuiu e influenciou a constituição da disciplina no seu meio social e escolar. Assim, a educação física foi considerada um

⁹ Sobre as relações entre Fernando de Azevedo e a Eugenia, indicamos Goellner e Silva (2011), bem como o texto Fernando de Azevedo e a Educação Física (BONORINO, Revista de Educação Física, ano 2, n. 6, março, 1933, p. 14)

¹⁰ Renato Kehl foi um dos médicos eugenistas mais influentes do Brasil. Sobre as relações entre Renato Kehl e a Educação Física é indicado (SILVA, 2009).

¹¹ Há uma profícua discussão acerca das teorias da hereditariedade e seus vínculos com Eugenia. Assim sendo, as especificidades das proposições de Lamarck, Mendel, Weismann, Galton, etc. conferiram perspectivas distintas à “ciência da melhoria da espécie”. (STEPAN, 2005), (SILVA, 2009). Transitam por essas discussões.

instrumento cultural com os seus signos e representações, que foram direcionados para as necessidades de classes dominantes presentes no período.

Da Costa (2006, p. 489) conceitua que o intervalo de 1917 a 1929 foi um período que marcou a disciplina de educação física, quando:

A expressão “Educação Physica” substituiu o termo “gimnástica” a qual se destinava às atividades para nomear um dos componentes da Educação, ou seja, aquele que lidaria com o físico, em conjunto com a Educação Moral e Intelectual, principalmente quando a mesma passou a ser difundida com mais ênfase pelas escolas normais no Brasil, por corporações e escolas militares e pela Escola de Educação Física do Exército.

Em meio a esses princípios, e perante a necessidade existente no meio militar e na sociedade em geral, que se preocupava com a formação do sujeito de forma global, não somente pela melhoria dos aspectos físicos, mas que a relação de atividade física-intelecto, a atividade traria benefícios psicomotores aos seus praticantes que era de interesse do Estado.

Em relação a esse contexto, o Exército toma a frente na criação de uma Escola de Formação de Instrutores (E.F.I). Para tanto, surge em 1919,

um grupo de oficiais e cadetes da Escola Militar - RJ, fundou a União Atlética da Escola Militar, e se propôs a promover a sistematização da Educação Física nos meios militar e civil. Era um núcleo de idealistas influenciados pela Missão Indígena, cujos esforços culminariam com a criação da Escola de Educação Física do Exército. À frente deste movimento, achava-se o Tenente Newton Cavalcanti, seu incentivador maior, que mais tarde foi diretor da Escola (SOEIRO, 2004 p. 127).

Os acontecimentos ocorridos no Exército ajudaram na capacitação da formação de professores que se fez necessária nesse ínterim. Por esse e outros acontecimentos importantes, como a criação da Associação Brasileira de Educação (ABE), a década de 1920 foi um momento histórico com mudanças no campo da educação e da educação física, tanto no aspecto qualitativo como quantitativo, que ajudaram a disciplina a se significar no meio educacional, por meio das novas teorias, metodologias e critérios que eram atualizados constantemente, por intermédio de livros e revistas.

Os cuidados destinados à educação física eram de interesse das necessidades do Exército em constituir soldados com melhor capacidade atlética e psicológica. Contudo, como a meta era atingir a outros segmentos da população para a formação

de uma nação forte, seria necessário estender e divulgar esse programa. Nesse sentido, os preceitos militares em prol da formação do curso de Educação Física eram veiculados sistematicamente e podem ser observados em inúmeros editoriais da sua Revista.

Ao relacionar esses preceitos com a citação de Soeiro (2004) sobre a criação da União Atlética da Escola Militar, serviu de base e estava nesse ato instituída a primeira ação em prol da criação da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEX), apesar de haver um lapso entre a colocação da pedra fundamental e a formação da primeira turma de instrutores de educação física.

No início de 1929, o Ministro da Guerra, General Nestor Sezefredo Passos publicou um anteprojeto de lei, elaborado por uma Comissão de Educação Física sob sua presidência, que tornava a educação física obrigatória para ambos os sexos em todos os estabelecimentos de ensino, federais, municipais e particulares, a partir da idade de seis anos. Além disso, deveria ser criado um Conselho Superior de Educação Física, que teria por finalidade

Centralizar os trabalhos elaborados pelos órgãos técnicos, estudar os documentos providos do estrangeiro, coordenar todos os elementos próprios à criação do Método Nacional de Educação Física, e, finalmente, vulgarizar por todos os meios e modos tudo que disser respeito ao assunto (CASTRO, 1997, p.6)

O Estado estava propenso a instituir o método francês, após a visita de militares franceses ao Brasil, que aqui estiveram para convencer de que o seu método era o melhor e mais eficaz para o país.

Baseando-se nesses propósitos, a Escola de Educação Física do Exército (EsEFEX) criou o curso de instrutores de educação física, com a primeira turma formada em 1929. Tal instituição deu origem, em 1931, ao Centro Militar de Educação física, que passou a se chamar, no ano de 1933, “Escola de Educação Física do Exército” (EsEFEX), que mais tarde seria a base para a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, criada pelo Decreto Lei 1.212, de 2 de maio de 1939.

No período de 1933-1941, a EsEFEX, exerceu diversas frentes em prol da Educação Física, eugenia, esportes e formação de professores. Com base no artigo que cita a respeito do cunho eugênico dos militares e o surgimento do curso de Educação Física, por meio de relatos presentes no periódico que

compartilha tanto da eugenia à época prevalecente no país – reforçando ideais do povo brasileiro como uma raça forte – como da formação e especialização em Educação Física e Medicina Esportiva como uma contribuição prioritária da EsEFEX para o desenvolvimento institucional destas áreas de intervenção profissional. Os marcos deste período foram a criação em 1929, do Curso provisório de Educação Física”, fundação em maio de 1932, da “Revista de Educação Física” considerada órgão oficial da EsEFEX; suporte, em 1939, para a efetiva institucionalização da Medicina do Esporte no Brasil; criação, em 1936, da “Colônia de Férias”, uma das atividades precursoras do esporte recreativo como inclusão social no país, sob liderança do Capitão Ignácio de Freitas Rolim e do Sargento Custódio Batista Lobo (SOEIRO, 2006, p. 129).

Com o aperfeiçoamento da industrialização no país, da necessidade das concepções de Segurança Nacional, com a iminência de uma guerra a nível mundial, o país precisava da melhoria da constituição física do povo brasileiro, por intermédio do processo de eugenia da raça, segundo preceitos eugênicos defendidos no Brasil, desde o Império, como veremos adiante. Além da mão de obra forte, fisicamente adestrada e especializada.

Para tanto, foi utilizado o programa de educação física nas escolas com a prática de exercícios, por meio de aulas diárias, que traziam uma rotina que indiretamente influenciava os jovens e crianças a realizarem atividades desportivas e recreativas também fora do ambiente escolar. Nesse sentido, os sujeitos que frequentavam os clubes, escolas, praias e praças recebiam orientação dos instrutores e médicos que eram destinados a trabalhar nesses locais para a profilaxia de doenças e encaminhamento, quando necessário, ao tratamento hospitalar (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1932-1939).

Tais medidas de obrigatoriedade fortaleceram a disciplina de Educação Física, mas devido ao cunho militar que se instalava, não agradava ao meio civil. Principalmente a Associação Brasileira de Educação (ABE)¹², que estabeleceu pressões contrárias aos militares. Essas pressões da ABE não tiveram forças para reverter essas medidas de cunho militar, pois, com a reforma do ensino secundário realizada pelo ministro da Guerra Francisco Campos, em 1931, por meio do (decreto nº 19.890, de 18 de abril, 1931), tornaram-se obrigatórios os exercícios de educação

¹² Sobre a ABE foi produzido o trabalho de Marta Carvalho (1998) – livro fruto de seu doutoramento. Marta Carvalho teve como objetivo em sua obra analisar o processo de organização e formação da Associação Brasileira de Educação, atentando para a proposta comum dos intelectuais participantes. Neste sentido, explicitou as ações nacionais e locais do movimento. Uma das ações principais para a veiculação das ideias do projeto da ABE foram, sem dúvida, as conferências de educação.

física em todas as escolas do país. Por não existir no momento uma regulamentação oficial, Francisco Campos determinou a adoção das normas e diretrizes do Centro Militar de Educação Física (portaria nº 70, de 30 de junho, 1931), por meio do Método Francês intitulado pelo Exército como o método oficial a ser ministrado no país, modelando as aulas de educação física (CASTRO, 1997, p.9).

Esse importante órgão civil, a ABE, fundada em 15 de outubro de 1924, por Heitor Lyra da Silva. Era definida como uma sociedade civil, de adesão voluntária, que reunia professores e interessados em educação, fossem jornalistas, políticos, escritores ou funcionários públicos. A sede da ABE se localizava no Rio de Janeiro. Em outros municípios, a filiação à entidade se fazia por meio das seções regionais que gozavam da mais ampla autonomia. Tal instituição realizou a organização de vários eventos educacionais, dentre eles o VII Congresso de Educação realizado no Rio de Janeiro, em 1935.

A atuação dessa associação ocorria por meio de encontros em que se discutiam temas de educação, cursos, publicações, pesquisas, e, principalmente, por meio de conferências ou congressos nacionais de educação que abordavam temas específicos. Seu objetivo era de “dar ideias e pressionar de certa forma o Estado, que até então era detentor de todas as decisões a respeito da educação” (CASTRO, 1997, p.9).

A ABE era contrária à resolução do Ministro da Guerra, pois pretendia a criação de uma Escola de Educação Física anexa à Universidade do Brasil, com o intuito de preparar instrutores civis para as escolas primárias, secundárias e normais. Os professores seriam selecionados pelo Ministério do Interior que era responsável por assuntos ligados à educação. “O receio da ABE seria de que ocorresse o mesmo processo de invasão militar na educação, como na França” (CASTRO, 1997, p.8). Pois desta forma, o meio civil, não teria acesso as decisões mais importantes sobre a educação no país. Pelo fato, dos militares exercerem esse domínio tácito, impossibilitando que o órgão cumprisse com as suas diretrizes de pressionar o Estado.

Pelo fato de ter sido escolhido o Método Francês a ser ensinado pela disciplina de Educação Física, cabe um certo aprofundamento a respeito do conceito e abrangência dele. Segundo Goellner (1992, p. 9),

O método Francês alinhava a formação higienista, militar e ideológica (com forte teor nacionalista). Além de ser a primeira doutrina a aportar em nosso território tornou-se, também, a primeira metodologia legal a ser reconhecida e utilizada em currículos escolares (...) Quanto ao discurso pedagógico emanado pelo Sistema Francês, percebo como predominante duas vertentes: uma oriunda do pensamento médico higienista, fundada na abordagem positivista da ciência, que invadiu o contexto escolar em nome da manutenção da saúde; outra, transporta da caserna, que percebeu na escola mais um espaço a ser ocupado no tocante a um trabalho com a disciplinação a manutenção da ordem e a imposição de valores. Vertentes estas que na sua essência apontavam para o fortalecimento da raça brasileira, tão necessária à consolidação do processo de industrialização que se instaurava.

Nota-se que o Método Francês vai ao encontro do ideário político e educacional de Vargas. Nesse sentido, não foi escolhido meramente por acaso, já que vem somar-se às ideias e ao contexto em que se insere.

Faziam-se necessárias, no momento de transição, normas e regulamentações para a educação física. Por esse motivo, o Centro Militar de Educação Física (CMEF) formou uma comitativa para elaborar um Plano de Ensino de 1932¹³, organizado pela comissão encarregada de redigir o regulamento da Escola de Educação Física, com cursos direcionados a militares e civis; dentre eles: cursos de Informações, de instrutores, de monitores, complementar de monitores, curso de instrutores e monitores civis, de revisão para instrutores e monitores. Os cursos estavam divididos em três partes: ensino geral teórico e prático, ensino prático, excursões e visitas. As disciplinas que compunham os cursos eram: Biologia (anatomia e fisiologia dos grandes aparelhos, bioquímica), Quinesiologia¹⁴, higiene e socorros de urgência nos acidentes desportivos. (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1932, nº 1, vol. 1).

Decretada a obrigatoriedade e o modelo militar a ser seguido, em 1933 foi oficialmente aprovado o Regulamento de Educação Física do Exército (decreto nº 21.324, de 27 de abril, 1933), que norteava as aulas a serem ministradas (CASTRO, 1997, p.9). Nesse mesmo período, por meio da transformação do Centro Militar de Educação Física já existente, sob o (Decreto nº 23.252, de 19/10/33¹⁵), passou esse

¹³ A respeito do Plano de Ensino de 1932, suas regras e público alvo, civil ou militar que cada curso se destinava, podem-se ter maiores detalhes na (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, nº 1, vol. 1, 1932).

¹⁴ Quinesiologia tem o mesmo significado de Cinesiologia. É uma área de estudo que tem como objetivo compreender os fundamentos do movimento humano a partir da criteriosa análise de suas estruturas anatômicas, especialmente, dos ossos e músculos esqueléticos. O termo Cinesiologia tem origem do grego (kinein = movimento; logos = estudo) e significa literalmente “estudo do movimento”.

¹⁵ Art. 2º A Escola terá como objetivos: a) proporcionar o ensino do método de Educação Física regulamentar; b) orientar e difundir a aplicação do método.

Parágrafo único. Para este fim: a) formará instrutores e monitores de educação física, mestres de armas e monitores de esgrima; b) proporcionará aos médicos especialização em educação física; c) formará

centro a se chamar “Escola de Educação Física do Exército” (EsEFEX), nome que o denomina até os dias atuais, instalada na Fortaleza de São João (BRASIL, 1933).

A EsEFEX formava instrutores de educação física, mas exigia alguns pré-requisitos para ministrar aulas, como ter o curso completo primário, além de cinco anos do curso secundário. Destinada à divulgação das práticas esportivas e orientações quanto aos cuidados com o corpo e alimentação, até então esse trabalho era realizado exclusivamente por médicos higienistas¹⁶, como pode-se notar no artigo “Porque não está se desenvolvendo o esporte no Brasil”, assinado por Rappaport, ao relatar que

Os médicos oficiais além dos exames feitos pelos alunos visitariam trimestralmente as escolas, em dia previamente marcado, devendo estar presente todos os alunos. Os alunos deveriam ter noções dadas pelo médico, sobre alimentação, que deveria ser estudada, levando-se em conta as possibilidades locais e econômicas do meio (RAPPAPORT, Revista de Educação Física, ano 4, n. 29, dezembro, 1935, p. 6).

A atuação dos médicos higienistas no meio escolar ocorria pela falta de instrutores e profissionais qualificados para ministrar as aulas de educação física até a década de 1920. Com a formação de instrutores e professores pela Escola de Educação Física do Exército, ocorreram mudanças no contexto escolar e, em particular, nessa disciplina, que cuidava do aspecto físico e mental dos alunos.

Com efeito, durante o Estado Novo, a influência militar sobre a área da educação física parece ter sido significativa. A Constituição promulgada em 10 de novembro de 1937, através do art. 131¹⁷, tornou obrigatória, pela primeira vez na história constitucional do Brasil, os exercícios físicos em todos os estabelecimentos de ensino primário e secundário do país.

A prática de atividades físicas tinha como objetivo fortalecer os sujeitos e constituir uma mão de obra vigorosa para suprir as necessidades do aparelho

massagistas desportivos; d) fornecerá aos oficiais, em geral, os conhecimentos indispensáveis à direção da educação física e da esgrima; c) formará, eventualmente, para fins não militares, instrutores e monitores de educação física, recrutados no meio civil; f) incrementará a prática da educação física e dos desportos; g) estudará as adaptações a serem introduzidas no método, submetendo-as à apreciação do Estado-Maior do Exército; h) manterá correspondência com os institutos congêneres nacionais e estrangeiros (BRASIL, 1933).

¹⁶ Como se pode investigar em estudos de Gondra (2004) e Schwarcz (1993).

¹⁷ Art. 131 - A educação física, o ensino cívico e o de trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça aquela exigência (BRASIL. Constituição Brasileira de 10 de novembro de 1937).

industrial que estava em processo de desenvolvimento, mão de obra operária saudável para o fortalecimento da indústria nacional e defesa da nação, conforme a redação do art. 132 da Constituição de 1937¹⁸.

Além disso, o cuidado com a saúde visava prevenir o indivíduo de doenças e moléstias que afetam a população, por isso os modelos advindos da França, Suécia e Alemanha eram elaborados através de ações entendidas como forma de evitar males ocasionados pela falta de cuidado com o corpo.

ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

Este estudo é de natureza histórica, situado no campo da História da Educação, realizado por meio de levantamento, seleção e sistematização bibliográfica sobre o assunto. Além das fontes propriamente bibliográficas, a Revista de Educação Física (1932-1942) é tomada também como objeto de estudo.

O aporte teórico é trazido da História Cultural por meio da acepção de Chartier (1990) para quem ela possibilita entender como em diferentes lugares uma dada realidade social é construída e dada a ler, e como ela pode ser apreendida desde as disposições de diferentes grupos sociais.

As divisões sociais citadas por Chartier não ocorrem de maneira pré-estabelecida, pela posição ou condição social, mas de acordo com a inter-relação de

Assim, a “Revista de Educação Física” fornece dados para analisar conteúdos contidos em seus editoriais e artigos, que demonstram modos de pensar de segmentos dominantes, por meio da educação nela veiculados, visando, ao que tudo indica, interesses particulares de grupos que, entre outros, têm o objetivo de posicionar o sistema educativo à mercê do seu autoritarismo político (HORTA, 2012). Esse impresso é um objeto cultural, inserido na cultura material escolar, que veicula saberes escolares, e, é portador de finalidades educativas.

¹⁸ Art. 132 - O Estado fundará instituições ou dará o seu auxílio e proteção às fundadas por associações civis, tendo umas; e outras por fim organizar para a juventude períodos de trabalho anual nos campos e oficinas, assim como promover-lhe a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-la ao cumprimento, dos seus deveres para com a economia e a defesa da Nação (BRASIL. Constituição Brasileira de 10 de novembro de 1937).

No bojo metodológico e conceitual, torna-se importante o entendimento da Educação Física como disciplina escolar, pois as disciplinas compõem a formação escolar e de pessoas de modo geral.

Para esse entendimento, cabe conceituar disciplinas escolares, segundo Chervel (1990, p. 178), como aquilo que se ensina, por meio da acumulação e associação de partes constitutivas. Essas disciplinas escolares, também podem ser denominadas como “disciplina do intelectual”, ou simplificada a um ato disciplinante dos afazeres escolares. Após a restauração da nova forma de se fazer escola no século XIX, foi conceituada como “a instrução que o aluno recebe do mestre” (CHERVEL, 1990, p.178-179). Seguindo a acepção de Chervel, ela tem cumprido finalidades específicas em certos momentos históricos. Tais finalidades se fazem presentes para discorrer sobre a formação da educação física enquanto disciplina.

Assim podemos entender a disciplina de Educação Física, por meio de um trecho de Oliveira (2007, p. 266), quando refere que são,

Construtos sócio-culturais, historicamente contingentes. Elas são herdeiras de processos de seleção e transmissão culturais devedores de disputas que procuram afirmar ou infirmar saberes, práticas e condutas, que definiram e continuam a definir o lugar de indivíduos, grupos ou classes na organização da cultura.

Desta arte, a educação física está inserida nos processos de seleção e transmissão cultural que ao exercer papel social, auxilia na orientação de seus sujeitos nas disputas sociais e culturais. Aquela que pode levar a pensar em outra forma de disciplina, não como formação escolar citada anteriormente por Chervel (1990), mas agora sob o aspecto de disciplinar o corpo e a mente por intermédio de exercícios ou a disciplina exercida pelos militares, o que pode ser observado no ideário educacional de Vargas.

Para Foucault (2008, p. 119), aspectos de hierarquia social para disciplinar os sujeitos não somente na forma de pensar, mas também ao exercer poder nos corpos dóceis, que são

corpos maleáveis e moldáveis, o que significa que, por um lado, a disciplina se submete ao corpo num ganho de força pela sua utilidade; e, por outro lado, perde força pela sua sujeição à obediência política (...) se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (grifos no original)

Nesse aspecto, a disciplina, além de docilizar os corpos, determina a acomodação dos sujeitos em relação ao domínio estabelecido pelas instituições ou grupos que detêm o poder e realizam esse processo.

Entende-se que a Revista de Educação Física, de algum modo, concorreu para a disseminação de certos preceitos educativos, tendo, assim, se constituindo-se, por essa via parte da cultura escolar do período no qual circulou, em especial em grupos escolares, principalmente pelo fato de poder ser descrita como portadora de “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001, p.9).

1 ERA VARGAS (1930–1942) E ASPECTOS DA EUGENIA

Este capítulo situa o objeto de estudo no sentido de compreendê-lo historicamente. Trata-se de um exercício necessário a fim de que se possa entender, principalmente, o papel do Exército à frente da Revista de Educação Física, por meio da sua posição no Estado Maior das Forças Armadas.

Com efeito, para compreensão de nosso objeto de estudo convém minimamente situá-lo no período no qual é analisada a Revista de Educação Física. A década de 1930, marcada como uma etapa de transformações no cenário mundial decorrentes da grande depressão advinda da crise da bolsa de valores de Nova York de 1929. No Brasil, levou a derrocada do principal meio de exportação, o café. Foi “um momento político econômico desfavorável, que Vargas aproveitou para a implementação da estruturação e expansão industrial da nação” (LEVINE, 2001, p.23), por intermédio da construção de estradas, ligando os polos produtivos aos portos, o interior aos grandes centros, o que incentivou a abertura de fábricas e produção de utensílios.

Vargas procurava realizar melhores articulações entre a educação e o mercado de trabalho, para tal segundo Corrêa & Pinto (2015, p. 77), referem que:

(...) as ideologias e medidas nacionalistas foram fundamentais no Brasil para consolidar um modelo de substituição de importação no período após os anos de 1930; mas não bastaram para fazer frente às distintas pressões postas pelo pós-guerra.

Com efeito, o governo Vargas também foi chamado de República Populista, pois o populismo¹⁹ “foi um fenômeno efervescente na América Latina que surgiu no período entre guerras, onde as classes populares eclodiram com a substituição do modelo agrário-exportador pelo nacional-desenvolvimentista” (ARANHA, 2006, p.

¹⁹Populismo é uma forma de governar em que o governante utiliza de vários recursos para obter apoio popular. O populista utiliza uma linguagem simples e popular, usa e abusa da propaganda pessoal, afirma não ser igual aos outros políticos, toma medidas autoritárias, não respeita os partidos políticos e instituições democráticas, diz que é capaz de resolver todos os problemas e possui um comportamento bem carismático. É muito comum encontrarmos governos populistas em países com grandes diferenças sociais e presença de pobreza e miséria (<http://www.dicio.com.br/historia/>. Acesso realizado em 02 de novembro de 2017)

295). O populismo²⁰ de Vargas tinha várias formas e se alterava conforme o presidente o adaptava as suas necessidades e prioridades. Surgiu com a plataforma da Aliança Liberal²¹ de 1930 com ênfase aos trabalhadores e às suas carências como também para a nação, que deveria ser reestruturada em busca das melhorias sociais. Durante o governo provisório, recebeu uma conotação mais corporativa, alcançando o ápice na ditadura do Estado Novo, quando os pedidos públicos de Vargas a favor da ética do trabalho e do patriotismo tornaram-se mais fervorosos com destaque na campanha executada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Foi o “órgão central de informações governamentais, diretamente subordinado à Presidência da República”. (...) O mesmo órgão era “encarregado também da censura à imprensa e ao rádio”. Os meios de comunicação foram exaustivamente utilizados por Getúlio, para inculcar na população o seu ideário de governo (SODRÉ, 1970, 107-108).

As metas populistas dos anos de 1930 eram acompanhadas pelos estados, por uma enorme interposição do governo federal, salientando a necessidade de uma reorganização da economia e viabilização das imensas regiões do país a se tornarem produtivas (LEVINE, 2001).

Tais problemas vinham se arrastando desde o período da Primeira República e se agravaram com o aumento da população urbana que demandava um crescimento econômico com empregos e renda, da burguesia nacional que pleiteava espaço para os seus negócios e das Forças Armadas que necessitavam de espaço para estabelecer a defesa e a segurança nacional, além de fatores externos como a crise mundial, em consequência da Primeira Guerra, e a falta de infraestrutura no país.

Sobre o populismo varguista, Levine (2001, p. 25), assim se manifesta:

²⁰ Movimento populista caracterizou-se por ter uma base urbana, constituírem uma coalisão de muitas classes, serem hierárquicas, cooptadoras, não revolucionárias, dirigidas por figuras carismáticas, que prometiam atender as queixas das populações e constituir uma solidariedade social (LEVINE, 2001, p.22).

²¹ Esta Aliança era formada por políticos de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba, que se uniram para apoiar a candidatura de Vargas e derrubar Júlio Prestes, candidato paulista indicado pelo então presidente Washington Luís (LEVINE, 2001).

[...] foi um veículo utilizado para manter o poder político, conferir autonomia e influência ao estado centralizador, e nunca para renunciar ao controle real. No que se referia ao Brasil, os programas decorrentes da legislação social de Vargas eram essencialmente manipuladores, técnicas enganosas empregadas para canalizar a energia de grupos emergentes – principalmente das classes médias e trabalhadoras assalariadas e urbanas – para entidades controladas pelo governo. Os brasileiros acolheram as iniciativas de Vargas por elas lhe prometerem melhores condições de trabalho, garantia de emprego e oportunidades de habilitação subsidiada.

Esse apoio popular das grandes massas, somado ao apoio militar levaram Vargas ao poder, quando iniciou a era Vargas²², que se pode denominar como o período compreendido a partir da revolução de 3 de outubro de 1930, quando Getúlio Vargas chegou ao poder, pela união de forças políticas, civis e militares, apoiadas pela elite dissidente, descontente com a continuidade das oligarquias²³ dominantes, de São Paulo e Minas Gerais, que se alternavam no poder, na política regionalista do café com leite. As eleições de 1930 cindem essa espécie de revezamento por São Paulo.

Desta forma, os políticos descontentes, ou seja, aqueles que não concordavam com a quebra do revezamento instituído pelos políticos do Estado de São Paulo, formaram a Aliança Liberal, com o intuito de lançar o candidato representante de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba, contra o candidato de São Paulo. Após as eleições fraudulentas, Vargas foi derrotado, o que ocasionou o início de manifestos sociais em seu apoio por todo o país. Das classes populares que simpatizavam com “a proposta de aumentar o eleitorado concedendo direito de voto as mulheres, de reconhecer as necessidades dos trabalhadores industriais, de estender a presença do governo para o interior” (LEVINE, 2001, p. 17).

Apesar do apoio popular, a revolução teve a autoria vinda das elites dissidentes e grandes latifundiários que deram sustentação ao movimento culminando no golpe instituído pela Aliança Liberal de Vargas com a tomada de repartições públicas e quartéis nas principais cidades do país e no Distrito Federal, utilizando a força dos aliados, oficiais militares e suas tropas, que destituíram o Presidente Washington Luís,

²²A era Vargas pode melhor ser assim distinguida: o período do Governo Provisório (1930-1934); Governo Constitucional (1934-1937) e Estado Novo (1937-1945). “Posteriormente, Vargas retorna ao poder eleito por voto direto em 1951, governando o Brasil até agosto de 1954” (CORRÊA & PINTO, 2015, p.76).

²³ “Que se caracterizava por ser um sistema federativo sob o qual os estados mais ricos- todos no centro-sul dirigiam o país, deixando apenas migalhas para as unidades mais pobres da federação”. Onde muitos brasileiros não tinham acesso às condições mínimas de subsistência, enquanto uma minoria vivia confortavelmente (LEVINE, 2001, p. 17).

dando fim a Primeira República no Brasil. Essa passagem é importante para trazer à tona o Exército como força militar/política cujo escopo será usado, entre outros, para fortalecer o espaço militar que vinha sendo reivindicado desde os meados da Primeira República, por meio de ações como a criação e veiculação da Revista de Educação Física, editada pelo Exército.

A Era Vargas não se resume apenas a um período eletivo ou plano econômico, “mas ao que se estabelece em termos políticos econômicos e sociais no Brasil a partir de 1930, que indicaram de forma indiscutível e indelével o procedimento de urbanização, organização da sociedade e da industrialização brasileira” (D’ARAUJO, 1997, p. 9). A forma com que o presidente governou o país, o povo, a defesa nacional, os negócios, creditou ao governo um poder centralizador e soberano, que se contrapõe ao modelo de governo descentralizador e federalista exercido na Primeira República.

Desta forma, o presidente Vargas exerceu “domínio sobre trabalhadores e sindicatos, investimentos públicos, legislação social, planejamento estatal, com o Estado se tornando um agente econômico. Foi intervencionista, centralizador, planejador e investidor”. Quanto à política foi marcado pela mínima liberdade aos seus adversários, “pela fraqueza da participação por entraves legais a organização e expressão de opiniões, por seu cunho ditatorial e populista” (D’ARAUJO, 1997, p. 9).

Vargas não executou somente um poder tácito, mas também simbólico, que nas palavras de Bourdieu (1989, p. 7), há a referência a

[...] um cenário de campo, onde o abstrato das relações humanas pode estar no centro ou em lugar nenhum, representados através de símbolos ou não, com as pessoas que a realizam sem querer aparecer ou sem fazer questão de se referenciar o poder que está exercendo.

Esses preceitos estavam presentes na maneira pela qual Vargas conseguia, com a habilidade política, estabelecer conexões e parcerias entre diversos segmentos sociais muitas vezes opostos, como os militares, a elite industrial e até as oligarquias cafeeiras. A elas manteve subsídios generosos em troca de apoio político por um bom tempo, mantendo a ordem e o poder centralizador do Estado (LEVINE, 2001).

Esse foi um dos grandes desafios do governo de Vargas, manter a ordem e o equilíbrio entre os vários grupos que julgavam serem detentores de poder, ou que perderam este poder e queriam retomá-lo.

As elites dissidentes, formada pelos comerciantes e industriais emergentes, que tinham como objetivo se estabelecer dentro de uma nova sociedade urbana industrial, que vinha a substituir o modelo político-social anterior, que era rural-agrícola (LAUERHASS JUNIOR, 1986).

Essa elite, mesmo sem ter uma participação direta na revolução de 1930 manifestaram apoio incondicional a Vargas em diversos momentos do seu governo, a não ser quando os assuntos a serem tratados pelo presidente se faziam em defesa da classe operária, com leis e programas a serem votados. Em situações como essas as elites abdicaram de qualquer responsabilidade para com assuntos sociais mais amplos, manifestando-se imparciais (LEVINE, 2001). Esse posicionamento das elites parecia ter ou fazer parte do jogo político que existia, com tensões e busca de novos terrenos no campo de conflitos, que eram sabiamente intermediados por Vargas.

O novo modelo econômico alavancou o comércio e o interesse pelo consumo de diversos produtos, dentre eles a literatura. Com foco nessas mudanças, José Olímpio fundou uma editora que levou o seu nome, ele foi descrito por Sodré (1970, p. 72), como:

Um escritor audacioso, sagaz, inteligente, compreendeu que estava começando a existir, no Brasil, já em proporções razoáveis, o mercado do livro, isto é, que o livro, além de sua função didática, começava a existir como mercadoria e sua existência, assim, apresentava, agora, duplo aspecto: o cultural e o mercantil

Essa visão empreendedora acompanhou os novos modelos socioeconômicos que se situavam na sociedade brasileira na década de 1930, ocasionadas pelas mudanças estruturais, necessidade de melhoria da cultura, aumento do comércio nas grandes cidades, urbanização e pelo êxodo rural.

Assim foi em linhas gerais, o cenário do governo provisório ou de intervenção (1930-1934), estabelecido no dia 11 de novembro de 1930, quando Vargas assinou o Decreto 19.398, dando legalidade ao seu governo. O presidente de posse deste instrumento adquiriu plenos poderes, até “a eleição de uma Assembleia Nacional Constituinte em 15 de novembro de 1933, que após longos esforços e trabalhos realizados entregou a nova Constituição em 16 de julho de 1934” (D’ARAUJO, 2011, p. 30).

Mas em seu discurso na promulgação da nova Constituição, Vargas manifesta sua posição, quanto à falta de poderes destinados ao executivo:

Estes dias foram de intenso trabalho. Dos ministérios, jorravam quase diariamente dezenas de decretos para assinar antes da promulgação da Constituinte. Afinal, chegou esse dia. Entre festas e demonstração de regozijo, foi promulgada a nova Constituição. Parece-me que ela será mais um entrave do que uma fórmula de ação. [...]. Ora, quem examinar atentamente a matéria da nova Constituição verificará, desde logo, que ela fragmenta e dilui a autoridade, instaura a indisciplina e confunde, a cada passo, as atribuições dos Poderes da República. Na síntese, que submeto ao vosso apreço, observareis facilmente a ilustração daquele asserto (D'ARAUJO, 2011, p. 30).

O Presidente Vargas em pouco tempo destituiu todos os ministros, os governadores dos estados nomeando interventores em seus lugares, civis e jovens oficiais militares inexperientes que o apoiaram no golpe. Fechou o Congresso Republicano, as Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais. Extinguiu os partidos políticos, combateu o regionalismo, com o propósito de enfraquecer os adversários políticos. Dissolveu legislaturas por todo o país, perseguiu os comunistas e todos que se opunham ao seu governo, com uma polícia muitas vezes viril. A administração do Estado apresentava propostas moralizadoras, nacionalistas, “que traziam renovação em relação ao antigo governo, propostas de cunho autoritário, centralizadas pelo Estado e elitistas” (GUNTER, 2005, p. 57).

Vargas instituiu os Ministérios da Educação e Saúde, do Trabalho, Indústria e Comércio, com o intuito de pôr em prática o seu programa de governo, visando a realização de um saneamento moral e cívico, com campanhas de defesa social e educação sanitária, incentivando os estados a promoverem o ensino público, pois, a insuficiência de ofertas nestas áreas era grande pelas proporções territoriais do Brasil e políticas sociais anteriores insuficientes²⁴ (LEVINE, 2001).

Assim, o Estado veio com “novos princípios políticos (combater os regionalismos e restringir o poder das oligarquias, através de interventores para os governos estaduais)”. Com a criação de empresas estatais e melhoria no seu funcionamento na parte administrativa com a criação do DASP²⁵, para aumentar a eficiência e economia dos órgãos públicos. Vargas, apoiado pelos militares, realizou o golpe político, passando o Estado a exercer o poder sobre a economia por meio de

²⁴ A exemplo ver informações em Horta (2012)

²⁵ Departamento Administrativo do Serviço Público (GUNTER, 2005).

financiamentos públicos e autarquias federais. Os poderes do presidente aumentaram sobremaneira o controle e monitoramento da expressão e os desdobramentos do corpo político, com uma burocracia autoritária (GUNTER, 2005, p. 93).

Nesse cenário, o processo de industrialização foi acelerado, pois não havia mais solução para manter o modelo econômico agroexportador. Para Vargas a essência do processo de modernização estava no desenvolvimento e estabelecimento de prioridades e planejamento. Desta forma “criaram-se empresas estatais, com investimentos diretos na economia, priorizando os setores de eletricidade, petróleo, comunicação, rodovias, ferrovias e portos. Na política industrializante de Vargas, o Estado seria o protagonista do projeto modernizador”²⁶ (MASCARENHAS, 1994, p. 46).

Para a melhoria desses problemas, o governo destacou que a educação estava interligada com o problema da saúde. Assim, “Vargas defendeu ações imediatas de saneamento básico e ação nas escolas para a melhoria na formação dos professores” (HORTA, 2012, p. 4). Essa formação deveria ser exemplar e de moral íntegra, pois, preconizava o ideário de governo na docilização dos corpos e mentes, mediante profilaxia da saúde, por meio de cuidados com a higiene visando o fortalecimento físico dos sujeitos educados no meio escolar.

Tais mudanças estavam relacionadas às reformas com o intuito de aumentar o controle social. No qual o Estado realizava o papel de “mediador entre empregados e empregadores, com a criação das empresas estatais. Esta criação entre outras propiciavam o impulso à industrialização, a integração nacional, por meio da construção de estradas entre as cidades e os polos industriais”. Essas melhorias foram ocasionando a migração de populações que vinham do interior do país para as grandes áreas urbanas, estimuladas pelo desenvolvimento econômico (LEVINE, 2001, 47).

Alguns estudiosos consideravam até então, que o Exército possuía o papel apenas de representante de grupos sociais. No entanto a sociologia tem trazido que organizações têm vida própria e características inerentes ao grupo, não possuindo somente influências externas. As instituições militares sobremaneira possuem

²⁶Este projeto, para Bastos (2012), “havia intencionalidade e consciência do governo quanto à consecução da política industrializante no Brasil na década de 1930 [...] (Bastos, 2012).

²⁶[...] A sua explicação será apoiada no pensamento institucionalista, associada a estruturas, organizações ou conjunto de leis. Dessa forma, a consciência da opção industrializante pode ser demonstrada pelas instituições criadas e alteradas no período” (Bastos, 2012).

peculiaridades condicionadas à grande complexidade e enquadradas como “instituições totais”²⁷ (CARVALHO, 2005, p. 13)

Por este motivo, houve importante participação dos militares na vida pública, inclusive nas escolas, principalmente no período de intervenção do governo Vargas, “com as elites aceitando o papel moderador do Exército, que incutia o patriotismo, a educação moral e cívica, docilidade dos corpos e da forma de pensar” (D’ARAUJO, 1997, p. 11). Pode-se dizer que o papel do Exército se deu num sentido educativo amplo, por meio do poder instituído por Vargas aos militares, quando eles passaram a interferir nos rumos da educação e impondo a própria doutrina militar em escolas e fora delas como forma de modelar o comportamento social.

Com base nessas mudanças de predomínio social, exercidas pelo Exército sobre segmentos da população dentro do projeto intervencionista moderador do Estado com o aumento do alcance do Exército no processo educativo. Esse aumento não se limitava tão somente, ao aspecto educativo das Forças Armadas, mas, constituí-la como agente formador e conformador da educação à “política militar do país” (HORTA, 2012, p. 25).

Essa política teve repercussão no meio educacional, pois os militares que realizavam a formação do corpo docente, constituíam influência no aspecto autoritário, dominador e coercivo para a profissão de educação física. Na visão do Exército, mesmo no período de paz a nação deveria formar civis e militares aptos à defesa da nação. Neste caso, apregoavam que “as instituições do Estado e a liberdade individual não podem subsistir quando prejudicam a defesa nacional” (HORTA, 2012, p. 25).

Tais anseios do Exército eram reforçados pela eminência de uma guerra, que poderia eclodir a qualquer momento. Esse contexto era propício para o fortalecimento do corpo, com o objetivo de uma melhor constituição atlética, cada vez mais baseada em um corpo saudável e eficaz para a sociedade.

Para tal, o Exército era incentivador da criação do partido único (social nacionalista), para preparar a nação para o próximo governo que guiasse com firmeza a sociedade, apoiando o aumento dos órgãos de repressão para manter a ordem social, intervenção na educação física para o fortalecimento da nação e preparação de soldados fortes (HORTA, 2012). Essa repressão estava presente em todos os

²⁷ “Essas instituições, pelo fato de envolverem todas as dimensões da vida de seus membros, constroem identidades mais fortes. Quando plenamente desenvolvidas, requer de seus membros uma radical transformação de personalidade” (CARVALHO, 2005, p. 13).

segmentos, desde a imprensa, intelectuais, educação, cultura e na formação dos professores. Esta repressão talvez se justificasse pelos opositores de Getúlio que não deram trégua, enquanto ele esteve no poder.

A maior crise enfrentada por Vargas ocorreu em 1932, quando São Paulo que representava 40% da produção industrial do país, manifestava forte resistência ao governo Vargas. Essa resistência foi incentivada pela derrota nas urnas em 1930, daí a forte oposição e não aceitação dos interventores, principalmente os militares, instituídos pelo presidente. Por este motivo, o Presidente, por intermédio da força militar e policial restringia cada vez mais os seus adversários com a sua forma centralizadora e autoritária de governar, que teve continuidade após o seu governo de intervenção (GUNTER, 2005).

Em sua avaliação do governo provisório, Vargas se referiu ao período como “ditadura”, que foi necessária para garantir a unidade nacional. Na qual procurou articular o aparelho da administração pública, “mantendo-se equidistante entre as paixões extremistas”. Declarou ter exercido “seus compromissos externos sem recorrer a novos endividamentos, ter realizado obras voltadas para a irrigação e aos transportes” realizou a renovação das forças armadas e uma legislação social moderna, com tais medidas o país estava pronto para o reerguimento econômico (D’ARAUJO, 2011, p. 31).

Contudo, esse processo de reestruturação teve que se alicerçar em fortes segmentos da sociedade, que davam sustentação para o Estado. Dentre eles pode-se citar a relação de Vargas e os militares foi, ao que tudo indica, estreita e fundamental enquanto ele esteve no poder, destacadamente desde o início de seu governo na década de 1930 até o fim do Estado Novo em 1945. Iniciou em 1931 com o apoio de jovens militares, uma espécie de extensão do tenentismo da Primeira República²⁸, “tais oficiais assumiram cargos de interventores nos estados com o aval e a firme posição centralizadora do Estado” (GUNTER, 2005, p. 64-67).

Getúlio Dornelles Vargas foi eleito indiretamente como Presidente da República (1934-1936), chamado de período Constitucional, em 17 de julho de 1934, apoiado pelo legislativo com o voto indireto e legitimado no dia 25 de novembro de 1935.

²⁸ Tenentismo foi conceituado como o movimento popular em 1922, realizado por jovens oficiais idealistas que se revoltaram contra o governo federal devido a uma questão de honra militar. Como também instituiu o termo aos aliados militares de Vargas que combatiam as oligarquias destituídas do poder (LEVINE, 2001).

O Congresso Nacional instituiu o Estado de Sítio²⁹, após os atentados que ocorreram em julho de 1935, em algumas capitais do país, segundo o porta voz do Estado, realizados pelos comunistas. Esta medida do Estado de Sítio foi prorrogada até o ano seguinte, pois, havia a necessidade de se preparar o país para o regime ditatorial de Vargas. Isto ocorreu por meio da Assembleia Constituinte que aumentou os poderes do Executivo.

Após esses atentados, Vargas aproveitou o momento de instabilidade para aumentar o seu poderio, articulando com os Deputados. Desta forma, “o Presidente da República percebe que é um bom pretexto para prosseguir a sua jornada”. Rapidamente obtém a aprovação de mudanças na Lei de Segurança Nacional, pelo Poder Legislativo, estabelecendo no Brasil o “estado de guerra”, garantindo “a concentração de poderes nas mãos do chefe do governo, como era seu desejo” (D’ÁRAUJO, 2011, p. 31).

Medidas que colaboraram para que Vargas permanecesse no poder e não desse a oportunidade de que se realizassem as eleições presidenciais, pelo fato de que ele não poderia mais se reeleger. Para isso contou com o apoio do Exército e dos policiais para manter-se no governo.

A partir de 1935 a repressão ao ensino nas escolas, e em especial as escolas étnicas, com resistência de educadores, políticos e civis, que não concordavam com o modelo militar, trouxeram insatisfações e tensões. Deste modo, intelectuais que não apoiavam Vargas acabaram se afastando ou sendo afastados do governo, por não concordarem com o seu regime com caráter totalitário.

Nesses momentos de tentativas de ganho de poder, entre permanências e rupturas no governo, na sociedade e na economia em geral, faz sentido se apoiar nas palavras de Chartier (1990, p. 17), quando se refere que “nas lutas de representações tenta-se impor ao outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais”.

Nesse sentido, o Exército apregoava que os símbolos da democracia fossem extintos e um governo forte e austero deveria estar à frente para dirigir a nação. Na visão militar os métodos educacionais causavam confusão nas mentes da juventude,

²⁹Estabelecido pelos atentados realizados a Natal, Recife e Rio de Janeiro pela ALN (Aliança Libertadora Nacional), partido comunista que se opunha ao governo Vargas. O Estado de Sítio perdurou de 1935-1937, quando se instaurou a nova Constituição (D’ÁRAUJO, 2011).

ensinando o “excessivo desenvolvimento da personalidade” tais preceitos iam contra a preservação da sociedade e do Estado. Apoiado em estes dizeres os militares, segundo Horta (2012, p. 28):

Desde que os educadores não querem perceber os erros acumulados, cabe ao Exército guiar os novos roteiros da formação nacional. [...] A política educacional do momento precisa receber espírito de unidade de que não deve distrair o Exército, que representa o denominador comum da Nação, na quadra de insegurança e desvario em que vivemos [...].

Com o descontentamento expresso pelos militares, em meio ao ideário político de Vargas, o uso da imprensa foi importante para a popularização desse ideário, que utilizou todos os meios de comunicação possíveis. Assim sendo, segue trechos da mensagem presidencial, contida da Revista, apresentada ao Congresso nacional em 3 de maio de 1936, com o título ministro da guerra.

Nele, Vargas “faz referência ao espírito pacifista do Brasil de cordialidade com os demais países do continente. Defende o programa de melhoria e aparelhamento do Exército, devido as dimensões continentais do país, em prol da unidade política da nação. Por meio de ação cívica, educativa e disciplinadora das energias do povo brasileiro (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano V, n. 31, maio de 1936, p. 38)

Desta forma o presidente enalteceu o papel do Exército na participação de formação dos aspectos morais na população. Na sequência do discurso com o título confiança nos homens que estão à frente dos destinos, vem à tona o nacionalismo, confiança do presidente e no seu ideário de governo, como pode analisar. “Entregamos, assim, ao estudo e exame ponderado e inteligente dos representantes da Nação, múltiplas questões, todas de acentuada importância para o progresso espiritual e material do povo brasileiro” (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano V, n. 31, maio de 1936, p. 38)

Ao mesmo tempo a sociedade civil, para Horta (2012), temia pelo regime controlador representado pelo Exército na sociedade e agora nas escolas, com doutrinas e práticas para a formação de um cidadão mais forte e disciplinado. Contrariamente, se posicionaram grupos de intelectuais e educadores em oposição a estes ideais que para eles feriam a democracia brasileira³⁰.

A sociedade tinha motivos para estar receosa, pois desde a Revolução de 1930, o poderio do Exército cresceu de tal forma que começou a influenciar a

³⁰ Para aprofundar o tema, analise os textos de Carvalho (2005).

educação, com aspectos militares. Ao utilizar princípios similares aos executados na formação de um soldado, com os ideais de ser forte e defensor da pátria, isto causava um certo desconforto aos civis.

Isto se deu, após a implantação de práticas militares nas escolas. Nas quais o estudante e o soldado se assemelharam no aspecto de formação, por meio da doutrina que o Exército pretendia inculcar desde a escola primária a universidade. Com o propósito de “moldar o caráter dos sujeitos em prol do sacrifício e obstinação pela pátria, com o intuito de transformar a sociedade brasileira em uma grande nação” (HORTA, 2012, p. 28).

A Era Vargas constitui-se num conjunto de políticas públicas para o país e no ambicioso objetivo de alcançar certa autonomia política e econômica por meio de um desenvolvimento nacional independente baseado num Estado forte, centralizado e planejador. Podemos concluir que Vargas foi o homem que sintetizou o processo da complexa transição da República Velha para o moderno Estado brasileiro (BASTOS, 2012).

No processo de análise da Era Vargas, deve-se vincular minimamente todos os pontos de vista dos autores sobre o período abordado. Inclusive com questionamentos contrários aos feitos notórios realizados. Por exemplo:

Não se deve achar que Vargas foi o melhor estadista do século, devemos sempre nos questionar sobre o seu governo, se não poderia ter realizado as suas obras sem a ditadura? Se outras pessoas ou grupos da época não teriam feito a modernidade do país de forma igual ou até melhor? Se foram necessárias todas as mortes representadas pelos cadáveres que foram encontrados no Amapá, anos depois? (D'ARAUJO, 1997, p. 12).

Nesse aspecto, pode-se analisar as relações entre o ideário político de Vargas e a sociedade, as suas contribuições, as formas muitas vezes abusivas de exercer a força e a violência, conquistando inúmeras pessoas que o amavam, mas também diversas pessoas contrárias as suas formas de agir e de pensar, incorporam as diversas fases dos seus mandatos como presidente, iniciando com o primeiro que foi marcado por um período de crise e mudanças nos hábitos da população. Mas, em 10 de novembro de 1937, com apoio militar, Vargas toma o poder e instituiu uma nova Constituição com plenos poderes ao presidente, cancelou as eleições e ficou no poder (D'ARAUJO, 2011).

Teve início o Estado Novo, chega ao final a era Vargas, com inúmeras mudanças políticas, sociais com a nova Constituição Federal de 1937³¹, que fortalece o poder do presidente, com base nos manuscritos de Vargas, que desejaria maiores poderes do executivo. Ao designar que problemas políticos, sociais e culturais existentes, fizeram com que ele determinasse a ditadura (GUNTER, 2005).

Este estudo se situa em parte importante do Estado Novo analisado (1937-1942), Vargas institui o chamado modelo de substituição de importação ao fomentar o fortalecimento da indústria nacional, sobretudo por meio da criação de grandes companhias estatais, como: a Companhia Siderúrgica Nacional (1940) e a Companhia Vale do Rio Doce (1942).

Essa Era foi marcada também pela repressão aos meios de comunicação que deveriam se adequar aos novos princípios de ética e bons costumes instituídos pelo Estado. A censura levou a reclusão vários intelectuais que se opunham à Vargas. Aqueles que não foram presos, no caso dos romancistas como Jorge Amado e José Lins do Rêgo, tiveram os seus livros retirados das prateleiras e estantes das bibliotecas, por serem taxados de autores que “escreviam palavrões e cenas eróticas” (SODRÉ, 1970, p. 106). Além disso, os escritores que se opunham ao governo Vargas, foram presos, enquanto que aqueles que não manifestavam posição política eram mantidos em liberdade.

Assim a censura aos intelectuais marcou o Estado Novo, com a repressão ao pensar, a liberdade de imprensa e de pensamento, taxava aqueles que fossem contrários ao regime como os comunistas, por exemplo.

Segundo Lauerhass Júnior (1986, p. 101), a respeito do governo Vargas,

Nos sete anos que se seguiram, enquanto Vargas lutava ou entrava em acordo com as facções nacionalistas mais convencionais e com os movimentos extremistas influenciados pelo estrangeiro, aqueles rumos fundamentais do seu nacionalismo pragmático foram reafirmados, de vez em quando, e, em conjunto, ganharam força, ideológica e politicamente, apesar de alguns reveses ocasionais e temporários.

Este ínterim esteve contido em um contexto histórico de grandes mudanças no mundo. A maior delas foi a Segunda Guerra Mundial que perdurou de 1939-1945, a

³¹Documentos oficiais permeiam o aumento de poder delegado ao presidente da República, por meio do aumento de poder do executivo, que constam nos artigos: 5º, 9º, 10º, 11º, 12º, 13º e 14º da Constituição Federal do Brasil de 1937.

sua eclosão foi causada pela Alemanha que fora derrotada na I Guerra Mundial, com perdas de territórios e colônias, levando o país a grandes dificuldades, que se agravaram com a crise de 1929. Desta forma o partido Nazista criado por Adolf Hitler, defendia a superioridade do povo alemão, culpou os judeus pela crise econômica, além de segregar homossexuais, ciganos, deficientes físicos e mentais. O seu objetivo era de agregar territórios onde existiam pessoas que falassem a língua alemã. Marcou o início da Guerra, a invasão da Polônia, na tentativa de recuperar Danzig, cidade que fora perdida na I Guerra (HOBSBAWN, 2009).

Em relação aos feitos de Hitler, nota-se que além da ocupação territorial, que havia perdido na I Guerra Mundial, queria unir a raça ariana que habitavam em outros países, além do propósito de realização da segregação de etnias, principalmente os judeus, por meio de perseguição, aprisionamento e extermínio em massa, principalmente pela câmara de gás, que marcou a história com o grande genocídio desse povo.

Com ideias similares de ocupação e expansão de territórios, na Itália Benito Mussolini era instituído Primeiro Ministro pelo rei Vitor Emanuel III. Mas tarde outro país foi agregado, o Japão, com o General Hiroyto. A junção destas três forças, formaram os países do eixo. Neste momento, Vargas mantinha o Brasil fora da Guerra, mas inicialmente apoiava os países do eixo. Os Estados Unidos aderem a II Guerra, com o ataque de aviões japoneses no Havaí, na base americana de Pearl Harbor (HOBSBAWN, 2009).

Assim sendo, os Estados Unidos necessitavam de aliados em meio à guerra e como havia feito um empréstimo de milhões de dólares ao Brasil, os americanos influenciaram e exigiram que o Brasil tomasse uma posição em prol deles, ao se unir com Inglaterra, França e Rússia, formaram a aliança dos Aliados.

A entrada do país na Segunda Guerra pode ser esclarecida por intermédio da citação de Oliveira (2011, p. 16), ao relatar que:

O entendimento do processo de envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial e dos interesses do governo Vargas de aproximação com os EUA para angariar, principalmente, investimentos econômicos e modernizar o equipamento militar brasileiro, o que levou, depois de muitas negociações, o Brasil a formar e enviar efetivamente a FEB e o 1ºGAvCa.

Por este motivo o país entrou na guerra com a participação dos chamados “pracinhas brasileiros” da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália, com as vitórias nas batalhas de Monte Castelo e Montese (HOBBSAWN, 2009).

Em relação à II Guerra Mundial, cabe uma ilustração em relação a dois aspectos ocorridos. Para Sodré (1970, p. 302),

A guerra, única terapêutica que o imperialismo conhece para as suas crises, passara por flutuações e incertezas, mas já se podia dividi-la em dois períodos: o da expansão nazifascista, subjungando numerosos países, na Europa e na África, como o militarismo japonês na Ásia; e o de virada contra o nazi-fascismo, que vinha de derrota em derrota, desde o marco histórico que fora a batalha de Stalingrado (grifos no original).

A derrota dos países do eixo foi um marco que estabeleceu a dissipação de ideias relacionadas ao caráter de dominação racial estabelecido pelos ditadores da Alemanha Adolf Hitler e Benito Mussolini, pela Itália.

Por isto após a II Guerra Mundial, os países se reuniram para a fundação da Organização das Nações Unidas (ONU), criada para evitar que conflitos com proporções mundiais voltassem a ocorrer.

1.2 ANTECEDENTES A ERA VARGAS: ASPECTOS SOBRE EUGENIA

No século XIX, a “raça” apresentava-se como objeto de estudo dos “homens de ciências”. “O debate racial era recheado dos paradigmas científicos existentes, fazendo com que “raça” fosse inscrita no clássico debate sobre a unidade do gênero humano³²”. Sob a influência da Europa e dos Estados Unidos, criou-se uma relação entre ciências e Estado. Sendo assim, foi construído o conceito sobre raça, dentro de uma ideia naturalizante no país, ao apontar diferenças biológicas entre os sujeitos, estas diferenças resultam numa hierarquia social aceita como normal pela sociedade (CARVALHO, 2012, p. 101).

As influências provenientes desses países, culturalmente mais desenvolvidos, tinham como principal conteúdo, ao rebaixar a miscigenação, justificando como causa do atraso cultural e enfraquecimento da sociedade brasileira, segundo Carvalho (2012, p. 101),

³²Para o historiador Thomas Skidmore (1989) apud Carvalho (2012), “era perpassado pelas noções de diferenciação e hierarquização social, que encontraram solo firme ao serem ancorados pelos estados nacionais”, influenciados pelos Estados Unidos e Europa (CARVALHO, 2012, p 101)

as raças se estabelecem no “tempo e no espaço” e, portanto, podem ser apreendidas no sentido da inferior para a superior. Esse princípio toma os indivíduos, ou determinada classe de indivíduos, como objetos acabados: os comportamentos biológicos – as interpretações das diferenças biológicas acabavam por justificar as desigualdades sociais.

Pode-se avaliar de forma superficial que, desde o século XIX, os preceitos de raça já indicavam a manifestação de forças das classes dominantes sobre os sujeitos de classes populares, que pelo simples fato de pertencerem a uma raça, já designava a sua condição social.

Assim, sobre os conceitos de raça, surgem concomitantemente os movimentos médicos com os aspectos higienistas que foram a base para a melhoria do país, os quais datam do Império. Segundo Gondra (2004), com a chegada de Dom João VI e a Família Real, no início do século XIX, houve benefícios nas questões de saúde e saneamento básico no Rio de Janeiro, fator esse que determinou melhores condições para os médicos higienistas colocarem em prática as suas teorias para a população. Afinal, faziam-se necessários avanços nos meios de saneamento, calçamento, grupos escolares e acesso à cultura, para se adequarem às necessidades da estadia da Família Real, em virtude da transferência da Coroa Portuguesa, de Lisboa para o Rio de Janeiro.

Diante dessa perspectiva, segundo Schwarcz (1993) ampliou-se a disseminação de uma “cientificidade difusa” e “indiscriminada”, o que seria feito, sobretudo, por meio de grandes programas de higienização e saneamento, concomitantemente ao desenvolvimento de projetos de cunho eugênico.

Por esse motivo, fez-se importante, no Brasil, difundir essas práticas por meio das disciplinas escolares, dentre elas a educação física escolar, que esteve ligada aos aspectos da medicina, higiene, educação e eugenia, por via de propostas corporais, como pode ser analisado em estudos de Castellani Filho (1994), Ghiraldelli Jr. (1991), Mello (1996), Soares (1994 e 1998), Sousa & Vago (1997 e 1999) e Vago (1999 e 2002). Estudos realizados por historiadores de medicina com a temática de medicalização, higienização da sociedade, ao que tudo indica, revelam de forma indireta que a medicina teria influenciado a escola e os educandos (GONDRA, 2004).

Essa influência da medicina se fez presente, ao mesmo tempo em que os primeiros higienistas tiveram por pressuposto uma perspectiva sanitária, no período Imperial. No início da Primeira República, eugenistas como Renato Kehl, em certos

momentos, permaneceram mais apegados à noção de raça e preocupados com a miscigenação do povo brasileiro. Assim, a respeito da higiene e eugenia, cabe nesse momento, conceituar os termos higienismo e eugenia, para nortear o entendimento na sequência da pesquisa.

Nesse sentido ao conceituar esses termos, segundo a visão de Góis Junior (2011, p. 247),

O higienismo tinha como objetivo identificar os procedimentos e hábitos individuais e coletivos para a manutenção da saúde, “entendida na época como ausência de doenças”. Com isso, seu caráter era intimamente ligado à prevenção, mas também ao controle da proliferação de diversas doenças. Já o objetivo da eugenia era estudar a influência da herança genética nas qualidades físicas e mentais dos indivíduos.

Após situados os termos e os seus conceitos, pôde-se apreender que a eugenia seria uma ramificação possível da higiene, como algo novo que se começa a escrever, “por intermédio do qual se proveria a espécie humana nos recursos de escolha dos reprodutores, na sanidade da gestação, na puericultura, na educação física, intelectual e moral, com que o homem adquirirá o esplendor de todas as suas possibilidades biológicas” (GONDRA, 2004, p. 281).

Ao denominar eugenia, procura-se em meio às disciplinas escolares estabelecer as suas propriedades em comum, para que não haja dúvida em sua aplicação. O termo, segundo Góis Junior (2011, p. 247),

no campo da Educação Física muitas vezes o termo é utilizado, de forma equivocada, como sinônimo de higienismo. Essa relação entre higienismo e eugenia se dá em alguns momentos específicos, ocorrendo uma combinação de objetivos.

Essa combinação, entre elas, serve para fins específicos, não devendo ser confundida pela proximidade que delas provém, dentre teorias e seus termos, quando utilizadas separadamente, para evitar que haja erro na sua aplicabilidade. Decorridos os esclarecimentos entre os termos, transfere-se o olhar para como era tratada a higiene nos tempos do Império.

Conforme o que o Dr. Thomas Gomes dos Santos (1856), defende a importância da higiene nos cursos de medicina. O doutor atribuiu o papel científico

desta higiene, que deveria ser realizada em estudos e aplicada pelos médicos, detentores desse conhecimento. Dessa forma, o médico

relata sobre as melhorias necessárias para o país como melhoria dos cemitérios, escoamento de águas pluviais das ruas, canalização nos subúrbios da cidade, emprego de luz de gás no interior das casas, modificações nos alimentos, bebidas e hábitos alimentares que, segundo ele, tem trazido nestes últimos quarenta anos nosso trato com os estrangeiros (GONDRA, 2004, p.164).

Essa relação que envolve as necessidades de melhoria das condições estruturais da sociedade que foi citada pelo Dr. Santos (1856), vem ao encontro da importância de se estabelecer a higiene como disciplina que iria formar os médicos, com esse embasamento indispensável para o período.

Nesse sentido, estabeleceu-se a pesquisa de algumas particularidades da disciplina escolar “higiene”, ao buscar entender as suas intenções, proposições e o seu escopo (CHERVEL, 1990). Assim, faz-se relevante os estudos apresentados na sequência, que tinha por meta estabelecer melhorias a saúde no meio escolar e a sua estruturação.

Nessa perspectiva, Gondra (2004, p. 161) analisa as três teses: a de Andrada Junior (1855), Azeredo Coutinho (1857) e Matta Machado (1875). O modelo adotado por essas três teses, visou organizar o discurso médico da época como forma de expressar a respeito da educação, engajados também este discurso no meio de outras teses. Tal modelo médico-higiênico foi referência na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, “com renomados autores do tratado de Higiene, Michel Levy e Becquerel³³, autores de tratados de higiene, conforme informação de Andara Junior (1855)”, que embasaram a concepção de higiene no meio escolar no século XIX. Ao examinar essas teses escritas no final do curso de formação de Medicina, onde o

³³Machado (1875), em sua tese, indica que esse modelo classificatório foi formulado por RoyerCollard e adotado por Becquerel: “Assim, a bem do methodo e da clareza, estudaremos a hygiene dos internatos, applicando a esta parte da sciencia a divisão de RoyerCollard, adaptada por Becquerel na exposição geral de hygiene; assim estudaremos: 1o – o objecto, neste caso particular, o menino. Em suas diferentes modificações individuaes; 2o – o objecto em suas relações com os modificadores extrinsecos: materia da hygiene”. Com base nesse modelo, Machado subdivide a segunda parte da “Secção primeira” de sua tese, que trata da “Hygiene dos internatos”, em dois capítulos: I – Objecto da Hygiene e II – Materia da Hygiene. No capítulo I, ele trata da idade, sexo, temperamentos, constituição e idiosincrasias dos meninos. No segundo capítulo, toma por base o modelo higiênico já utilizado por Andrada Junior (1855) atribuiu aos higienistas Michel Levy e Becquerel, para examinar o discurso dos médicos brasileiros formados no âmbito da FMRJ [...] (GONDRA, 2004, p. 162).

objeto de investigação evidenciava a preocupação do meio médico com a escola e os temas educacionais, ao introduzir o programa de regras de funcionamento escolar, ancorado na “hygiene”. Tais aspectos podem ser observados a seguir, segundo Gondra (2004, p. 165), ao enfatizar que

Esse modo de classificar os objetos inscritos no campo da higiene é utilizado pelos médicos por ser, segundo eles, simples e preciso. A partir dele definem um amplo programa de regras para o funcionamento dos colégios, compreendendo a localização e arquitetura dos edifícios escolares, organização da rotina, das práticas e hábitos que deveriam ser desenvolvidos junto com os alunos, alimentação, exercícios corporais, cuidados com as excreções do organismo e com a educação dos sentidos, de modo a conservar e desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e afetivas ou morais dos alunos.

Essa classificação tem por objetivo, instituir um melhor local possível para que os alunos possam desenvolver o aprendizado nas escolas. De acordo com os médicos higienistas, deveriam ser construídas e localizadas as escolas em lugares próprios para que se desenvolvesse o ensino. Tal área foi denominada de “*Circumfusa*, definida por se referir às condições existentes no interior e o exterior das escolas, por isso a preocupação com o ambiente ao redor da escola” (GONDRA, 2004, p. 179).

Essas escolas deveriam ser construídas nas cidades do interior que possuíam melhores condições climáticas, de solo e estrutura do que a Corte. Elas eram construídas de acordo com a maior densidade demográfica que estava presente nos centros urbanos. Tais cuidados constam nas estratégias do corpo médico, por meio do movimento higienista, para tentar alterar as condições precárias existentes no país. Dessa forma, segundo Souza

O movimento higienista pode ser caracterizado como um dos mais ambiciosos projetos de intervenção social que conheceu a modernidade ocidental. Pretendendo mais que definir novos padrões de saúde, tinha na educação de novas formas de sensibilidade uma das suas principais motivações. O higienismo acompanhava o recente desenvolvimento urbano da sociedade, visando uma mudança nos hábitos que, aos olhos dos estrangeiros, não tinham muita preocupação com os cuidados sanitários, o zelo na vestimenta, nem atenção à preservação de um espaço íntimo familiar. (SOUZA, 2013, p. 1-2),

Segundo o discurso médico, as escolas deveriam ser afastadas da cidade, em busca de um local propício para o ensino, incluindo os colégios internos, com o intuito de proteger os indivíduos dos vícios, doenças e febres, como as coisas que a vida urbana poderia despertar e desvirtuar o aluno de uma formação “íntegra, moral, física

e intelectualmente saudáveis, com boas condições de salubridade do ambiente físico e humano” (GONDRA, 2004, p. 168).

Condições essas que possibilitavam aos alunos um melhor aproveitamento em seu aprendizado. Nessa dimensão, partilha-se a perspectiva evidenciada por Viñao Frago (1995, p. 69),

A escola e toda a vida escolar: fatos e ideias, mentes e corpos, objetos e comportamentos, modos de pensar, dizer e fazer. O que acontece é que neste conjunto, existem alguns aspectos que são mais relevantes do que outros, no sentido de que são organizando elementos que compõem e definir dentre eles, escolhem dois para o que eu tenho dedicado alguma atenção nos últimos anos: o espaço e horário escolar. Outros não menos importantes, como práticas discursivas e tecnologias e modos linguísticos ou de comunicação de funcionários, agora são deixados para um lado.

Pelo momento histórico que o país atravessava em meados do século XIX, com várias mudanças estruturais, havia a necessidade de melhorias fundamentais na formação de professores de ensino. Nesse sentido, criaram-se projetos com o propósito de viabilizar o aumento de alunos nas escolas, tornando-as mais atrativas e diminuindo as dificuldades de acesso e evasão escolar. Importa destacar que, mesmo com a orientação da classe médica, quanto a aspectos de higiene, continuava o crescimento urbano de maneira desordenada e ampliavam-se as dificuldades existentes no período imperial.

Essa orientação da classe médica era preventiva quanto às doenças, pois delegavam um médico para inspeção sanitária das instalações escolares e dos alunos, semanalmente. Os alunos ao ingressarem nas escolas deveriam ser vacinados anteriormente, como forma de prevenir o contágio. “O refeitório deveria estar posicionado no andar térreo e com rígidos padrões de higiene. As latrinas seriam posicionadas longe do edifício, com rápido escoamento e bastante água, seguindo o padrão inglês” (GONDRA, 2004, p. 174).

Os médicos se preocupavam com o ambiente escolar a tal ponto de observarem sobre a importância da exposição dos alunos aos raios solares, se os locais eram arejados para se desenvolver as aulas ou não. Para tal, o cotidiano escolar apresentava-se constituído de locais com: “incidência de raios solares, iluminação artificial, aquecimento, número de alunos, mobília escolar, dormitórios, recreios, latrinas, mictórios, entrada, escadas, corredores, vestiário e água potável, nesta sequência” (GONDRA, 2004, p. 175).

O Estado escolheu o meio escolar, para introduzir de forma eficaz, as mudanças e melhorias necessárias na sociedade, assim sendo os médicos do Império, estabeleciam os princípios da medicina urbana, fundamentavam a inserção dos grupos escolares, por ser considerado um local de concentração de indivíduos que estavam com risco de contágio.

Bem como, a constituição de sujeitos de forma integral por intermédio da educação higienista. Por esta razão, o meio escolar não podia ficar à mercê da falta de cuidados de higiene e a exposição entre grupos de crianças, em lugares fechados. Assim sendo, o ambiente escolar era um local considerado de risco, por ser suscetível a proliferação de doenças.

Seguindo o pensamento da educação higienista, o médico que era responsável por explicar aos alunos sobre a importância da vestimenta, denominada “*Applicata*”, que podia ser definida como cobrir, proteger, modelar e limpar o corpo”. Nesse segundo item, os médicos com base nos estudos de Becquerel, aprimoram a respeito do vestuário, que tem como objetivo, cobrir o corpo nu, de forma que não atrapalhasse a quem o usava, como um material que protegeria o corpo do mundo exterior e as suas variações climáticas (GONDRA, 2004, p. 183).

Essa vestimenta não deveria inibir os movimentos dos alunos, ao mesmo tempo que deveria facilitar a ventilação para que os corpos ficassem bem arejados. Principalmente as meninas deveriam se afastar dos modismos vindos do exterior quanto à vestimenta, para tal foi defendido o uso de uniformes que iriam padronizar os alunos. Apoiados nesses estudos, os médicos orientavam os estudantes para o uso de roupas de lã no inverno e de algodão nas demais estações do ano. O algodão é recomendado por prevenir irritações na pele, ao contrário da lã.

Esse controle da parte dos médicos higienistas não era restrito à vestimenta, como se pode observar a seguir. Além de cuidados com a vestimenta, também os médicos mantinham “preocupação com os alimentos a serem ingeridos, chamada de *Ingesta*”. Ao enfatizarem o assunto, o meio médico recorre a uma explanação geral a respeito da alimentação da humanidade, até chegar ao ponto da alimentação escolar em sua quantidade e qualidade diária, bem como, os locais e formas de se preparar o alimento (GONDRA, 2004, p. 183).

Desde então, os cuidados com a alimentação se fizeram presentes no meio escolar ao constatar que as crianças que tinham uma má nutrição, apresentavam dificuldades em frequentar a escola, bem como o seu aproveitamento ficava

prejudicado, em relação ao aprendizado minimamente pré-estabelecido pelos pedagogos e pela classe médica.

Também faziam parte destes cuidados higienistas, “a relação com o exercitar dos corpos, chamado de *Gesta*” – que deveria robustecer o corpo - os médicos demonstram a valia de se realizar exercícios físicos, e, sua importância na melhora do desenvolvimento humano. Relatam estudos da história clássica, com ênfase nos efeitos positivos que são atribuídas aos exercícios realizados para o corpo, apresentando exercícios que, segundo o Dr. Machado (1875), “são específicos para a juventude” (GONDRA, 2004, p. 200).

Os exercícios que já eram enfatizados durante o início do Império vinham ao encontro da necessidade de melhoria da saúde, mas, ao mesmo tempo, encontravam uma barreira social. Em meados do século XIX, havia critérios quanto ao biótipo das pessoas, por exemplo: as pessoas esbeltas eram ligadas à imagem de cunho intelectual e da elite, enquanto as pessoas com corpos mais avantajados e musculosos eram relacionadas com os escravos e pessoas que trabalhavam com serviço braçal. A esses atribuíam o perfil de pessoas de baixa cultura e nível social.

Além da preocupação com o corpo, fazia-se mister abordar outra área da higiene, denominada de “*Excreta*”. Nessa área, os médicos higienistas referem-se às preocupações com o funcionamento do organismo e às excreções corporais”, pois, a realização de exercícios em um clima quente preocupava os médicos no que diz respeito ao suor em excesso. “As excreções cutâneas poderiam trazer problemas de pele”, para evitar tais problemas, a área médica instruía para que os alunos tivessem a prática de banhos diários, assim manteriam a pele higienizada, das sujeiras e suores cotidianos, ou pelo menos a troca de roupa para que não causassem doenças, provenientes do choque térmico em contato com o vento e as roupas molhadas (GONDRA, 2004, p. 203-204).

Principalmente nas cidades litorâneas com altas temperaturas, os alunos deveriam aumentar a quantidade de banhos para manter a pele higienizada, evitando os problemas de pele. Cuidados esses que são enfatizados, pelo Dr. Coutinho (1857), quando diz que a vida é um eterno movimento desde o nascimento até a morte, o indivíduo se adequa de acordo com a natureza externa. O resultado entre a ingestão

e a decomposição intestinal são as excreções: “cutâneas, pulmonar, corneal, bucal, urinária, defecativa, seminal e catamenial³⁴” (GONDRA, 2004, p. 201).

Além desses cuidados com a saúde, existia a preocupação dos médicos para “a melhoria do aprendizado, com ênfase aos órgãos do sentido, os quais eles denominavam de *Percepta*”, que se refere aos temas de educação moral e intelectual dos educandos. Segundo o Dr. Coutinho (1857), “debaixo desta denominação compreendemos a educação literária, moral e religiosa”. Tais estudos iniciaram em 1855, com Dr. Andrade Junior, que analisou as funções ligadas ao tato, visão, olfato e paladar (educação sensorial) (GONDRA, 2004, p. 219).

Para cumprir tais finalidades, eram realizados vários exercícios sensoriais para melhorar a capacidade de observação e aprendizado em sala de aula, estando o desenvolvimento intelectual, atrelado às atividades físicas. Regras que incidiam sobre cada detalhe e tinham como objetivo a constituição de sujeitos física, moral e intelectualmente sadios, por meio de uma intervenção que, assumindo como eixo a instituição escolar, tinha como alvo o reordenamento da sociedade.

Para tal, um dos desafios do Brasil Império tinha como escopo o desenvolvimento por meio da melhoria das condições básicas de saneamento, aprendizado e ampliação do meio escolar. Aliados aos cuidados com a saúde e melhoria da distribuição da população que se aglomerava nos grandes centros urbanos. Desta forma, as teorias raciais chegaram ao país, como meio de estimular e acelerar o andamento do progresso e desenvolvimento.

Com base nesses conceitos, é possível depreender também de Schwarcz (1993), que as teorias raciais chegam tardiamente ao país, visto que já eram divulgadas e conseguiram o seu espaço nos meios intelectuais da Europa nos meados dos anos de 1870. No Brasil, são inseridas, de modo tenso por dois aspectos: o primeiro se refere ao que se denomina de desmontagem da escravidão, com a Lei do Ventre Livre em 1871; o segundo com a entrada de novas ideias demarcadas pelo positivismo-evolucionista em que o modelo racial de análise tem papel fundamental.

Nascia, então, a ideia de que o homem branco seria a potência renovadora na constituição do país, e a imigração de europeus para o Brasil promoveria, ao longo das gerações, um processo de branqueamento e fortalecimento da nação (CARVALHO *et al.* 2012, p.106).

³⁴ Ou menstruação, expelir os óvulos não fecundados, por meio do fluxo sanguíneo.

No fim do século XIX, compunha o discurso de intelectuais no Brasil³⁵, indivíduos como Silvio Romero, Batista Lacerda, o fato de que o Brasil era um país miscigenado, mestiço, e por essa característica se fazia conhecer alhures, contudo seria uma questão de tempo.

Entretanto, as defesas de intelectuais, como os indicados acima, com vistas à melhoria da nação, não se constituíram em consenso, considerando-se segundo Schwarcz (1995), que se caracterizou nesse contexto a disputa entre os “profissionais da ciencia” e os “homens de letras”, envolvendo “questões políticas e sociais” de momento. Os intelectuais que buscavam o “progresso científico da nação” questionavam o papel dos homens de letras que se distanciavam dos assuntos mais urgentes da nação (SCHWARCZ, 1993, p. 37).

O confronto entre homens de letras e os homens de ciencia se acirraram com as declarações de Machado de Assis e Silvio Romero. Esse declarou que as obras de Machado de Assis estavam distantes da realidade dos problemas do país (SCHWARCZ, 1993). Dessa forma, Romero colocou em dúvida as obras de Machado e a sua brasilidade, por enfatizar que a origem negra de Machado o descaracterizava e o depreciava como homem inferior, sugerindo que as suas obras fossem rebaixadas do nível em que se encontravam. Observa-se, nesse debate, não somente divergências de opiniões, mas também a discriminação de raça, como se a raça negra fosse inferior a raça branca, segundo o ponto de vista dos eugenistas.

Apesar dessas disputas ideológicas existentes, havia o interesse e a necessidade do Estado pelo crescimento e progresso do país, que o levou, no início do século XX, a aumentar os investimentos com a saúde, ao mesmo tempo que levam

³⁵Em meio a mudanças em todas as esferas, juntamente com a chegada de trabalhadores estrangeiros, instaurou-se “uma nova elite profissional com princípios liberais a sua retórica e passava a adotar um discurso científico evolucionista como modelo de análise social” (SCHWARCZ, 1993, p. 28). Influenciada pela política imperialista europeia, tal “elite profissional” buscou tornar o país sujeito das explicações, justificando as diferenças sociais através de argumentos como “variações raciais, tornando inferiores os negros, africanos, trabalhadores, escravos e ex-escravos – como classes perigosas”. Houve uma notória utilização da ciência para embasar tais afirmações (SCHWARCZ, 1993, p. 28). Este grupo de intelectuais não eram homogêneos, “divididos em função dos vários interesses profissionais, econômicos e regionais” este fato foi acentuado ao término da monarquia. A união do grupo se estabelecia pelos “espaços científicos dos quais participavam dando legitimidade para discutir e apontar os impasses e perspectivas que se apresentavam para o país”. Por ser um seletivo grupo de intelectuais, a elite ilustrada se relacionava em lugares próprios do meio cultura, esta atividade comum trazia “por um lado conhecimento e de outra certa polivalência”, o que encobria a pouca especialização ou conhecimento. (SCHWARCZ, 1993, p. 37)

essas questões de saúde para o espaço escolar. Com o propósito de levar o país ao desenvolvimento, que segundo Soares (1994, p. 89),

Juntamente com ela [a educação] e, principalmente, por meio dela, surge a ideia de saúde e de como ser saudável. Para alcançar este “ser” saudável seria necessário recorrer à Higiene e, sobretudo, acentuar a sua importância na escola.

Higiene e educação juntas poderiam mudar a face do país, promover o seu desenvolvimento, viabilizar o progresso. Higiene e educação passam a ser remédios adequados para “curar” as doenças do povo e do país. Dessa união bem conduzida nasceria um outro Brasil (grifo no original).

O aumento de cuidados com a saúde intensifica as frentes de atuação para os médicos e profissionais da área de saúde. As correntes eugênicas ampliavam o número de adeptos e conjecturavam formas de expansão dos seus preceitos. Para tal, os intelectuais e membros das elites utilizaram o padrão europeu escolhido pelos eugenistas, como cultural e economicamente desenvolvidos, foi evidenciado como seria o correto objetivo a se alcançar a modernidade e desenvolvimento do Brasil.

Esses grupos defensores das correntes eugênicas eram formados por intelectuais, pessoas ligadas à saúde que ocupam posição privilegiada nas elites. Eles detinham influência em seu meio, pelo fato de frequentarem e atuarem nos centros de pesquisa e ensino dos intelectuais. Por outro lado, eles sentiam a falta de uma “ciência nacional original”. Essas formas de caracterizar tais intelectuais os diferenciavam das demais personalidades, identificando-os com o *status* de pessoas mais influentes – “como Joaquim Nabuco, que não fazia da passagem pela academia marca ou justificativa para a atuação política” (SCHWARCZ, 1993, p. 38).

Com o fim de Império e advento da República, ante os ideais positivistas e liberais, fez-se importante, com a implantação de fábricas, melhoria da produção cafeeira, e abolição da escravidão, trabalhadores sadios. Por conseguinte, o Estado subsidiou a imigração de pessoas de diversos países, principalmente da Europa, com a intenção de suprir não somente a falta de mão de obra, mas também a produção. Esse procedimento poderia potencializar a miscigenação com o branco europeu, que, para os eugenistas aceleraria o movimento de reabilitação da nação, do ponto de vista racial (DINIS, 2007).

O país se encontrava fragilizado e incerto em suas diretrizes, devido ao poderio das oligarquias e o atraso cultural, no início da República. Como consequência, o acesso à escola era privilégio de poucos, bem como o entendimento de sociedade

como um imenso abismo entre o ideal e a realidade encontrada em todos os lugares. Tal realidade era correlacionada pelas correntes eugênicas como decorrentes da miscigenação racial do país, que causava atraso e enfraquecimento étnico.

Segundo Janz Junior (2011, p. 89), as mudanças ocorridas marcavam,

O novo panorama urbano dos grandes centros brasileiros, marcado nesse início de século pelo rápido crescimento e aumento populacional marcante, criou uma demanda por soluções de caráter higiênico que permitissem um novo encaminhamento para as questões urbanas e sociais.

Essas ideias se fortaleceram com o aumento dos centros urbanos no Brasil que encontrou uma população pouco qualificada, o que resultou em um problema de como manter e inserir esta população na sociedade, pois tinham os seus direitos como cidadãos, mas não estavam preparados para exercê-los. Por consequência, várias frentes sociais foram incumbidas de gerenciar a população, para evitar que pessoas contrárias ao sistema pudessem exercer alguma forma de influência. Pode-se destacar algumas delas, como: “médicos, filantropos, policiais, familiares e escolares” (MARQUES, 1994, p. 18).

Devido a esse atraso, esses profissionais se incumbiram de realizar a inserção dessas pessoas de segmentos populares na nova estrutura de sociedade, por meio da homogeneização. Os eugenistas utilizavam-se desse discurso para procurar organizar as diferenças de classes. Com o passar dos anos, essa característica mudaria. Em um século ele seria branco (SCHWARCZ, 1993).

Discurso esse que foi se fortalecendo e os seus defensores e as suas concepções, ultrapassaram as barreiras da mudança do regime Imperial para a República. Nos anos de 1920, com o crescimento urbano, São Paulo passou por grandes mudanças e as pessoas provindas da riqueza e da pobreza conviviam no mesmo espaço. A falta de cuidados básicos com a parte sanitária trouxe várias doenças, principalmente a febre tifoide e a tuberculose, que mataram muitas pessoas (MARQUES, 1994).

A proliferação de doenças foi utilizada como justificativa para alguns intelectuais da época com ideias eugênicas, que sustentavam o argumento de que deveria fortalecer a raça, como forma de acabar ou diminuir as doenças. Com o intuito de disseminar a eugenia e mostrar que a teoria era capaz de qualificar a população de maneira a formar características hereditárias sadias capacitando para procriarem

apenas aqueles casais saudáveis, para formar uma sociedade futura bela e forte, segundo Kehl (1922, p. 28),

A Eugenia Positiva se applica em educar a mocidade para o matrimonio, se empenha na educação sexual dos jovens dos dois sexos, de modo a combater a ignorância sobre os verdadeiros fins do casamento que são as boas procreações; consiste em civilizar o instinto de reprodução, este instinto que Pinard diz ser 'o mais poderoso, o mais nobre de todos, porque elle representa a salvação da espécie, pois que elle tem por missão assegurar sua conservação. A Eugenia positiva é a mentora das boas ligações, não permite que o 'amor se deixe arrastar como um inconsciente, como um louco, como um criminoso', conforme acontece muitas vezes. (grifos no original)

Em meio aos acontecimentos do período, as correntes eugênicas se fortaleceram, perante essa situação e estabeleceram um discurso de higienização, eugenia e cuidados com as crianças e adultos. Esses preceitos e a base eugênica podem ter influenciado o pensamento nas unidades de ensino, instigando a adaptação da teoria racial aos padrões nacionais, podendo ser questionada, "como a forma de evolução da nação, atrelada a um padrão político liberal, para legitimar o Estado que se espera, em busca de uma evolução social contínua" (SCHWARCZ, 1993, p. 182).

Para melhor entendimento sobre a eugenia, é importante a definição de seu conceito. Nesse aspecto, para Galton (1865, p. 319), o termo eugenia significa: do grego *eugen-s*, que significa "bem-nascido",

Na perspectiva galtoniana, os problemas sociais derivariam da proliferação de indivíduos que se reproduziram mantendo no conjunto populacional, durante gerações consecutivas, características comportamentais e mentais viciosas, criminosas e degenerativas.

Com ênfase em outros estudos de Galton (1906, p. 3), pode-se observar um pouco mais sobre a sua teoria eugênica de controle da hereditariedade,

As características humanas não seriam o produto da instrução ou do meio, eles já estariam presentes nos indivíduos desde o seu nascimento; seriam nesse sentido inatas. O controle reprodutivo, através de uniões eugenicamente orientadas, constitui-se na consequência lógica (...) da teoria da seleção natural à população humana. O que a seleção natural levaria milênios para realizar, programas seletivos, através da regulamentação dos matrimônios, poderiam transformar as características médias da população em algumas gerações.

Nascia, então, a ideia de que o homem branco seria a potência renovadora na constituição do país e a imigração de europeus para o Brasil promoveria, ao longo das gerações, um processo de branqueamento da nação (CARVALHO *et als.* 2012, p.106). Além disso,

A eugenia brasileira era defendida por uma confederação de médicos, cientistas e cientistas sociais unidos por seu desejo nacionalista de ver o Brasil sair da beira da regeneração provocada pela mistura de raças e culturas, e pela pobreza e costumes primitivos e insalubres. Desde a segunda década do século XX, esses indivíduos começaram a organizar associações para o progresso da eugenia e a tratar de questões eugênicas. A primeira, a Sociedade Eugênica de São Paulo, organizada por Renato Kehl, tinha como secretário o sociólogo Fernando de Azevedo, que mais tarde dirigiu as reformas nos sistemas escolares do Rio de Janeiro (1926-1930) e São Paulo (1933-1934). A eugenia observava Fernando de Azevedo, “buscava a eliminação dos venenos, não das pessoas”. O antropólogo Edgar Roquette Pinto, que participou da administração do sistema escola do Rio de Janeiro (1931-1935), era membro tanto da Sociedade Eugênica quanto de sua associada, a Liga da Higiene Mental, para a qual editava a revista Saúde (D’ÁVILA, 2006 p, 54).

Existem, porém, outras definições que podem ser utilizadas de acordo com o contexto a que se refere. Para Schwarcz (1993, p. 58), a ciência eugênica foi influenciada por diversas correntes europeias, para tal, a autora menciona a respeito de,

um determinismo de cunho racial que via de forma pessimista a miscigenação, já que acreditava que “não se transmite caracteres adquiridos”, nem mesmo por meio de um processo evolutivo social. Ou seja, as raças constituíram fenômenos finais, resultados imutáveis, sendo todo cruzamento, por princípio entendido como erro. As decorrências lógicas desse tipo de postulado eram duas: enaltecer a existência de “tipos puros” - e, portanto, não sujeitos a processos de miscigenação - e compreender a mestiçagem como sinônimo de degeneração não só racial como social.

Na definição citada por Schwarcz, ao se referir da mestiçagem como um transtorno social e racial para o país, poderia não colocar esse fator como pejorativo ou de menosprezo à mistura de raças, pois essa colocação não tinha fundamentação científica na época, mas fazia parte de uma teoria da corrente eugênica.

Contudo, ao prosseguir nesse processo de conceituação de eugenia, pode-se citar a definição a seguir: “O conceito original privilegiava o controle direto da reprodução humana, seja por meio de casamentos criteriosos durante gerações

consecutivas”. (...) “ou a ciência que oportunizaria o aperfeiçoamento da sociedade” (JANZ JUNIOR, 2011, p. 90).

Dessa forma, estabeleciam-se quais casais poderiam ou não se casar, pois se apresentassem alguma anomalia ou restrição física, não era aprovado pelo médico o matrimônio. Evitando assim que os casais tivessem filhos com restrições físicas ou mentais.

As conotações a respeito da eugenia e as suas implicações na sociedade, mediante seus simpatizantes da classe cultural, intelectual e da saúde tentaram influenciar a formação de opinião pública na elite e no Estado com preceitos raciais de exclusão das classes menos favorecidas. Sob a ótica de civilidade a favor das pessoas mais cultas e melhor posicionadas socialmente, procuraram alicerçar essas ideias. Da mesma forma “ao exercer a docilização dos sujeitos para receber e cumprir regras pré-estabelecidas em todos os níveis da sociedade – família, escola, vida social e atividades cotidianas” (MARQUES, 1994, p. 19).

Por esse motivo, desde 1920 se buscava o controle dos vícios, da sexualidade e da imigração; moldaram a sociedade para buscarem dois objetivos que se fundiam: a criação da nação brasileira e a melhoria racial, apoiada pela fundação em 1918, por Renato Kehl da Associação Eugênica de São Paulo.

Essas correntes, ao que tudo indica, podem ter influenciado os intelectuais brasileiros do período, entre eles Renato Kehl, ao reforçar os movimentos eugênicos que já datavam desde o século XIX, e vinham a se fortalecer no período, devido às necessidades de melhoria nos aspectos higiênicos e eugênicos no país. Como também, podem ter contribuído para o ideário político do Brasil nas décadas de 1920 a 1940. Pela necessidade que políticos e intelectuais tinham de propiciar melhores formas possíveis de desenvolvimento e melhoria da sociedade, os eugenistas incutiram ideias de que somente com o processo eugênico se poderia colocar em prática tal desenvolvimento social e cultural no país.

Ao partir dos estudos desses estudiosos, Renato Kehl (1889-1974),

é considerado o principal propagador dos princípios da eugenia no Brasil. Referências aos seus trabalhos aparecem com frequência na historiografia nacional, especialmente nas discussões sobre raça, imigração controle matrimonial, higiene mental e, principalmente, eugenia. Entre os anos de 1917 e 1940 assumiu a propaganda eugênica como missão política e intelectual, o que lhe rendeu o título de “pai da eugenia”, pelo escritor, e simpatizante da eugenia, Monteiro Lobato. (SOUZA, 2013, p. 6)

O pensamento de Kehl sobre a eugenia pode ser dividido em duas etapas. A primeira definida como positiva e sanitaria, quando ele era defensor de uma metodologia eugênica mais amena, utilizando a eugenia como prevenção. No entanto, a segunda etapa, inicia no final dos anos de 1920, após ter visitado as instalações do Instituto de Eugenia, em Berlim. A partir de 1928 com esta aproximação das tendências da eugenia negativa, discorre para os pensamentos da “higiene racial alemã” (SILVA, 2012, 6).

Esses princípios de eugenia podem ser encontrados em pesquisas de Domingues (1942), Kehl (1927 e 1932) e o estudo de Marques (1994), trabalhos que trazem contribuições no sentido de o Estado produzir um novo homem, baseado nas ideias eugênicas de fortalecimento do homem brasileiro e de uma raça mais pura e menos miscigenada. O desdobramento desses estudos mostrou como a ciência que vislumbrava a conquista de um “tipo humano mais perfeito do que o existente” e define como seu objetivo “o aumento do número dos tipos humanos normais e a diminuição e o desaparecimento final das subnormais, dos geneticamente inferiores” (GONDRA, 2004, p. 281).

Essa nova ordem política e social estava presente pelo crescimento desordenado dos centros urbanos. Desse modo, vários grupos étnicos, iniciaram um convívio social mais acentuado, marcado por tensões o que levava os eugenistas a procurar um maior disciplinamento e controle.

A predominância de uma raça superior no entendimento de parte daqueles que introduziram a eugenia no país pode também ter sido dado por acharem que a instalação da ordem social competitiva³⁶ na sociedade brasileira seria benéfica. No entanto, na relação capitalista entre empregado e empregador pode levar a ocorrer a insubordinação de várias faixas da população, principalmente vindas de segmentos subalternos, pela imposição da ordem econômica (MARQUES, 1994).

Essas situações de conflitos e divergências sociais se faziam presentes e não estavam estagnadas, pois ainda em sua dinâmica social constavam crescimento com o aumento do domínio estabelecido de uma classe sobre outra. Nesse viés, o

³⁶Florestan Fernandes designa ordem social competitiva como típica da sociedade que absorve o capitalismo como sistema de relações de produção e de troca, organizando “institucionalmente o padrão de equilíbrio dinâmico, inerente à integração, funcionamento e diferenciação” do capitalismo, o “adapta às potencialidades econômicas e socioculturais existentes” (FERNANDES, 1976).

movimento das elites que apoiavam a melhoria da raça pela eugenia aumentava gradativamente conforme o aumento das tensões sociais acontecia.

Nesse sentido, as elites procuraram se estabelecer logo após a Revolução de 1930, que deu início à Segunda República. Nesse ínterim, para atingir a meta eugênica de fortalecimento da raça, Vargas trouxe benefícios às disciplinas escolares, os quais auxiliaram a criação da disciplina de Educação Física nas escolas. Desta forma, o espaço escolar foi utilizado com objetivos de nacionalização, com base moral e cívica na concepção de um Estado forte. Para o presidente Vargas, a regeneração da raça era importante para a criação de uma sociedade civilizada e moderna, exigência do modelo industrial capitalista, de perspectiva eugenista (ALBUQUERQUE, 2008). Tal modelo enfatizava formação de professores e intelectuais, a fim de serem utilizados como propagadores do ideário varguista. Para D'ávila (2006, p. 52), esse discurso iniciava com uma indagação.

Como se esperava que professores e cientistas criassem esse futuro "Homem Brasileiro"? A resposta passava pela eugenia, a prática de "aperfeiçoar" física e mentalmente a raça humana pela manipulação dos traços genéticos, primeiro por meio de controles sobre o ato e o contexto da proclamação. No período entre as duas guerras mundiais, o Brasil foi uma nação seduzida pela ideia de que a ciência poderia ser o árbitro final das relações sociais. Essa causa era defendida pela crescente casta de cientistas e cientistas sociais que dominava as políticas sociais e prometia a aplicação eficaz e imparcial de teorias científicas estrangeiras aos problemas nacionais do Brasil. Quase todo problema nacional possuía um subtexto racial: as subclasses de raças mistas e não brancas do Brasil eram, segundo a opinião geral, culturalmente atrasadas e, na opinião de alguns, racialmente degeneradas. A eugenia poderia resolver ambos os problemas.

Ao estabelecer esses critérios para diminuir a classe popular e a sua miscigenação, o autor remete as teorias raciais que não concordavam com a abolição dos escravos e procurava uma forma de manter a raça negra e os índios afastados do seu convívio. Assim, as correntes eugênicas alicerçada em seus preceitos instituía esse distanciamento das classes populares, justificando, segundo Marques (1994), trata-se não de reprimir ou tolerar, mas de gerenciar convenientemente os homens, suas atividades, conformando seus corpos, embranquecidos e hígidos, para o bem da pátria. Apoiados em alicerces de hereditariedade (exames pré-nupciais e regulamentação dos casamentos) e a educação, nas escolas ou em casa, disciplinalizantes sob a população, o que serviria de aparato para as ações práticas e políticas de Vargas no Estado, em 1930.

2 O PERÍODICO “REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA”: O EXÉRCITO, ASPECTOS GERAIS E UM PERCURSO IMAGÉTICO INICIAL

Neste capítulo, o propósito é situar a Revista de Educação Física em vários aspectos, tendo em vista demarcá-la naquilo que podemos chamar de suas características e que a situam como um objeto cultural próprio de um tempo e período histórico, quer em conteúdo por meio das matérias que ensejam os distintos números por meio dos quais circulou, quer das imagens que lhe são particulares estritamente vinculadas as matérias que são sintetizadas nos textos e seus respectivos conteúdos.

2.1 O EXÉRCITO – ASPECTOS GERAIS

A interpretação das culturas e dos objetos que lhe dão sentido depende do olhar do observador, pois o que é perceptível para uns, pode não ser para o outro. Assim, as relações culturais formam uma teia de elementos que possuem sentidos e significados humanos distintos (GEERTZ, 1989).

O pertencimento cultural de grupos como, por exemplo, militares que se formam forjados em tarefas notadamente específicas, levando-os, muitas vezes, ao limite, sob rígida disciplina, assentada em regras, hierarquias e, ao que tudo indica, forte espírito de grupo, concorre para que o olhar sobre o mundo, a sociedade e suas relações se deem tendo como parâmetro tal pertencimento. Isso pode não fazer sentido para quem não é militar, mas para eles, que acreditam em seus preceitos, sim.

Investiu-se, portanto, em mobilização nacional e formação de soldados provenientes da elite estudantil, com o apoio do poeta e militar Olavo Bilac, que tinha boa fama entre os civis. Essa mobilização mudou a constituição do Exército que até então era formado em sua grande maioria por pessoas sem muita instrução e que viam no Exército uma forma de ser alfabetizado e moldado dentro de padrões militares (HORTA, 2012).

Influenciados em 1920, pela Missão Francesa, que procurou instituir no Exército brasileiro, melhorias e implantação de uma nova doutrina de formulação da defesa nacional, dentro dos padrões europeus, com reformulação do Estado Maior em três, para melhor especificar os alunos a formar. No mesmo ano, foi criado “o Regulamento Disciplinar do Exército (RDE) e o Regulamento para instrução e

Serviços Gerais (RISG)”. Isso veio a fortalecer a hierarquia e impedia que movimentos populares, como os tenentistas voltassem a ocorrer, reforçando o poder político e hierárquico da instituição (CARVALHO, 2005, p.29). Esse regulamento veio a firmar no meio militar uma forma de aumento da distância hierárquica já existente, com o propósito de estabelecer um distanciamento entre os jovens soldados e cargos de oficiais.

Ainda a respeito da Missão Francesa, Segundo Goellner (1992, p. 215),

os militares brasileiros, influenciados por um intercâmbio de conhecimentos, foram os responsáveis pela inserção e implantação do método francês nas escolas brasileiras e, por consequência, a história da Educação Física no Brasil se confunde, em muitos momentos, com a dos militares. No Brasil, a adaptação a esta nova cultura gerou um modelo de Educação Física muito semelhante ao modelo de treinamento adotado pelos militares europeus.

A nova sistemática adotada pelo Método Francês no meio militar e que depois se proliferou pelas escolas, clubes, Escola do Exército, na formação do cidadão dentro de uma doutrina europeia, influenciando, assim, a sociedade brasileira. Tais influências que, ao que tudo indica, influenciaram de maneira direta e indireta a identidade nacional, de cunho eugênico, nacionalista e de civismo. Dessa forma, faz-se necessário referenciar a identidade social, segundo Chartier (1991, p. 183),

As práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe.

Assim sendo os escalões superiores do Exército, tinham um maior controle a respeito da promoção de jovens soldados para que não tivessem ascensão imediata, o que tudo indica agradou o alto escalão das forças armadas, que não tinha interesse nessa ascensão. Essas mudanças proporcionaram

a nova concepção de defesa que abrangeria todas as dimensões relevantes da vida nacional, desde a preparação militar propriamente dita até o desenvolvimento de indústrias estratégicas como a siderurgia. É significativo que já em 1927, por influência da missão, foi criado o Conselho de Defesa Nacional, cujo objetivo era planejar e mobilização nacional para a modernização no Exército influenciou a sua organização e estrutura, com foco na formação do soldado profissional, que deveria manter os militares longe de acontecimentos públicos ou políticos, com menções aos episódios

do movimento tenentista em 1922³⁷ e na revolução de 1930³⁸ (CARVALHO, 2005, p.40).

As novas normativas auxiliaram na contenção de tais movimentos, contudo não foram unânimes entre os militares, que tinham grupos de oposição que surgiram em meio a esses acontecimentos. Com ideias contrárias às de exclusão da vida pública pelo Exército, Berthold Klinder, um dos “*jovens turcos*”³⁹, manifestou que não deveria a entidade militar ficar de fora das decisões e manifestações nacionais, por isso teriam que ser corrigidos os distúrbios internos (HORTA, 2012).

Essa divisão já era constatada na revolução de 1930, quando a adesão do Exército não foi total, nem mesmo nos batalhões do Rio Grande do Sul. O resultado positivo da Revolução de 1930 se deu graças ao apoio das polícias militares de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, além do apoio das massas populares e de grupos emergentes da sociedade, que se propuseram a ajudar e financiar esse movimento conhecido como Revolução de 1930, que pôs fim à Primeira República (CARVALHO, 2005).

Essa revolução teve a sua base com jovens tenentes e soldados que fortaleceram com apoio da Polícia Militar, e até mesmo os soldados e oficiais, que quando perceberam que seriam derrotados, mudaram de lado e se uniram ao movimento da Aliança Liberal, fato que facilitou as ações do movimento revolucionário.

Após a Revolução de 1930, o Exército que estava dividido teve dificuldades em se reorganizar, pois os sargentos e tenentes, líderes da revolta, eram formados por pessoas vindas das classes populares. Por isso, não foram reconhecidos como realizadores da revolução, caso fossem reconhecidos seriam promovidos e isso não agradaria o alto comando do Exército. A rivalidade entre militares e as lideranças civis, que havia dado trégua no conflito, ressurgiu e agrava a situação, principalmente com

³⁷ Movimento de rebelião de jovens tenentes, que iniciou com as cartas falsas de Arthur Bernardes, e foi liderado pelo Marechal Hermes, o que veio a atingir toda a corporação. (CARVALHO, 2005, p.48)

³⁸ A Revolução de 1930 “foi a primeira tomada de poder pelos militares planejada e executada pelos altos escalões. Fez parte de uma operação militar rotineira, com o objetivo de tomar o poder para resolver o impasse entre legalistas e revolucionários, promovendo novas eleições” (CARVALHO, 2005, p. 51).

³⁹ Jovens Turcos foi o grupo designado a estagiar no exército alemão e depois teve influências da missão francesa no Brasil. Defendiam o papel moderador do exército, em defesa da Pátria e não envolvimento com assuntos internos, como a política (CARVALHO, 2005, p.41).

autoridades do estado de São Paulo, que não aceitavam os militares vencedores que eram interventores no estado (CARVALHO, 2005).

O Exército, nesse período, além de travar conflitos com os civis, possuía uma quebra na unidade de sua corporação, o que pode ser tratado como um momento que a instituição teve que exercer de forma autoritária e hierárquica, a imposição de novas diretrizes e regras, que destituíssem poderes dos soldados, que estavam em pé de igualdade com os superiores. Nesse momento, os oficiais se preocupavam em articulações políticas, a saber os oficiais mais agressivos e com ambição a cargos e partidos políticos. Desta forma, os jovens turcos viam a atribuição do Exército, apenas em realizar a defesa da nação, sem se envolver em cargos políticos (HORTA, 2012).

Entretanto, o grupo dos “*jovens turcos*”⁴⁰ via o papel do Exército como um “*órgão mudo*”, que deveria estabelecer a defesa externa da pátria. (HORTA, 2012). Para tal, foi necessária uma preparação física especial, que seria galgada dentro dos critérios estabelecidos pela Escola de Educação Física do Exército, como forma de elucidar tais premissas, em busca de pressupostos da biotipologia perfeita, ao formar grupamentos homogêneos, com o intuito de reunir sujeitos de condições físicas equivalentes, segundo Marinho (1942, p. 29),

Não resta a menor dúvida de que no Exército, na Marinha, nas forças auxiliares e em todas as instituições que tenham por finalidade antes de tudo, manter o perfeito equilíbrio morfofisiológico de seus homens, para que se apresentem, a qualquer momento, em boas condições físicas, o grupamento por esse perfil satisfaz inteiramente (grifos no original).

Para pôr em prática a premissa deveria o Exército focar na formação do seu corpo de soldados de forma integral e eficaz para preparar de forma satisfatória os jovens para a guerra, sem se preocupar com cargos políticos ou lugares de honra no governo. Segundo Almeida (2010, p. 5), o soldado deveria ser preparado conforme

o estudo das forças armadas põe em relevo, entre aqueles recursos materiais e físicos, o corpo como alvo de um poder bélico, alvo a ser, se necessário, destruído (como matar o soldado inimigo?), ou o corpo como elemento físico mobilizado pelo poder para prover sua própria sustentação (como tornar o meu soldado eficaz?).

⁴⁰ Defendiam esta ideia antes da revolução de 1930, alguns jovens turcos, como: Leitão de Carvalho e Euclides Figueiredo, como o próprio Góes Monteiro (CARVALHO, 2005, p.74).

Vale dizer que, no Brasil, foi o Exército que penetrou a sociedade por meio de recrutamento, sorteio e formação de reservas. Tal fato criou “um espaço de saída e entrada para a organização, deixando apenas para os oficiais o profissionalismo para seguir carreira”. “O decreto nº 22.885/1933 tornou o certificado de serviço militar obrigatório para o exercício de cargo público, exigência que foi incorporada à Constituição de 1934 por insistência de Góes Monteiro”⁴¹.

Ele também queria que constasse na Carta Magna a obrigatoriedade da mulher no exercício militar e certificado de reservista para que os homens pudessem votar (CARVALHO, 2005, p.75-76). Com a normativa desse decreto por Góes Monteiro, ocorreram inúmeras mudanças no meio militar que teve que se adequar as novas diretrizes estabelecidas pela cúpula do Exército, que apesar das mudanças e conflitos internos se fortaleciam em cargos do governo, influenciava saberes na sociedade e no meio educacional.

As elites civis que tinham dado suporte para a Revolução de 1930, agora se viam longe das principais decisões, pelo aumento do poder que o Estado delegou aos militares. Contudo, os civis se mobilizaram para que não houvesse um ganho ainda maior das Forças Armadas, o que geraria uma quebra da ordem social.

Os conflitos se estabeleceram, por um lado, “a defesa do poder político das oligarquias regionais remanescentes da Primeira República, de outro lado a defesa das bases sociais de seu poder” (CARVALHO, 2005, p. 93-94). Nesse cerne, encontrava-se o Exército dividido entre o apoio que proporcionavam tanto as oligarquias paulistas, quanto os revolucionários. Essa trama contava com a experiência de Osvaldo Aranha, que procurava apaziguar a situação e nortear o conflito.

Na Era Vargas, o papel do Exército ganhou intensificação no plano de nacionalização e amor à pátria, com orientações ideológicas⁴², como por exemplo, a eugenia, vinda da Europa por meio dos veículos de comunicação, dentre eles a Revista de Educação Física.

⁴¹ Góes Monteiro foi rapidamente integrado a cúpula militar que necessitava de uma pessoa participante da revolução para apaziguar as tensões. Passou de Tenente-Coronel a Coronel em março de 1931 (CARVALHO, 2005, p.82).

⁴² O termo está sendo usado no sentido de ideias.

2.2 A REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A imagem 1, a seguir, refere-se ao General do Exército Newton de Andrade Cavalcanti⁴³, fundador do Centro Militar de Educação Física do Exército (1931), fundador, idealizador e primeiro editor da Revista de Educação Física, editada pelo Exército (1932), o qual a Revista presta homenagem pelos seus serviços no meio militar, dentre os quais, “na sua passagem por Curitiba, idealizou obras para a educação física, e, recebeu uma placa de prata. Membro de várias unidades do Exército voltadas para a área de educação física e condecorado na França pela Honra de Educação Física”. Criou a mentalidade de que uma nacionalidade deveria ser formada com robustez física, moral e intelectual da população. (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, n.63,1949, p. 2).

Imagem 1 - General Newton de Andrade Cavalcanti Criador e Editor da Revista de Educação Física



Fonte: Revista de Educação Física, ano XVII, n. 63, 1949, p. 2

⁴³ Faleceu em fevereiro de 1933. O Tenente Coronel Newton de Andrade Cavalcanti, desenvolveu a sua carreira militar e como educador, membro da Escola Militar, desde a missão indígena foi animador da Educação Física, atuou na companhia de carros de combate. Construiu o ginásio da Vila Militar (sob o nome do Cel. Leite de Castro, em 1933), (Revista de Educação Física, ano 2, n° 5, fevereiro de 1933).

A Revista de Educação Física foi criada em maio de 1932, editada na Fortaleza de São João, bairro da Urca, no Rio de Janeiro. Fez parte do Órgão do Centro Militar de Educação Física do Exército, até outubro de 1933, na sua 11ª edição. A partir de novembro de 1933, no seu ano 2, na 12ª edição, passou a fazer parte da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEX), (Revista de Educação Física, ano 2, nº 12, nov. 1933, p.3). A mudança ocorreu em virtude da transformação do Centro Militar de Educação Física em Escola de Educação Física do Exército (EsEFEX), que passou a formar docentes em educação física. Tal mudança ocorreu por meio do decreto nº 23.252, de 19/10/33.

A Revista de Educação Física, periódico com princípios militares esteve, principalmente, nos primeiros tempos de sua criação, destinada à divulgação de acontecimentos científicos, militares e pedagógicos, cujo mote foi o incentivo à prática esportiva em clubes da sociedade brasileira, em espaços de lazer como praias, campos e em escolas públicas e particulares. Para as escolas, com a finalidade de orientar professores primários quanto ao ideário pedagógico a ser seguido, por meio de práticas de Educação Física, o que se pode constatar em grande parte dos números situados no período deste estudo.

Desse modo, a revista esteve inserida em vários momentos históricos, entre eles, os da década de 1930 até meados da década de 1940. Tempos de transformações e estruturação da sociedade brasileira, quer econômica, quer politicamente, como se pode constatar no capítulo anterior. Esse periódico, tudo indica, foi também organizado para inculcar nos professores primários, como provável público leitor, o novo modelo pedagógico instituído pelo Estado, em particular pelo Estado maior do Exército, que acreditava ser inovador e servir à sociedade de então. Fazia-se necessário, para tal, um estudo mais criterioso e com embasamento científico, atrelado à formação de professores, por meio dos novos métodos provenientes da Europa.

Os referidos métodos constam em diversas páginas da Revista, em seus artigos e editoriais direcionados ao esporte, lazer, recreação, assuntos educacionais e de formação de professores. O periódico contém em suas edições, orientações quanto à alimentação, preceitos médicos e cuidados com o corpo. O periódico traz artigos que funcionaram também como um meio de divulgação pedagógica para professores, distribuídos em educação física militar, feminina, educação física associada a outras disciplinas, como: Biologia, Psicologia, Sociologia, Filosofia,

História, Pedagogia, Epistemologia e Ginástica, métodos ginásticos, esportes e jogos para o ensino primário, secundário, industrial, comercial e ensino superior. Vale menção, ao analisar o periódico, na qual foram encontrados discursos em seus editoriais que continham objetivos de modelização das práticas pedagógicas e construção de uma identidade docente, baseada na maneira de disciplinar os corpos (FOUCAULT, 2008).

O periódico circula de maio de 1932 até os dias de hoje, com periodicidade variável, inicialmente com edições trimestrais, nos meses de maio, junho e julho de 1932. No ano seguinte, passou à periodicidade mensal. Apenas no mês de julho não houve exemplar. No ano de 1934, houve edições em janeiro, abril, julho, outubro e dezembro. Em 1935, novamente edições mensais, com exceção do mês de janeiro. Em 1936, aparecem quatro edições distribuídas nos meses de março, maio, agosto e outubro. Assim como em 1937, com quatro edições nos meses de agosto, outubro, novembro e dezembro. No ano de 1938, foram sete edições distribuídas nos meses de maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro e novembro. Em 1939, circula em três edições distribuídas em julho, outubro e dezembro, finalizando com o exemplar de número 47 (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1932-1939).

Os números e consequentes exemplares estão catalogados em três volumes, separados por anos e suas respectivas edições. O volume 1, com exemplares de 01 a 13, editadas entre 1932-1933, que tiveram como editores chefes: João Ribeiro Pinheiro, dos exemplares de números 01 a 06, no período de maio de 1932 a março de 1933; Capitão Inácio de Freitas Rolim, dos exemplares de número 07 a 09, de abril de 1933 a junho de 1933; 1º Tenente Dr. Áureo Moraes, dos exemplares de número 10 a 13, de agosto de 1933 a dezembro 1933. O volume 2, com exemplares de 14 a 29, editados entre 1934-1935, com os seguintes editores chefes: Áureo Moraes dos exemplares de número 14 a 20, de janeiro de 1934 a março de 1935; capitão Antonio Pires de Castro exemplares de número 21 a 22, de abril de 1935 a maio de 1935; capitão Inácio de Freitas Rolim exemplares de número 23 a 29, de junho de 1935 a dezembro de 1935. O volume 3, com exemplares de 30 a 47 editadas entre 1936-1939, teve como editores chefes: capitão Silvio Américo de Santa Rosa, exemplares de número 30 a 33, de março de 1936 a outubro de 1936; Dr. Áureo Moraes exemplares de número 34 a 37, de agosto de 1937 a dezembro de 1937; 1º Tenente Antonio Pereira Lira, exemplares de número 38 a 44, de maio de 1938 a novembro de

1938; capitão Antonio Pereira Lopes Junior, exemplares de número 45 a 47, de julho de 1939 a dezembro de 1939.

Os exemplares possuem o formato próximo ao A4 e colunagem variável, inclusive no mesmo exemplar: diagramação em página inteira, dupla coluna, tripla coluna e, em menor ocorrência, dupla página aberta (imagem por exemplo). O número de páginas é variável, todavia, pode-se indicar um número aproximado de 40 páginas por exemplar, contados de capa a capa; a tiragem variável entre 2.000 e 5.000 exemplares. Os exemplares estão disponíveis na Biblioteca do Instituto de Educação Erasmo Pilotto, em Curitiba, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, na Escola de Educação Física do Exército, dentre outras várias bibliotecas do Brasil. No caso do Instituto Erasmo Pilotto, indaga-se sobre a razão de estarem ali. Qual é a finalidade? Teriam sido lidas por alunas da então Escola Normal de Curitiba? São perguntas que, diretamente, não se pode responder, porém considerando as finalidades desse periódico, certamente devem ter servido para práticas de leituras de alunas daquela Escola Normal no período de circulação dela.

Foi também realizada uma visita na Escola de Educação Física do Exército, localizada no bairro da Urca, local em que a Revista foi editada, em busca de maiores informações, mas, infelizmente, não houve acesso à biblioteca da instituição militar que estava fechada. Por outro lado, foram adquiridas importantes informações e contatos no local para pesquisas futuras, a respeito dos horários de funcionamento da biblioteca e contato via e-mail.⁴⁴ Na sequência, foi realizado contato junto ao comando militar, que informou sobre todos os exemplares da Revista de Educação Física que se encontram na Biblioteca da EsEFEX, mas que não estavam disponíveis na versão digitalizada, por ter ocorrido a perda de arquivos em um backup. Dessa forma, somente possuem a Revista na forma impressa.

Em viagem ao Rio de Janeiro, foi realizada visita e captura no acervo da Biblioteca Nacional, no arquivo público, setor de periódicos, localizada na Cinelândia, centro da cidade, onde foram encontrados exemplares que datam de 1941-1942, com edições de números 48-55; 1948-1951 com edições de números 57-68; 1952-1955 com edições de números 69-81; 1959 com edições de números 91-92. Foi possível também localizar o acervo existente em importantes bibliotecas do país.

⁴⁴Foi solicitado para visitar as instalações do ginásio Leite de Castro, inaugurado por Getúlio Vargas em 1931, o mesmo está da mesma forma a qual as imagens da Revista.

A esse respeito foram confeccionados dois quadros contendo as edições encontradas no arquivo público, setor de periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O quadro 1, contém apenas as edições encontradas dentro do período de estudo, 1932-1942. No Apêndice A - Quadros, encontra-se o quadro 2 com todas as edições catalogadas.

Quadro 1 - Edições das Revistas de Educação Física em bibliotecas do Brasil 1932 - 1942⁴⁵

Cidade/Estado	Instituição/biblioteca	Ano/Edições
Vitória - ES	UFES/BC	1932 (2); 1933 (5); 1935 (21, 24-28); 1936 (31-33); 1938 (39-41); 1939 (46-47); 1941 (48-49); 1942 (52, 55);
Belo Horizonte - MG	UFMG/EEFFTO/BT	1935 (27,33,38-56)
Curitiba/PR	UFPR/BCBIOL	1935 (24,26-27,29); 1936 (33); 1937 (36-37); 1938 (39, 42,44); 1939 (45-47); 1941 (49-50); 1942 (51-52), (53,55);
Rio de Janeiro	UFRJ/CCS/BC	1932/1933 (1-12); 1933/1935 (13-24); 1935/1937 (25-36); 1938/1939 (38-47); 1941/1942 (49-51); 1942 (53-55);
Porto Alegre - RS	UFRGS/ESEF/BT	1932 (1,3); 1933 (5);
Alegrete, Santana do Livramento, São Gabriel, Bagé-RS	URCAMP/BC	1935 (20,28,35,47,50)
São Paulo - SP	USP/EEFE/SB	1933 (9,13); 1934 (14,17-18); 1935 (19-29); 1936
Rio de Janeiro - RJ	EsEFEx	Todas as edições ⁴⁶

Fonte: Organizado pelo autor a partir do acervo digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 2017

Os dados do quadro 1, são importantes para termos ideia sobre o potencial de circulação desse periódico e das intencionalidades nele contidas, o que aponta, também, para ousadas intenções de seus editores principalmente nas primeiras décadas de circulação tendo-se em conta que nem sempre eram fáceis os mecanismos para fazer chegar o impresso ao local desejado.

Após oito anos de edições ininterruptas, a Revista passou por um período de 22 meses sem circulação, de dezembro de 1939 (47), até setembro de 1941 (48), o número 49 em novembro de 1941 e o número 50, em dezembro de 1941. Seguido do número 51, fevereiro de 1942, o número 52, abril de 1942, o número 53, junho de

⁴⁵ A tabela completa com todas as revistas encontradas na Biblioteca Nacional, encontra-se no Anexo A - Tabelas

⁴⁶ Segundo informações da própria EsEFEx.

1942, o número 54, agosto de 1942, o número 55, em outubro de 1942 (Revista de Educação Física, 1941-1942).

Posteriormente, ocorreu mais um intervalo de cinco anos sem edições que perduraram de novembro de 1942 até outubro de 1947, pois, após pesquisa realizada, foi encontrada apenas a edição número (56), ano XV de novembro de 1947.

Consta o editorial: De Volta! assinado por Sant'anna.

Revista de Educação Física volta, hoje, a circular, após mais de 5 anos de interrupção de suas atividades.
Seus colaboradores trocaram o aço das penas pelo das armas e lá foram a terras estranhas, lutar pela conquista de um mundo melhor.
Foi necessário começar tudo outra vez, limpando as máquinas, espanando a poeira dos arquivos, para trazer novamente ao Exército e a todos os que se interessam pela Educação Física, a palavra de fé e entusiasmo que nos anima, o conselho e a orientação técnica que a experiência nos outorgou (Sant'anna, Revista de Educação Física, editorial, novembro, 1947)

Importante explicitar os motivos pelos quais as edições ficaram suspensas durante o período de Guerra. Consta na Revista que os editores e colaboradores militares não eram dispensados do seu expediente militar para realizar trabalhos na Revista de Educação Física, eles serviços eram realizados após o seu horário de trabalho normal na Escola de Educação Física.

Com efeito, os exemplares desse periódico perfazem um total de 47 exemplares publicados, na primeira fase de investigações da Revista (1932-1939), encontradas em Curitiba, no Instituto Erasmo Pilotto, no ano de 2016. Foram encontradas mais edições na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que constam a partir dos anos de 1941 com o número 48 até 1959 com a edição de número 92. Para efeito do objeto de estudo foi selecionado o período de (1932-1942), perfazendo um total de 57 edições, das quais extraíram-se dados de interesse desta pesquisa.

A iconografia presente na Revista é vasta e se estende além das capas. O sumário apresenta frases de efeito, com o ideal de fortalecer o civismo e o patriotismo, como exemplo: "Ser forte, para fazer o Brasil forte", sobrecapa, que contém o nome da revista, local, ano, quem editava, seguida na mesma página de um editorial do editor-chefe, expediente que apresenta o diretor e vice-diretor da Revista, redator-chefe, redator secretário, diretor tesoureiro, nossa capa, informando o nome da pessoa que constava na capa (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1932-1942).

No corpo do impresso, estão notícias do cotidiano militar em quartéis e escolas militares, construção de pistas, estádios, ginásios, planos de ensino, Liga das Nações,

e últimas notícias de métodos, aspectos de evolução nos esportes, estrutura e estudos revolucionários para a época, sessões de educação física, planos de aula, regras e progressão pedagógica para o ensino de gestos técnicos desportivos, competições militares e civis, jogos, foco nas notícias para a estruturação e organização dos Jogos Olímpicos (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1932-1942).

Além disso, os feitos e recordes do esporte, bem como, o corpo docente da Escola de Educação Física do Exército, desfiles, inaugurações, colônia de férias, atividades rítmicas, danças, formatura dos professores de educação física nas escolas existentes no Brasil, regras e regulamentos do Exército e de suas escolas.

Os editoriais versavam assuntos inerentes à educação, educação física, prevenções higiênicas, estímulo à boa alimentação e atividades físicas diárias, testes fisiológicos, exames antropométricos, biométricos e fisioterapia, além dos textos de responsabilidade dos civis enfatizando cuidados com a saúde, crescimento e desenvolvimento da criança, estudos e métodos científicos e demais títulos voltados à saúde (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1932-1942).

Tudo indica que a subsistência da Revista⁴⁷ se dava com a participação financeira que incluía os assinantes, anúncios veiculados pelos patrocinadores a exemplo, Casa Sportman Produtos Esportivos; Rádio Sociedade Mayrink Veiga; Laboratórios Especializados Mycol; Sul América Seguros; Casa Lohner, especialista em material para biometria; T. Jáner, representante de papel da Suécia; Banco do Brasil, Aparelhos de Fisiologia; Casa do Anzol; Barbará Sociedade Anônima, Materiais de construção; Casa Editora Henrique Velho; Casa Militar, Artigos Militares; Camisaria e perfumaria Ramos Sobrinho; Loja de aparelhos Fotográficos, Siderúrgica Nacional, dentre outros (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1932-1939). Assim, os parceiros da Revista, de um lado apontam para rede de sociabilidade de representantes do

⁴⁷No editorial intitulado: Nova fase relata sobre os anos em que a Revista de Educação Física está em circulação e as dificuldades em editar mais este número de aniversário do impresso. Contemplando o quadro de assinantes. Pois, os trabalhos de editoração são realizados por instrutores que não deixam as suas funções, ou seja, fazem a edição nas horas de folga; a gráfica também tem inúmeros trabalhos o que dificulta a pontualidade das edições; nem todos aqueles que possuem capacidade de escrita dedicam o tempo livre para esse fim, tal fato proporcionaria mais artigos para o impresso; Quem faz as colaborações para as edições é o Ministério da Guerra, com pequena colaboração, os assinantes e um pequeno número de anúncios; nem todos os leitores olham para o impresso de maneira adequada, querendo compará-lo com outras revistas; Tem pessoas que não assinam a Revista, com medo que a educação física fique em segundo plano e no futuro acabe. Desta forma solicitamos que todos venham a colaborar com a Revista e perdoar alguns erros que apareçam (COSTA, Revista de Educação Física, ano XVII, nº 62, 1949, editorial).

Exército no Rio de Janeiro à época e, de outro, para o prestígio institucional dele, cuja representação se faz de modo bastante variado.

Na sobrecapa de cada edição, constam os locais e quais representantes da revista poderiam angariar assinantes distribuídos em vários estados, podendo também se adquirir um exemplar com a compra avulsa que ficava restrita a poucos pontos de vendas, informações essas que constam em todas as edições. Aos assinantes, eram garantidos todos os exemplares editados no ano. Os números atrasados eram vendidos na Livraria Odeon e na redação da própria revista (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1932-1939).

Compunham a revista, escritores, tais como: Eugênio Rappaport, Fernando Azevedo, Lourenço Filho (diretor do Instituto de Educação), João Ribeiro Pinheiro, Ten. Cel. Newton Cavalcanti, médicos, fisiologistas, militares e professores da rede pública (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1932-1942).

O periódico continha elementos inerentes ao momento em que circulava, entre eles pode-se citar, a caixa de consultas dirigida ao redator secretário para a qual o leitor enviava alguma dúvida, através de perguntas a respeito de técnicas de educação física e ciências correlatas (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano 2, nº 5, 1933).

A rádio Vera Cruz veiculava seus anúncios no periódico, informações a respeito das aulas de educação física feminina para senhoras de 18 a 35 anos. A rádio Ipanema e rádio escola municipal informavam sobre as aulas de educação infantil, informes do recém-criado Ministério da Educação, anúncios sobre saúde, estética, beleza e crônicas educacionais.

2.3 ALGUMAS CAPAS

Ao entrar no campo da análise de imagens cabe trazer algumas conotações que são pertinentes às características que possuem. Segundo Tomaselli (2003, apud Bastos, 2007, p. 41):

Ver é um processo complexo, é refletir, interpretar. Ver usa uma sintaxe, uma gramática. Nós vemos relações, não imagens isoladas. Ver e entender é o mesmo processo. Os infinitos sinais que o cérebro capta têm que ser interpretado o tempo todo para se ter um razoável padrão de estabilidade que permite uma interpretação deste nosso mundo. Ver não é um único processo, são inúmeros, diferentes, que inclusive acontecem em tempos diferentes...

Existem inúmeras formas de se interpretar uma imagem, variáveis essas que dependem do grau de maturidade ou percepção que cada pessoa possui para se analisar a imagem.

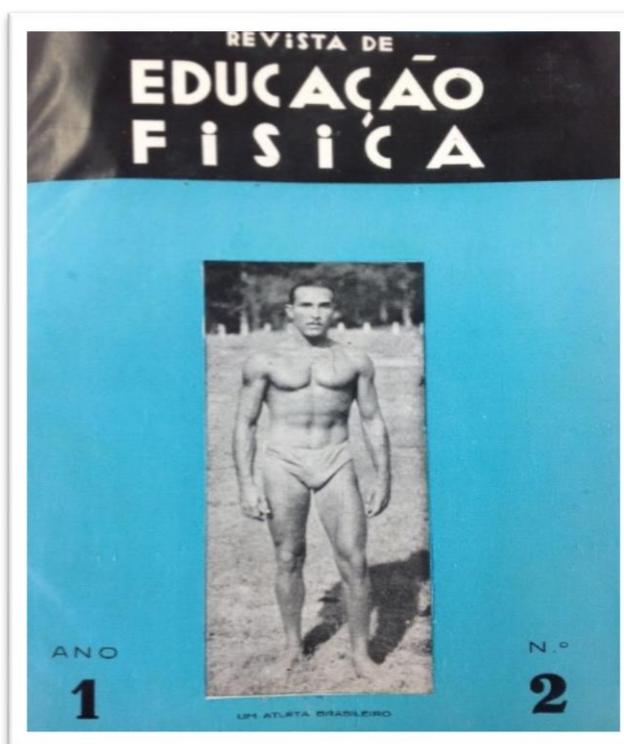
Sob outro olhar, agora de Goellner (1999),

Imagens produzidas no passado que, ao serem rememoradas, dizem do tempo presente porque nele interpretadas e dizem do futuro porque já gravadas no nosso imaginário e na sensibilidade e inteligibilidade pelas quais as olhamos/entendemos e imaginamos o vir a ser (...) Imagens coletivas e individuais porque representativas de determinados valores sociais do tempo em que foram elaboradas e porque marcadas pelo olhar e pela história particular de quem as registrou/elaborou de quem as viu/vê ou leu/lê (GOELLNER, 1999, p. 1)

Sob essa ótica é que se procurou analisar a Revista, como um meio de expressar por intermédio dos textos e imagens, as diversidades, significados e representações a que se destinavam o meio social e cultural no período analisado.

A começar pelas capas das revistas que tiveram uma mudança em seu *layout*, passando de fotografias no início das edições em junho de 1932, para gravuras a partir de outubro de 1932. As quatro capas a seguir, escolhidas aleatoriamente entre as edições dos anos de 1932, 1935, 1936 e 1939 são exemplos disso. Ao mesmo tempo, ao se trazer as ilustrações, tem-se o fito de darmos uma ideia mais objetiva sobre o conteúdo do periódico. Situa-se, também, aspectos a respeito da configuração física e características das capas que não diferem substancialmente e que podem ser demarcadas como artesanais, tendo iniciado de maneira simples, inclusive com exemplares sem paginação. Exemplo pode ser notado na imagem n. 2 a seguir:

Imagem 2- CAPA da Revista de Educação Física



Fonte: Revista de Educação Física, ano 1, nº 2, junho de 1932.

A ilustração da capa do segundo número do impresso traz um brasileiro, o atleta Roberto Marques, instrutor auxiliar do C.M.E.F. Sadio, branco, de corpo atlético saudável, robusto - nada melhor para as finalidades da Revista. Das capas, pode-se apreender duas dimensões de uma espécie de microfísica do poder (FOUCAULT, 2013), a ser dimensionada tanto pelas possibilidades de conteúdos contidos nas páginas dela, como pelo próprio corpo em todos os seus constitutivos de corpo saudável. Um formato de homem moderno, urbano, o qual o ideário de governo pretendia disseminar na sociedade da época, por intermédio da formação de professores, editoriais, textos e artigos contidos na Revista de Educação Física, além da imprensa, instrumento utilizado em grande escala por Getúlio Vargas na promoção do seu governo e a sua própria imagem.

Três anos depois, na edição da Revista de número 26, a ilustração muda, no entanto o espírito e lógica demonstrativa humana seguem as mesmas. Desta feita, com destaque para o fato de que se trata de um jovem rapaz branco, loiro e de olhos azuis, assemelhado aos traços de um jovem da raça ariana, raça esta que Adolf Hitler defendia como raça superior. Pode-se observar ao fundo o monumento de

Brandemburgo⁴⁸, com a ilustração no centro superior de uma quadriga⁴⁹. O monumento que representa um símbolo de vitória e poder é o principal monumento de Berlim. Com a imagem do jovem e o monumento alemão, fica claro que a capa remete o leitor ao povo alemão e sua doutrina ariana de superioridade racial.

Como também a quadriga no portal remete à mitologia grega com a expressão de vitória nas batalhas com ênfase a sua cultura, que enaltecia corpos sadios em mentes saudáveis. A cultura grega está presente em vários editoriais, imagens e textos contidos na Revista⁵⁰ nessa edição, em especial, por se tratar da proximidade com os Jogos Olímpicos da era moderna, que seriam realizados em Berlim em 1936. O evento seria utilizado pelo ditador alemão com o intuito de enfatizar a eugenia da raça, presente no programa alemão de Hitler.

Ao analisar o portal de Brandemburgo, como um signo histórico e de poderio ao povo alemão, se faz necessário conceitualizar o significado de monumento, segundo Le Goff (2003, p. 526), “O monumento tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas - é um legado à memória coletiva e o reenviar a testemunhos que, só numa parcela mínima, são testemunhos escritos”.

Analisando as capas da Revista, pode-se observar toda a subjetividade que nelas consta, e, ao mesmo tempo entender por meio da sua colocação não de forma fortuita, mas com um significado próprio as suas representações que remetem ao ideário educacional da Revista.

⁴⁸ Ou porta de Brandemburgo, é uma antiga porta da cidade, reconstruída no final do século XVIII como um arco do triunfo neoclássico, e hoje um dos marcos mais conhecidos da Alemanha. Foi encomendada pelo rei Frederico Guilherme II da Prússia como um sinal de guerra e construída por Carl Gotthard Langhans entre 1788 e 1791. Foi construído inspirado na Acrópole de Atenas.

Desde então, aos pés da quadriga realizam-se paradas, desfiles e manifestações. Napoleão fora o primeiro. Mais tarde, os rebeldes da revolução democrática de março de 1848. Depois, tropas prussianas ali comemoraram suas vitórias. Também Hitler fez suas tropas de assalto SA marcharem através do portão, quando chegou ao poder em 1933 (<http://www.dw.com/pt-br/1791-abertura-do-portão-de-brandemburgo>, 2017)

⁴⁹A quadriga (Latim quadri-, quatro, e jungere, juntas) é um carro ou carroça conduzida por quatro cavalos lado a lado, utilizada nos jogos olímpicos antigos e em outros jogos. É considerada como a carruagem dos deuses e heróis na mitologia grega. São símbolos de triunfo; a mulher que a conduz é frequentemente representada de Vitória ou Fama. Na mitologia clássica, a quadriga era a carruagem dos deuses; Sobre o arco está a "quadriga" (estátua da deusa grega Eirene - deusa da paz, em uma biga puxada por quatro cavalos). Por vontade do rei Frederico Guilherme 3º, a peça de cobre foi acrescida de uma cruz de ferro e da águia prussiana, concebidas pelo artista Karl Friedrich Schinkel, e passou a ser dedicada à deusa Vitória.

⁵⁰ A exemplo artigos contidos na edição na edição (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, n. 30, ano IV, março de 1936, p. 1-5)

Assim sendo, traz-se à tona a importância de analisá-las, segundo Chartier (1990, p. 20), “que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo como ele é”.

É o que se informa nas imagens destas capas, mesmo que não sejam diretamente percebidas em um primeiro momento, ao olhar de forma mais crítica busca-se entendimento das imagens e suas combinações.

Imagem 3 - CAPA da Revista de Educação Física



Fonte: Revista de educação física, ano IV, nº26, setembro de 1935

Referências à cultura alemã estão presentes no texto de Ramos (1936)⁵¹, no qual evidencia que a Alemanha derrotada na I Guerra Mundial, teve que se reerguer, e, desta forma, procurou por meio do fortalecimento do indivíduo, retomar a sua posição de uma nação forte, como se pode observar no texto abaixo:

A Alemanha de após-guerra impressionou mais o mundo com a dedicação integral e decidida do seu povo aos exercícios desportivos do que propriamente com seu espírito belicoso tradicional.

⁵¹Também em texto intitulado: “Os atletas alemães se preparam para as Olimpíadas de Berlim (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano 3, nº 16, julho de 1934, p. 18-19)

É que a nação compreendeu, através da clarividência de seus filhos, clarividência produzida pelo seu insofismável grande adiantamento cultural, que, pátria derrotada militar e financeiramente, só lhe restava um apanágio de força, um índice de vida, um incentivo animador – a vitória física dos indivíduos (RAMOS, Revista de Educação Física, ano V, n. 31, maio de 1936, p. 38)

Nota-se, no texto de Ramos, como a Revista procura enaltecer o povo alemão, com vários adjetivos, ao mesmo tempo em que compara essa cultura com o povo brasileiro, como se pode ler a seguir.

Nosso país não atravessou tão tremendo período. Não desceu da categoria de vanguardeiro, com era a Alemanha de 1914, para a posição de agrilhado, como ficou a Alemanha de 1918. Nem por isso, entretanto, estamos em melhores condições. Si não tivemos derrotas e indenizações, temos uma imensidade territorial deliquescente e uma instrução popular deficientíssima (RAMOS, Revista de Educação Física, ano V, n. 31, maio de 1936, p. 38)

Com esta comparação, o texto prossegue com a chamada de que o ideário esportivo alemão deveria ser seguido no Brasil, como forma de melhoria da raça miscigenada e enfraquecida por consequência do país ao citar que

Contra estes dois fatores deletérios da nossa formação étnica, o esporte pode prestar valioso concurso. Esporte nas escolas, esporte nos clubes, esporte nas empresas comerciais e industriais, esporte nas casas particulares, esporte em toda parte onde se possa atingir o indivíduo (RAMOS, Revista de Educação Física, ano V, n. 31, maio de 1936, p. 38)

O trecho do texto vem ao encontro do ideário de Vargas em divulgar a atividade física em todos os locais possíveis, incentivando a população a prática de exercícios por meio das escolas, do Exército e da imprensa.

Consta na parte final do texto de Ramos, a ideia eugênica de melhoria da raça. Ao descrever que

O organismo sadio é um complexo de fatores vários: hereditariedade, alimentação, "habitat", usos e costumes. Falta-nos apenas, no grau devido, a dupla educacional – instrução e vigor – afim de realizarmos aquela unidade ideal, base de toda raça forte e superior, fundamento de potência racial, de individualidade patriótica: - "Mens sana in corpore sano" (RAMOS, Revista de Educação Física, ano V, n. 31, maio de 1936, p. 38)

Na Revista de Educação Física, constam inúmeros textos que enfatizam o ideário de governo de Vargas, para a melhoria da raça, por meio da divulgação, de ideias de segregação racial. Tais ideias eugênicas separavam os sujeitos sadios daqueles com alguma anomalia física ou mental, com o intuito de melhoria e fortalecimento da raça superior ariana (branca), segundo os seus princípios.

Assim sendo, a eugenia busca, ao fortalecer a raça, manter padrões saudáveis que possam ser transmitidos geneticamente para as gerações futuras, o que acaba por desmerecer outras raças existentes no Brasil e a sua miscigenação, como os negros e índios, intitulado que a mistura de raças resultava em um enfraquecimento da raça

Outro texto intitulado: “Refazendo o Povo Alemão: A Educação Física em Larga Escala e o Centro do Programa Nazista”, assinado por Hungerford (1935), relata que: “A educação física tem sido a parte central do programa de Nazi para construir uma Nova Alemanha...” (HUNGERFORD, Revista de Educação Física, ano 4, n. 27, outubro de 1935, p. 31).

Na sequência do texto, o autor cita que Hitler considera a educação física de suma importância para o desenvolvimento do povo alemão, sendo responsabilidade do Estado divulgá-la e conduzi-la para todos os lugares, como, por exemplo, escolas e universidade, na vida dos adultos, escolares, não escolares, na vida geral e ao ar livre. O programa iniciou conforme a legislação que torna obrigatória a participação dos jovens, com três sessões semanais de uma hora, e um dia de visitas as escolas elementares e secundárias (HUNGERFORD, Revista de Educação Física, ano 4, n. 27, outubro de 1935).

Segundo o mesmo autor, o programa alemão iniciou nas escolas, e logo foi transferido para o campo por terem menores custos e por estar articulado ao Estado no treinamento dos seus cidadãos para preparar os sujeitos em uma futura defesa da nação, tornando-se um treinamento estratégico.

O interesse de Hitler se fez também no meio rural, por ser ao ar livre a forma de prática da atividade física, e mais barata, por explorarem a natureza, no verão com esportes de remo, natação e corrida, e no inverno com esportes de neve. Contudo, a ideia era de levar os jovens de cidades menores para a prática no campo, por considerar melhor e mais barata. Alinhando à ideia rural, toda a formação de professores foi transferida para o campo, pois eles deveriam inculcar nos alunos o

gosto pela vida rural (HUNGERFORD, Revista de Educação Física, ano 4, n. 27, outubro de 1935).

A organização do Hitler Youth⁵² levava os jovens aos hotéis no campo para viverem e desenvolverem metodologias em grupo, com o cunho da formação de futuros líderes para a Alemanha. Os grupos femininos e masculinos realizavam atividades em separado, por isso, além dos esportes, eram treinados tiros em diversas maneiras e posições.

Ao realizar o “defense sport”, que eram definidos como esportes de defesa, são esportes praticados ao ar livre explorando a natureza, mas com o objetivo de mapeamento e conhecimento de lugares para defesa, ao utilizar “aparelhos de orientação, procurando conhecer a terra para movimentos de tropas, localizando perigos ocultos, movimentos rasteiros, escrevendo relatórios e traçando diagramas da situação do campo” (HUNGERFORD, Revista de Educação Física, ano 4, n. 27, outubro de 1935, p. 31).

Quanto ao programa de atividade física do povo alemão, instituído por Hitler, Brandt (2013, p. 2) relata:

o verdadeiro sentido dado à juventude e revela o seu real significado no Terceiro Reich. Jovem na concepção nazista era todo aquele que compreendia, aceitava e internalizava as novas ideias e as novas metas que se instituíam na Alemanha com o novo regime, que se comprometia com e por elas.

O partido nazista estava realizando um treinamento de guerra com os jovens, para torná-los aptos a servirem em batalha ou de forma direta, ou seja, militar, ou para a realização de ajuda na parte estratégica, como conhecedor do campo de batalha.

Para tal foi necessário que cada sujeito dê a sua contribuição da forma que o Estado julgava necessária, como se pode observar o que direciona o programa para as jovens alemãs.

⁵² Centro de formação de professores foi transferida para o campo, pois eles deveriam inculcar nos alunos o gosto pela vida rural (HUNGERFORD, Revista de Educação Física, ano 4, n. 27, outubro de 1935, p. 31).

A seção de moças da Hitler Youth recebe instruções de saúde, primeiros socorros, puericultura, alimentação, alguma ginástica rítmica. As danças regionais são os únicos exercícios que se realizam em conjunto com os rapazes. As danças sociais, exceto a valsa alemã, não são estimuladas, porque as consideram estrangeiras e de indesejável influência. “Jazz é música de negro; valsa lenta é inglesa; tango e rumba provém de povos latinos”. Por isso, os alemães as repelem (HUNGERFORD, Revista de Educação Física, ano 4, n. 27, outubro de 1935, p. 31 – grifos no original).

Ao analisar o programa nazista, pode-se constatar que o nacionalismo chega a pontos extremos de não aceitação de outras culturas ou raças, em busca de uma nação de raça ariana, ao pontuar a não mistura da raça alemã com outras raças. Por esse motivo, os judeus, negros e outras raças foram separadas em bairros, e os judeus praticamente exterminados. Também foram separadas as pessoas com alguma deficiência física, como: coxos e cegos.

O programa de esportes para jovens e adultos foi um dos primeiros atos de Hitler ao assumir o governo, instituiu um chefe para o programa de jovens e outro para o programa de adultos. Com o chefe de esportes para adultos instituindo esportes por todo o país, de acordo com cada profissão, cada uma delas seria instalada em um clube, que fazia parte da Associação Atlética Germânica (HUNGERFORD, Revista de Educação Física, ano 4, n. 27, outubro de 1935).

No final, junta-se o grupo dos adultos e dos jovens, para que eles possam receber uma educação física política e de caráter. Tudo para desenvolver a disciplina nacional, que seria a educação realizada fora das escolas, longe dos pedagogos, evitando que a juventude se perdesse com “influências consideradas erradas pelo partido nazista, evitando a preguiça em cidades do interior, orientando tendências sexuais e condições morais, fazendo parte à educação física da educação geral na Alemanha” (HUNGERFORD, Revista de Educação Física, ano 4, n. 27, outubro de 1935, p. 32).

A disciplina presente no ideário de governo de Hitler, se estabelece de diversas formas. Nesse sentido, segundo Foucault (2008, p. 148),

a disciplina faz “funcionar” um poder relacional que se auto-sustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados. Graças às técnicas de vigilância, a “física” do poder, o domínio sobre o corpo se efetua segundo as leis da ótica e da mecânica, segundo um jogo de espaços, de linhas, de telas, de feixes, de graus, e sem recurso, pelo menos em princípio, ao excesso, à força, à violência (grifos no original).

Essas formas de disciplina severa de caráter nacionalista, com cunho patriótico, foi um dos pontos marcantes para a defesa e preparo da população da Alemanha, para o preparo dos sujeitos para a eminente guerra.

Ao analisarmos o texto de Hungerford, constata-se diversas semelhanças com o ideário de Vargas de eugenia instituído na nação com aspectos de formação cívica e moral, atividades físicas em todo o segmento do país, nas escolas, universidades, praças, campos, clubes e todas as idades, desde a infância até a vida adulta, entre homens e mulheres. De acordo com a conotação dada ao povo alemão na Revista⁵³ e outros textos já citados falam do povo alemão com admiração.

Os textos e editoriais desse período de 1932-1942, são sempre acompanhados de imagens que mostram e demonstram como eram realizadas as atividades nas escolas, campos, clubes e praças.

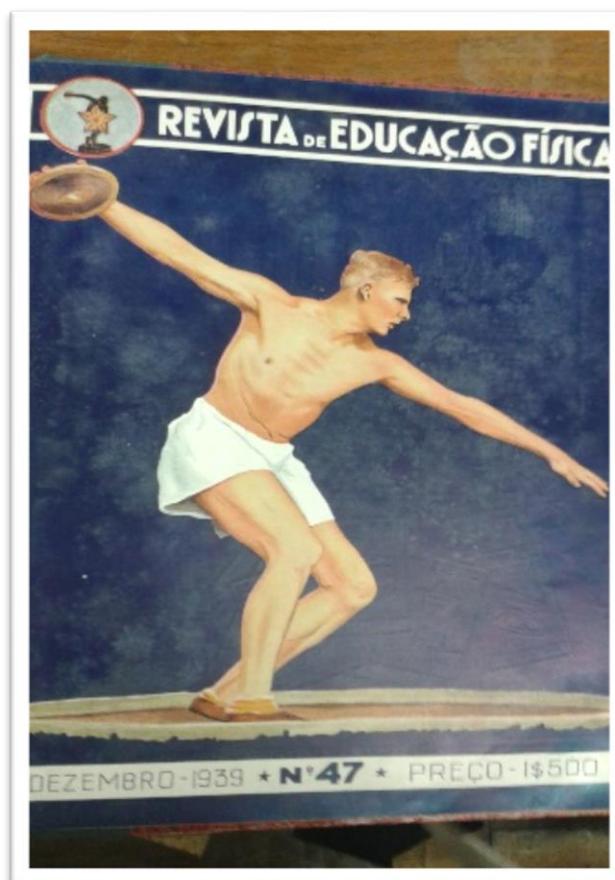
Por artifício das imagens, pode-se enfatizar tanto a lembrança permanente ou simplesmente o esquecimento. Mediante a fixação ou a passagem de modo irrisório, realizado sobretudo pelos sujeitos sociais interessados ou não em preservar os manifestos inerentes à imagem, como por exemplo: a produção da vida, dos sonhos, das lutas e dos sentimentos (CIAVATTA, 2012).

Pode-se citar que a Revista com as suas imagens ressalta a ideia de raça. A raça branca será tônica de editoriais desse periódico, como teremos oportunidade de constatar em apreciação que faremos adiante sobre isso, considerando que o intuito aqui é o de apenas situar a Revista.

Seguindo a lógica do corpo sadio, atlético, da raça branca, e do quanto o esporte potencializaria o êxito individual, segue abaixo a imagem 4 da capa da edição de número quarenta e sete do ano de 1939. Um atleta branco arremessando um disco.

⁵³Duas páginas desta edição falando sobre a nova constituição da mulher alemã, suas modernas instalações esportivas, esportes praticados e estádios (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano 2, nº 10, agosto de 1933, p. 20-21); uma página somente de imagens de desfiles com a bandeira nazista, mulheres alemãs, ginástica ao ar livre e tropas alemãs. (Revista de Educação Física, ano 3, nº 16, julho de 1934, p. 28); Duas páginas de imagens de exercícios em grupo, natação, acrobacias, com os dizeres: “O dinamismo germânico serve de exemplo para o mundo”. Na página seguinte traz a preparação física em prol do exército alemão, com dizeres “em defesa da raça”. (Revista de Educação Física, ano 4, nº 22, maio de 1935, p. 26-27)

Imagem 4 - CAPA da Revista de Educação Física



Fonte: Revista de Educação Física, ano VII, nº 47, dezembro de 1939

Todas as capas analisadas trazem “chamada” para leituras sobre o corpo atlético, por meio de práticas esportivas, assunto a ser melhor explorado no próximo capítulo. Para tal, segundo Chartier (1990, p. 27), “esses processos devem romper com a ideia que “[...] dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único – o qual a crítica tinha a obrigação de identificar”.

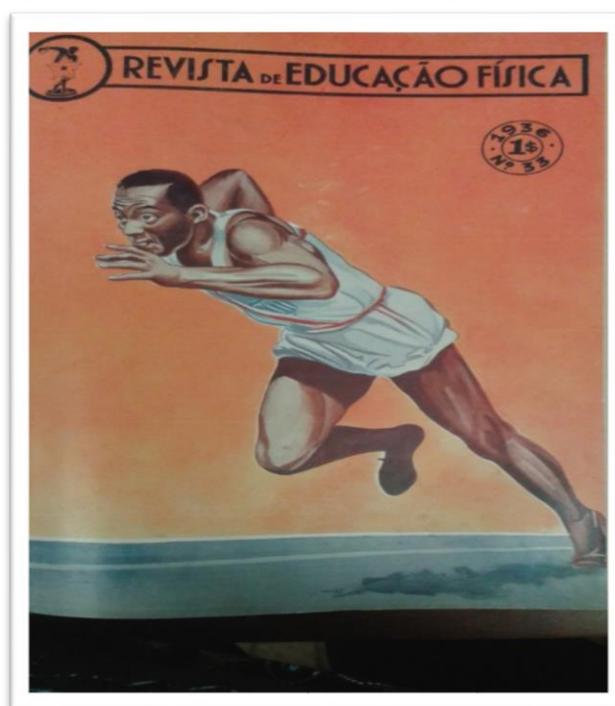
Mesmo com o cunho eugênico, de melhoria da raça, por meio do modelo de homem branco, sadio e forte, trazido pelas Revistas de Educação Física (1932-1942), localizou-se no exemplar de número 33, no ano de 1936, cuja capa consta um atleta norte americano de raça negra Jesse Owens⁵⁴, a realização de um feito inédito, ao ganhar quatro medalhas de ouro no atletismo, nas Olimpíadas de Berlim. Numa conjuntura política e ideológica de segregação racial, tanto dos Estados Unidos na

⁵⁴ O texto sobre o “start de Jesse Owens: análise sobre o antigo e o novo estilo de partida”. Texto e imagem sobre a forma de partida de Owens (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano 4, n. 29, dezembro de 1935, p. 11)

qual os negros eram tidos como raça inferior, como na Alemanha onde o Partido Nazista, liderado por Adolf Hitler, segregava pessoas de outras raças e com deficiências físicas.

Hitler, ao que tudo indica, tinha intenções de utilizar a Olimpíadas de Berlim, como carro chefe de obtenção de resultados que comprovassem que a raça ariana era superior às demais. Com os feitos de Owens, esses propósitos se sucumbiram, tanto que Hitler quebra o protocolo Olímpico ao deixar de cumprimentar Owens e de entregar as medalhas a ele. Além de aparecer na capa desta edição, Jesse Owens tem os seus feitos e recordes editados na página n. 27 da Revista.

Imagem 5 - CAPA da Revista de Educação Física



Fonte: Revista de Educação Física, ano V, nº 33, outubro de 1936

2.4 OUTRAS IMAGENS: PARA EDUCAR UMA SOCIEDADE SADIA - CLUBES, PRAIAS E DEMONSTRAÇÕES PÚBLICAS

Entendendo educação como uma prática social ampla e, considerando que a Revista de Educação Física se destinava à população de modo geral, traz-se a seguir imagens que ilustram esse entendimento na medida em que a mesma veicula informações destinadas à sociedade.

A respeito da imagem Chartier (1998, p. 15), destaca que ela pode:

Constituir-se num lugar de memória que cristaliza, numa representação única, uma história, uma propaganda, um ensinamento, ou ser então construída como a figura moral, simbólica, analógica, que fornece o sentido global do texto, que uma leitura descontínua e vagabunda poderia fazer perder.

Isso posto, entende-se que a imagem não é simplesmente introduzida num texto sem um propósito específico, mas ela pode ser uma convenção de leitura, que sugere ao leitor a percepção do texto e do seu sentido.

Portanto ao se deparar com uma imagem, alguns leitores simplesmente olham de maneira superficial, sem dar a devida importância a ela, quando na verdade, deveriam convergir a sua visão para ela, indagando por que razão a mesma foi posta naquele lugar específico.

Sobre as imagens Manguel (2001, p. 55), traz um trecho elucidativo:

Quando nos confrontamos com uma obra de arte, essa talvez seja a nossa única reação possível: o equivalente a uma prece de gratidão por nos permitir, com nossos sentidos limitados, um número infinito de leituras, que, para o nosso maior proveito e alegria, trazem a possibilidade do esclarecimento.

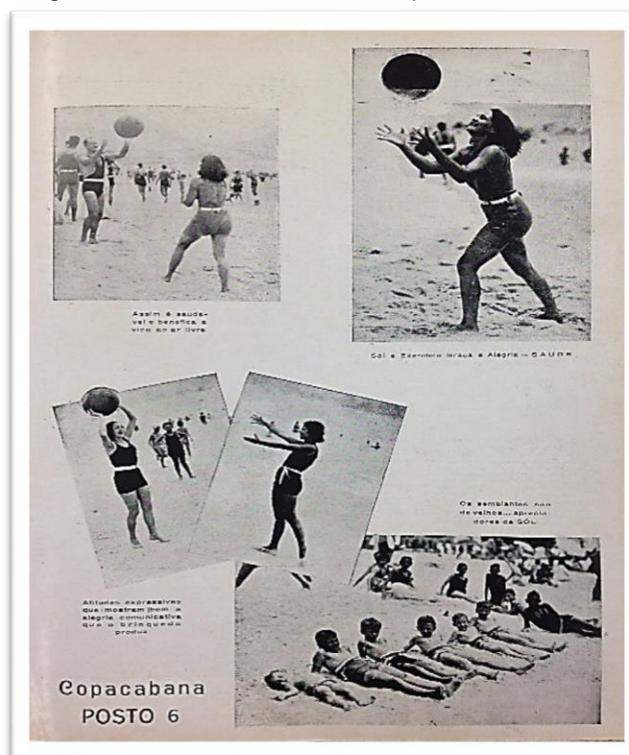
Nesse caso, a citação traz a reflexão a respeito das imagens que, para alguns não passa de um registro simples de um momento que foi congelado, como apenas um registro e mais nada, mas, para outros surge ao analisar uma imagem, a possibilidade de criar representações e signos de diversos integrantes da imagem, como paisagem, objetos e corpos, que estão presentes em um determinado tempo e espaço definido.

Seguindo essa linha de pensamento, para Manguel (2001, p. 55), " a imagem remete a singulares e várias leituras: como ausência, como enigma, como testemunho, como compreensão, como pesadelo, como reflexo, como violência, como subversão, como filosofia, como memória, como teatro".

Desse modo, a imagem 6, testemunha e, ao mesmo tempo, traz à importância da prática de atividade física na praia, imagens de 1933, no posto 6 na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, em momentos de lazer e descontração, com exposição ao sol, que traria benefícios para a pele e para os ossos e a importância do corpo sadio. Características ressaltadas em frases de efeito no entender dos militares escritores da Revista, que enfatizam essas práticas, com dizeres: "assim é saudável e benéfica a vida ao ar livre; sol e exercício graça e alegria-saúde; atitudes expressivas

que mostram bem a alegria comunicativa que o brinquedo produz; os semblantes são de velhos... apreciadores do sol.”

Imagem 6 – Atividades Físicas na praia Rio de Janeiro



Fonte: Revista de Educação Física, ano 2, n. 6, março de 1933, p.17

Por certo, as imagens são capazes de eternizar momentos, o estado em que se encontram as pessoas, como a descontração, cuja finalidade é testemunhar e divulgar, neste caso, os efeitos da prática de atividades físicas, como situado anteriormente. Assim, elas são também modos de convencimento, pois, por meio dela, pode-se enfatizar, constatar ou até mesmo ilustrar um pensamento, linha de raciocínio, uma propaganda que se queira vincular a um texto, ou simplesmente por meio da imagem, levar a caracterização ou indução de um aspecto social, cultural ou esportivo.

Essas imagens, anteriormente, poderiam ser eternizadas somente pelos traços do pincel de um artista expostos em uma tela. Mas, com a técnica da fotografia, as imagens tornaram-se presentes em jornais, revistas e demais periódicos. Para Machado Junior (2011, p. 19),

o resultado da técnica empreendida pela sociedade – ou pelo menos por parcela dela, considerando o domínio sobre o visual em diferentes momentos

da história – pôs-se a seu serviço. Pode-se dizer desta forma que a fotografia assumiu, desde o seu surgimento até a contemporaneidade, importantes funções e usos sociais.

Com a união entre imprensa e a fotografia, essas funções e usos sociais atuam de maneira que uma completa a outra, tanto da distribuição, como na divulgação de seus textos, imagens, signos e representações.

Também podemos observar os movimentos singelos, documentados em fotos de mulheres dançando em clubes, teatros, locais ao ar livre, coreografias, incentivando a prática da atividade física em todos os locais possíveis, conforme se pode ver na imagem 7 a seguir.

Relacionadas ao curso Klara Korte, que aparece na primeira imagem à esquerda, interpretando O Pavão Branco; abaixo à esquerda alunas realizando saltos isolados, a direita consta a “maravilhosa interpretação do carnaval de Schuman”, Logo abaixo, a imagem de uma aluna realizando flexibilidade articular, segue-se a direita a imagem de alunas, intitulada a” imagem harmoniosa da Pátria enfunada pelas suaves brisas do Leblon e a harmonia plástica da brasileira, para finalizar, a dança oriental, na ondulação flexível dos gestos.”

Imagem 7 – Imagens de mulheres em pratica de dança



Fonte: Revista de Educação Física, ano 2, n. 6, março de 1933, p. 30

Os movimentos coreográficos, a ginástica e a dança eram tidas como exercícios apropriados para todas as mulheres, o que as deixaria saudáveis, sem tirar a sua essência feminina. Por esse motivo, várias academias de dança surgiram no período, o que vinha ao encontro do que era veiculado na Revista, por meio das imagens de mulheres com boa forma física, exercitando-se por intermédio de danças, com coreografias variadas, expressões faciais aparentando alegria, beleza e prazer em sua realização. Ao que tudo indica, as imagens podem fazer com que haja certa indução para a realização dessas danças, que provavelmente não eram disponibilizadas a todas as camadas sociais.

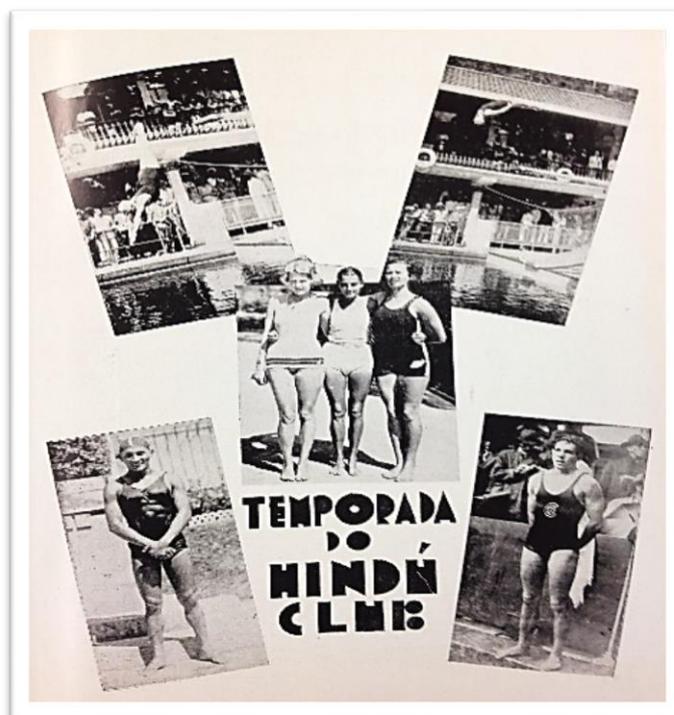
Os significados da imagem n. 7, ao que tudo indica, têm a sua representação dentro dos padrões para a promoção da saúde e da dança especificamente da sociedade da década de 1930. Essa veiculação pela imprensa trouxe uma enorme divulgação de produtos, modas e sugestões de comportamento nos meios de comunicação. Nesse viés, apropria-se das definições de Machado Junior (2011, p. 19), quanto:

A fotografia, que encontrou na imprensa um veículo para a sua circulação, representou para os empreendimentos periódicos um objeto a mais para a sedução do consumo, caracterizada com um atrativo visual para o público-leitor. Quanto mais imagens interessantes estivessem na imprensa, e principalmente nos periódicos de revista, maior seria o número de pessoas interessadas em seu conteúdo e, conseqüentemente, aumentar-se-ia o número de seus consumidores.

Os signos e representações contidos nas imagens podem ser utilizadas tanto na venda de uma mercadoria, ideia, consumo, práticas sociais e esportivas, ideários de governo, etc.

Na imagem n. 8, pode-se observar a participação de homens e mulheres em piscinas de clubes cariocas na prática da natação e de saltos ornamentais do trampolim, em destaque na imagem para o Hindu Club. Ao analisar as imagens, nota-se que elas transmitem a mensagem de perfeição, que podem ser relacionados aos saltos acrobáticos, como também, aos corpos sadios e atléticos de homens e mulheres, que vinham ao encontro do ideário eugênico da época.

Imagem 8 – Clubes e suas piscinas, salto ornamental



Fonte: Revista de Educação Física, ano 2, n. 7, abril de 1933, p. 17

Nota-se na imagem n. 8, a participação tanto de sujeitos que podemos denominar de desportistas, em busca de melhores marcas, saúde e reconhecimento dentro do Hindú Club. Bem como, a sua projeção de carreira esportiva. Ao mesmo tempo, como pano de fundo da imagem, observam-se pessoas prestigiando o evento, os espectadores, demonstrando o interesse da sociedade da época pelas práticas físicas e desportivas.

Como se pretende, neste estudo, ter um maior entendimento a respeito dos sentidos das imagens inseridas na Revista, são válidas as contribuições de Goellner (1999, p. 2), para melhor entendimento das imagens:

Não apenas como algo que pode ser apreendido pela acuidade visual, mas, como representação de sensações, ideologias, valores, preconceitos e mensagens, procuro apresentá-las utilizando-me de uma forma narrativa que procura arrancá-las de um esquecimento/desconhecimento (...) Costuro interpretações através dos vestígios e testemunhos que escolhi para pesquisar e da minha imaginação, originada de um desejo que parte de um sentimento particular que é único e também diverso porque está molhado pelas escolhas e pelas pesquisas.

Ao analisar as imagens anteriormente das atividades desenvolvidas pelas mulheres, pode-se notar que difere das masculinas, por terem um caráter, direcionado

ao fortalecimento harmônico do corpo, não para ganho de massa muscular, mas para que seja forte, ao mesmo tempo que dócil, gracioso e também capaz de gerar uma descendência de crianças mais fortes e sadias.

Prosseguindo neste pensamento de superioridade masculina, ao justificar a sua constituição física por serem maiores e mais fortes o que pode estar representando por meio de signos, a inferioridade em que a sociedade procura estabelecer, mesmo de forma silenciosa as mulheres.

Segundo Chartier (2002, p. 95-97)

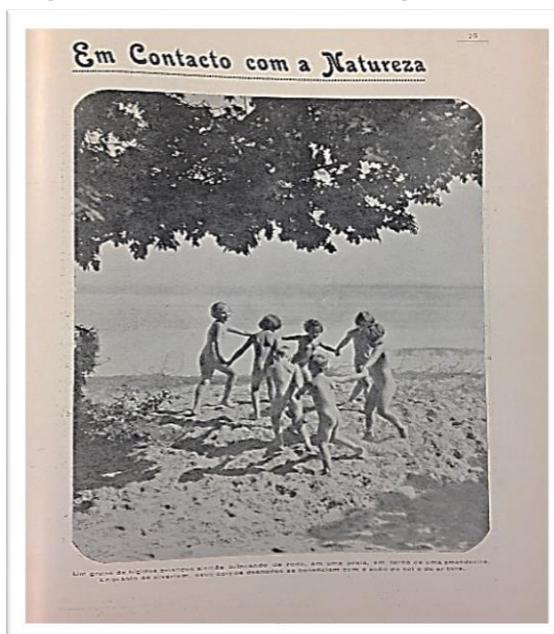
é mencionada a dominação masculina sobre a mulher, que tenderia a ser inculcada através de uma série de dispositivos (inferioridade jurídica, inculcação escolar dos papéis sexuais e da divisão de tarefas; a exclusão de certas esferas públicas, entre outros) tendentes a garantir que as mulheres consentam nas representações dominantes da diferença entre os sexos, e assim contribuam para a própria sujeição.

Ao constatar tais diferenças impostas por uma sociedade com predominância de conceitos considerados “machistas”, que marcaram o período. Por outro lado, se faz necessário agora, procurar diagnosticar quais as representações estão inseridas a seguir, na imagem n. 9, quando o papel da criança agora será analisado nesse meio. Pois bem, se observam um grupo de hípidas crianças alemãs brincando de roda, nuas debaixo de uma amendoeira frondosa.

Tendo como pano de fundo a paisagem de uma praia. A revista procura por meio dessas imagens também divulgar o estímulo decorrente do plano eugênico da Alemanha por editar tanto imagens como textos a respeito da cultura e do povo germânico. Com o mesmo intuito que o Exército confere às práticas de atividade física e lazer em diversos locais no Brasil.

Observe-se o título “Em contato com a natureza”. Essa prática acha-se relacionada à necessidade de exposição do corpo ao sol, para fortalecer os ossos e músculos, mesmo que indiretamente com vistas à higienização do corpo e melhoria da saúde, enquanto estão se divertindo na praia, seus corpos se beneficiam do sol e do ar livre.

Imagem 9 – Brincadeiras de crianças, ao ar livre



Fonte: Revista de Educação Física, ano 2, n. 11 outubro de 1933, p. 21

Diversas imagens e textos na revista remetem à importância da exposição de maneira controlada e saudável aos raios solares. Quando não é possível a exposição aos raios solares de forma direta e natural, a ciência tratou de realizar pesquisas para a exposição a esses raios.

Outras imagens acusam a utilização de métodos de exposição a luzes que promoviam a refração desses raios nas crianças, utilizando luzes com raios infravermelhos e ultravioleta. Os ocorridos podem ser analisados na imagem n. 10 a seguir, em texto assinado por Branco (1933).

calistênica e ginástica corretiva, no auxílio dos músculos posturais, com livros na cabeça (à direita) realizando agachamentos, visando obter melhor equilíbrio físico.

Os exercícios são demonstrados na sua execução de forma correta, mas ao analisar-se as figuras abaixo, pode-se observar o cuidado em colocar imagens de um visual de mulheres sadias, belas e esbeltas, praticando atividade física, em locais bonitos e higienizados, dando a sensação de limpeza e equilíbrio, com o propósito, ao que tudo indica de levar a quem admirasse as imagens a ter a vontade de realizar esses exercícios para conseguir chegar à estética e saúde anunciadas, por meio do ideário eugênico que as imagens permitem imaginar.

Imagem 11 – Atividade físicas para as mulheres



Fonte: Revista de Educação Física, ano 2, n. 14, jan. 1934, p.20

Os exercícios da imagem 11 faziam parte do ideário de fortalecimento da nação pelo fortalecimento da raça, e as mulheres seriam responsáveis pela maternidade de uma geração mais saudável e forte, razão pela qual elas deveriam permanecer em condições físicas saudáveis.

A diversidade das imagens contidas na Revista, com sujeitos de diversas faixas-etária e gênero, na prática de atividade física, ao que tudo indica, reforçam o ideário político de Vargas, de vulgarização das práticas esportivas como forma de prevenção de doenças e enfermidades para todas as idades, como constam em vários artigos desse impresso relacionados ao meio feminino e infantil.

Os impressos remetem à relação entre o ideário do Exército, do Estado. Dessa forma, questiona-se qual o papel da Revista neste contexto enquanto instrumento de divulgação dessas formas de pensar e de agir. Nesse intuito, pode-se embasar no posicionamento de Chartier (2002a, p.165-166), levantam questões como as das “relações entre signo visível e o referente significado, bem como as das compreensões e incompreensões do signo (...) que percebe aqui uma fresta para visualizar a pluralidade de apropriações das representações”.

Na imagem n. 12 observam-se crianças vestidas de índio, com um menino ao centro batendo um tambor, ao que tudo indica, para dar ritmo a dança. Ao fundo uma plateia considerável. O interesse do Estado “é de utilização dos parques como local de atividades culturais e físicas e não simplesmente um lugar para atividade livre. Desta forma, os parques parecem ter sido utilizados como locais para: “assistir, educar e recrear” (MIRANDA, 1941, p.9)

Imagem 12 – Atividade em Parque em São Paulo



Fonte: Revista de Educação Física, ano 10, n. 48 set. 1941, p. 9

No texto que consta na parte superior da imagem intitulado “Parques infantis de São Paulo, escrito pelo Dr. Nicanor Miranda, reproduzimos alguns trechos”. No primeiro deles, o autor destaca a criação de um parque infantil, pelo Departamento Municipal de Cultura de São Paulo. Diz ele:

Ao ser criado o Serviço Municipal de Parques infantis, hoje uma das células do Departamento e Cultura, verificou-se logo de início a necessidade de criar-se uma concepção para a nova obra que o Município iria realizar concepção essa que não só definisse a natureza de um novo serviço da cidade como sintetizasse também um programa de ação.

Era mister⁵⁵, antes de tudo, modificar a ideia existente na maioria da população – e que hoje ainda existe em boa parte, infelizmente – que Parques de Jogos são campos, com abrigos, galpões e aparelhos de recreio onde as crianças brincam. Um verdadeiro conceito se impunha. Foi quando definimos os Parques Infantis como “logradouros públicos onde, pela recreação e pelo jogo organizado, se procura educar a criança, ministrando-lhe simultaneamente toda a assistência necessária”. (MIRANDA, 1941, p. 9 – grifos no original)

Posta a nova realização e a compreensão sobre a necessidade de atribuir uma nova concepção àquele tipo de espaço público, Dr. Miranda prossegue, chamando atenção para tríplice finalidade dos Parques Infantis. Neste trecho, pode-se perceber a aproximação importante de preceitos da Escola Nova, destacadamente quanto ele vincula esse local às necessidades das crianças:

Baseados nessa concepção atribuímos aos Parques Infantis uma tríplice finalidade: **assistir, educar e recrear**, dando-lhes uma organização própria, de acordo com o nosso meio, com a nossa gente e, principalmente, com as **necessidades reais da criança**.

A experiência de poucos meses foi suficiente para concluir que a mais imediata precisão da criança era “ser assistida”. Por isso organizaram-se modalidades de assistência: médica, dentária e alimentar. (MIRANDA, 1941, p. 9 - Grifos nossos).

Nesse texto, o autor demonstra-se preocupado com a saúde pública. O que remete à questão higiênica, também. Questão que há muito tempo vinha sendo parte de preocupações de grupos médicos no Rio de Janeiro, citado anteriormente com o trabalho de Gondra (2004). No mesmo artigo, Dr. Miranda prossegue discorrendo:

Ao lado da assistência social, a educação e a recreação. Ginástica, jogos, torneios, biblioteca, jornais, clubes, música, coral, modelagem, desenho, trabalhos manuais, excursões, festivais, etc.

Mas **a característica principal dos Parques Infantis, é assistência social** que a Prefeitura de São Paulo proporciona às crianças dos bairros. **É o que constitui, aliás, uma das suas mais expressivas originalidades...** A assistência médica está intimamente ligada à educação de saúde: medicina preventiva ao invés de medicina corretiva. Agir no sentido de fortalecer a criança afim de que não se faça mister curvá-la mais tarde.

O serviço médico se resume, em linhas gerais, em duas formas: a inspeção prévia da criança e o exame sistemático. É evidente que o primeiro cuidado da superintendência do serviço deve consistir em evitar, por todo transe, que o Parque Infantil seja um foco de moléstias transmissíveis. **As estatísticas mostram que as moléstias mais frequentes nos Parques Infantis são a pediculose, a gripe, a coqueluche, o tracoma, a amigdalite, a corisa**

⁵⁵ A palavra está sendo empregada no sentido de necessidade, urgência, precisar (grifos do autor)

aguda, a escabiose, a varicela, a parotidite epidêmica, o sarampo, a conjuntividade aguada, a difteria, a sífilis, a tuberculose, a escarlatina, doenças na sua quase totalidade transmissíveis e contagiantes (MIRANDA, 1941, p. 9 – Grifos nossos).

Ao mesmo tempo em que atribui caráter educativo a esse tipo de espaço, o autor destaca a assistência social como sua principal finalidade. Nessa, estaria certamente a função de prevenir moléstias, dentre elas, as inúmeras, indicadas pelo texto. A Educação Física, por meio de jogos e brincadeiras serviria também como medida preventiva.

No subitem, constata-se a abrangência do ideário do governo Vargas e da Revista de Educação Física, que no interior das suas páginas, ilustrou e, ao mesmo tempo, direcionou diversos assuntos pertinentes à eugenia da raça e o estímulo à prática de esportes e atividades físicas em diversos locais, a citar: praias, campo, clubes, academias, escolas de dança, ginásios, quadras, pistas e qualquer espaço destinado à prática direcionada para a melhoria da saúde da População. Essas, apoiadas nas ideias de Foucault (2007, p. 11-12), ao se referir as formas de poder,

[...] Esta alma real e incorpórea não é absolutamente substância; ela é o elemento onde se articulam os efeitos de um certo tipo de poder e a referência de um saber, a engrenagem pela qual as relações de poder dão lugar a um saber possível, e o saber reconduz e reforça os efeitos de poder [...].(FOUCAULT, 2007, p. 11-12),

Nessa pesquisa, são inúmeras as formas de poder exercidas pelo Estado, elites dominantes, Exército, oligarquias cafeeiras, políticos e intelectuais. Cada forma de poder se constitui, de um lado, a pessoa ou grupo que exerce esse poder e do outro a pessoa ou grupo que tem a consciência desse poder exercido, que formam um conjunto de tensões e representações no meio social, ao pender para um ou outro lado.

3 POR DENTRO DA REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DOS EDITORIAIS ÀS MATÉRIAS DE CUNHO EDUCATIVO ESCOLAR – PRESENÇA EUGÊNICA

O título anunciado não descarta de outros aspectos já tratados anteriormente e que se inserem no interior da Revista. A pretensão aqui é, sem dúvida, a leitura do objeto de estudo, adentrando à questão específica que respeita ao ideário educativo nela contido. De maneira ampla, ele já vem sendo trazido nas discussões tratadas até aqui. Contudo, merece um olhar de aproximação daquelas finalidades estritamente educativas de âmbito escolar. Nesse sentido, entende-se que os editoriais não fogem a elas, daí a importância em trazer alguns deles.

3.1 ALGUNS EDITORIAIS E A QUESTÃO EDUCACIONAL: O PAPEL DO EXÉRCITO

Considera-se importante trazer trechos de editoriais por conterem não somente o cunho de exaltação a obra até então realizada pelo Exército em prol da nação, mas por remeterem a finalidades educativas com vistas a divulgar e inculcar um sentimento nacionalista. Nesse sentido, temos a seguir um trecho do primeiro Editorial, intitulado “Militarismo e Educação Física”.

Ao Exército deve-se a unidade do Brasil-Império. Ao Exército deve-se a Abolição. Ao Exército deve-se a primeira e a segunda-República. Enumerar o que tem sido a obra dos militares dentro do organismo nacional é contar quase a própria vida nacional. Mais ainda hoje pouca gente compreende o valor silencioso, nem por isso menos formidável, da obra de alfabetização, nacionalismo e higienização social que o Exército realiza implacavelmente entre os jovens que vêm anualmente servir nas fileiras. (...). Aos olhos mais indiferentes às necessidades nacionais, ressalta logo os benefícios maravilhosos e oportunos de tais medidas. No entanto, elementos civis da alta administração, associações pedagógicas num máuvéso propagam maldosamente antipatrioticamente, que se pretende fazer uma obra de militarismo (...) (PINHEIRO, Revista de Educação Física, editorial, ano 1, n. 1, maio, 1932).

Desse trecho do primeiro editorial da Revista, é possível destacar três aspectos: primeiro, o caráter exortativo sobre o papel político da instituição na definição de períodos históricos do Brasil, segundo sobre o seu papel educativo,

e terceiro, sobre possíveis críticas a ações desse órgão. Desse último, pode-se depreender que havia críticas à conduta higienista do Exército.

O editorial da Revista, sob o título “O Exército e a Educação”, refere-se à realização do 5º Congresso de Educação, realizado no mês de setembro no Recife, não tendo sido o Exército convidado para as edições anteriores, destacou que nenhuma obra educativa seria possível de ser feita, sem essa instituição e que ela, em outras palavras era fundamental para a correção de condutas e aprendizados daqueles dos quais menos se espera. Nesse sentido destaca-se:

(...). Por essas escolas (as escolas do Exército), passaram como num crivo em geral, o elemento mais avesso ao ensino, e, por força da sanção que Exército tem em si mesmo, esse elemento deixa a caserna, alfabetizado, queira ou não queira. Esse elemento é muitas vezes colhido no sertão mais rude e devolvido a ele como uma centelha de luz no cérebro, então vazio. (...). (PINHEIRO, Revista de Educação Física, editorial, ano 1, n. 2, junho, 1932).

Desse trecho de editorial é possível depreender sobre a força disciplinadora do Exército na perspectiva de ajustar os seres rebeldes e, ao mesmo tempo dar-lhes capacidade cognitiva. Nesse sentido, é possível falar de docilização de corpos na compreensão apontada por Foucault (2008). Seres que se tornariam dóceis, adestrados pela “força da sanção do Exército”.

Os brasileiros são tristes, eis um problema! Essa é uma ideia desenvolvida no editorial da Revista. É preciso estimular a alegria. Isso seria possível com a prática da Educação Física. Eis alguns trechos desse editorial:

A Educação moderna traz em seus princípios fundamentais, a **saúde** e a **recreação**.

Saúde - não ausência de moléstias virulentas, mas **saúde** perfeito equilíbrio funcional.

Recreação – porque recrear é renovar a capacidade mental para a vida. (Grifos no original). (PINHEIRO, Revista de Educação Física, editorial, ano 1, n. 3, julho, 1932).

Antes de trazer a problemática da tristeza do brasileiro, o editor situa esses dois princípios da educação moderna. Posto isso, refere:

E com razão que **os observadores afirmam que o brasileiro é triste. O brasileiro não sabe ser alegre.** O problema da alegria é para nós um problema de **renovação racial**. Começamos por ensinar as nossas crianças a serem joviais. Nada de roupas engomadas, pesadas, que tolham os movimentos, vestes leves, claras, membros a livres,

alimentação sadia, recreação (Grifos no original). (PINHEIRO, Revista de Educação Física, editorial, ano 1, n. 3, julho, 1932).

Consta-se que a ausência de alegria da população brasileira se vincularia a um problema racial. Dessa percepção, ter-se-ia que melhorar a raça, torná-la alegre, exuberante. Trata-se da compreensão de que há muito vinha sendo difundida no Brasil, segundo abordado nos capítulos anteriores. Nesse sentido, outro trecho merece ser mencionado.

[...] viemos aqui fazer um apelo aos nossos camaradas espalhados no Brasil inteiro para que sugiram aos perfeitos locais das guarnições militares, a criação de “campos de recreio” onde os futuros **rapazes e raparigas do Brasil aprendam a ser alegres, plantem na sua alma e no seu corpo a raiz do oiro da alegria de viver**. (Grifos nossos). A atividade vital não é uma esquematização de atos impostos exteriormente, com fins parciais que põem em jogo funções particulares, desmembradas, mas um **sistema de energias**, formadas pelo próprio indivíduo para satisfação de suas necessidades biológicas e de suas aspirações espirituais. (PINHEIRO, Revista de Educação Física, editorial, ano 1, n. 3, julho, 1932, grifos no original).

São percebidas no discurso dos militares, ao mesmo tempo em que apregoam o estímulo externo ao desenvolvimento de comportamentos, atitudes alegres, enfim, de melhoria de humor do brasileiro, por meio da atividade física que melhoraria a saúde. Daí a necessidade de que sejam criados campos de recreio e, ao mesmo tempo ter bom humor resultaria de um sistema de energias criado pelos indivíduos.

Certamente, o editorial que mais se aproxima do caráter e finalidade desse periódico, é possível ser encontrado na Revista, sob o título “Hegemonia da Raça”, o então redator-secretário, 1º Tenente J. R. Toledo de Abreu discorre sobre a necessidade de melhorar o Brasil pela evolução étnica de sua população. Diz ele:

As alterações sociogênicas encontram sua natural condição no elemento étnico. Assim, pois, todas as modificações sociais serão difíceis, senão impossíveis quando as qualidades físicas, fisiológicas, e psíquicas da raça não as comportem. Portanto, se acariciamos um ideal superior, se queremos a prosperidade e a grandeza de nosso país é mister que, antes de mais nada, atentemos nos fundamentos étnicos do seu povo, trabalhando com essa matéria prima que se destina plasmar todas as grandezas e prosperidade almejadas (ABREU, Revista de Educação Física, editorial, ano 2, n. 10, agosto, 1933).

Esse editorial soa como uma conclamação à melhoria étnica brasileira. Reitera a característica fundamental da Revista na difusão do ideário que lhe dá norte. Para esse redator, é mister dedicar-se à raça, quanto antes, um desvelado esmero, fazer dela um objetivo do mais alto interesse, e envolver a mais forte energia esse interesse elevado. Nesse trecho, temos o que certamente faria o sentido maior da revista, divulgar e, assim, consolidar preceitos eugenistas. Para aquele editor, ainda, o Brasil alcançaria a hegemonia civilizatória com melhoria racial.

De fato, na concorrência interestatal, a preponderância tem sido sempre das raças mais enérgicas e sadias, das raças mais aptas, por que facilmente, se apoderam dos instrumentos de civilização e do progresso. Cheias do senso das realidades, organizam-se sob critérios objetivos, abandonando os devaneios políticos, os sonhos e ficções, trilham as sendas firmes das construções raciais. (ABREU, Revista de Educação Física, editorial, ano 2, n. 10, agosto, 1933).

Importa chamar atenção para o fato de que segmentos importantes da elite nacional se mantinham fortemente vinculadas a ideias dessa natureza que circularam durante o império como demonstrou o estudo de Gondra (2004) e Schwarcz (1993), bem como durante toda a primeira república, segundo constatou Marques (1994). Certamente, tais ideias encontrariam ecos e seriam consequência da circulação daquilo que desembocaria dos movimentos nazifascistas que culminaram na Segunda Guerra Mundial. Nesse aspecto, não seria demais dizer que esse periódico contém artigos que tratam sobre Mussolini e a abordagem eugênica no universo da educação física.

A Revista traz, antes de tudo, um pessimismo contundente sobre o que constitui originalmente a raça brasileira, mesmo que o contrário seja afirmado.

No caso do Brasil, pelos seus brilhantes desígnios, pela sua elevada missão culto-histórica, no continente, quiçá, no mundo, urge cuidar da raça com especial carinho, despertando nela a emulação necessária aos mais sérios e elevados empreendimentos sociais. Não possuímos ainda um tipo antropológico perfeitamente definido. Proveniente de raças dissemelhantes – a branca, a preta e a indígena -, a nossa raça, por certo, se ressentida da disparidade dos elementos que a integram. (...). Não vai nestes dizeres nenhum pessimismo, antes um protesto de honestidade. (...) (ABREU, Revista de Educação Física, editorial, ano 2, n. 10, agosto, 1933).

Outro editorial cujo texto merece ser trazido em alguns trechos, intitulado “Dia Glorioso”, no qual, além de conter a linha eugênica traçada pelos editores desse periódico, demonstra em termos objetivos a expansão de um projeto militar de melhoria da raça pela prática de educação física. O então redator-chefe João Ribeiro Pinheiro, em tom exaltativo, assim se manifesta:

No dia 26 de novembro de 1932, às 15 horas, foi inaugurado no recanto histórico do Morro do Cão – o **Ginásio Leite de Castro**⁵⁶. (grifo no original). Foi este um dia-semente. Um dia-marco. Um dia- fecundador. A opinião pública fez justiça, através da imprensa unanime, ao pujilo de jovens que organizados sob a vontade monolítica do Cel. Newton realizaram esta obra. E mais que os homens do presente - os posteriores, as gerações vindouras renderão culto àqueles que superiormente souberam trabalhar desta forma pelo Brasil. (...). Aqueles que tentam transformar a sub-raça, feia e fraca, que habita o território pátrio, em uma raça definitiva homogênea e vitoriosa. (PINHEIRO, Revista de Educação Física, editorial, ano 2, n. 4, janeiro, 1933).

Com mais esse trecho de editorial reitera-se, não somente o espírito nacionalista eugênico desse periódico à época dos anos iniciais de sua circulação, como também o papel que o Exército se atribui nesse sentido. Ele se intitula como “única força nacional organizada – o verdadeiro sistema sanguíneo do país, só por ele, através de seus monitores e de seus órgãos, de circulação, se poderá fazer o fortalecimento pátrio” (IDEM, IBIDEM).

O editorial intitulado “A Escola de Educação Física do Exército” enfatiza o culto ao corpo e à alma dos homens, gerando uma forma física com simetria e proporções almeçadas, estabelecidas por esta educação física em um sujeito organizado, enaltecendo este trabalho como uma obra de arte, arte viva. Magalhães cita:

Orgulha-se o criador do que é, ascende a criatura para o que deseja ser. Nos traços da simetria e da proporção, ressalta a inspiração de uma doutrina capaz de confeiçoar grandes realizações. A simetria representa a disciplina; a proporção é a síntese da conformidade. Desta maneira, manipulam-se caracteres e virtudes. O fundamento da educação física está na observância das boas normas da obediência. O corpo humano é uma sinergia. Sinergia é a colaboração solidária de esforços. Chegando a sociedade ao cumprimento natural de seus deveres, como o organismo reproduz a sua concordância funcional, o mundo será a variedade feliz dentro da tranquilidade consoladora

⁵⁶ Em visita realizada a EsEFEX, em 2017, constatou-se que as dependências do Ginásio Leite de Castro, se encontra na melhor condição de conservação possível, tanto externo como internamente. Surpreendendo por estar praticamente da mesma forma que as imagens contidas na Revista, quando da sua inauguração (grifo do autor).

(MAGALHÃES, Revista de Educação Física, editorial, ano 2, n. 14, janeiro, 1934).

Pode-se observar no trecho acima a forte expressão contida quanto à eugenia, por meio de exercícios físicos, com o intuito de moldar tanto o corpo como a maneira de agir do sujeito, com regras preestabelecidas com caráter indutivo à servidão e colaboração com a sociedade.

Dessa forma, o culto ao corpo contido no ideário da Revista e na Escola de Educação Física do Exército baseia-se em estereótipos provenientes da civilização grega⁵⁷, como cultura a ser seguida de guia a esse padrão físico.

Ainda no texto de Magalhães, pode-se constatar que tal cultura era instituída por meio de exercícios realizados em diversos lugares. O autor menciona que: “nos ginásios, modelam-se os contornos da exata figura que a antiguidade helênica eternizou como documento derradeiro e imortal de sua era de opulência e sabedoria” (MAGALHÃES, Revista de Educação Física, editorial, ano 2, n. 14, janeiro, 1934)

Segundo o editorial, o espírito contempla a transformação do corpo, antes sem forma, e agora com linhas consideradas perfeitas, convergindo os atos em harmonia com a disciplina e a moderação dos exercícios. Assim, “passa o pelotão dos atletas. Homens talhados para a pureza das linhas. Homens plasmados para a grandeza dos tempos” (MAGALHÃES, Revista de Educação Física, editorial, ano 2, n. 14, janeiro, 1934)

Nota-se o sentido de transformação e modificação do indivíduo por meio da atividade física, em busca de uma harmoniosa forma de adestramento físico e intelectual, em prol do ideário de governo de Vargas.

Mantendo o mesmo sentido de movimento eugenista, no editorial com o título “Uma política de cultura!”, foi posta a necessidade de realizar atividade física, devido ao enfraquecimento, segundo Calmon, pela miscigenação da raça brasileira, especificadas entre os povos do norte e nordeste, litoral, sul e meridional, ao atribuir que

⁵⁷ O que podemos constatar em vários textos contidos na Revista, como, por exemplo, na edição (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, n. 30, ano IV, março de 1936, p. 1-5)

Lapouge e Gobineau recuariam, atônitos, eles, que inventaram o mito da inferioridade das sub-raças de matizes transitórios – diante dessa juventude nortista bronzeada e robusta, do homem do litoral hercúleo e sadio, do nosso meridional que, na cruz das correntes imigrantistas, não perdeu, na aparência ou na psicologia, nenhum dos traços nobres de sua origem caucásia. (...) queremos um homem rijo, vivaz, resistente e disciplinado (CALMON, Revista de Educação Física, editorial, ano VI, n. 40, julho, 1938).

Na sequência, Calmon faz citações ao atletismo, fortalecimento e defesa militar, e a respeito do programa de valorização do ser humano. Sobretudo,

Melhoria das gerações novas pela higiene das lides desportivas. Sua educação qualificação nas praças de cultura física. Seu enquadramento pelas normas éticas dessa fase saudável e feliz das competições atléticas. Militarização espiritual. Enobrecimento do concurso individual no conjunto das coletividades eugênicas. Formação de elites representativas. Influência dos núcleos educativos das capitais sobre as populações do interior, adormecidas na abandonada paz de sua vida sem estímulos, no indeciso equívoco de suas forças dispersivas. Saúde resultante de exercícios ginásticos. Lineamento d'uma regeneração antro-po-psíquica, nas zonas menos cultas do Brasil, pelos mesmos processos de desentorpecimento dos músculos jovens. Sinergia, solidariedade, intrepidez, obediência, código de conduta, ideal de vitória, senso de superioridade, ambição honesta, perseverança, confiança, consciência... (CALMON, Revista de Educação Física, editorial, ano VI, n. 40, julho, 1938)

Observa-se a entonação eugênica de forte controle hegemônico da raça, enfatizando a superioridade da raça branca em detrimento da raça miscigenada, a qual era posta como fraca e inferior. Tal poder de hegemonia da raça era realizado por meio da prática de exercícios físicos regulares para a melhoria e fortalecimento das futuras gerações. Considerando o lugar de onde os editoriais emanam, pode-se falar em “estratégias”, na acepção de Certeau (1999). Não somente como um dos lugares do mais forte, mas também pelo discurso e linguagem utilizados.

3.2 IDEÁRIO EDUCATIVO EM IMAGENS

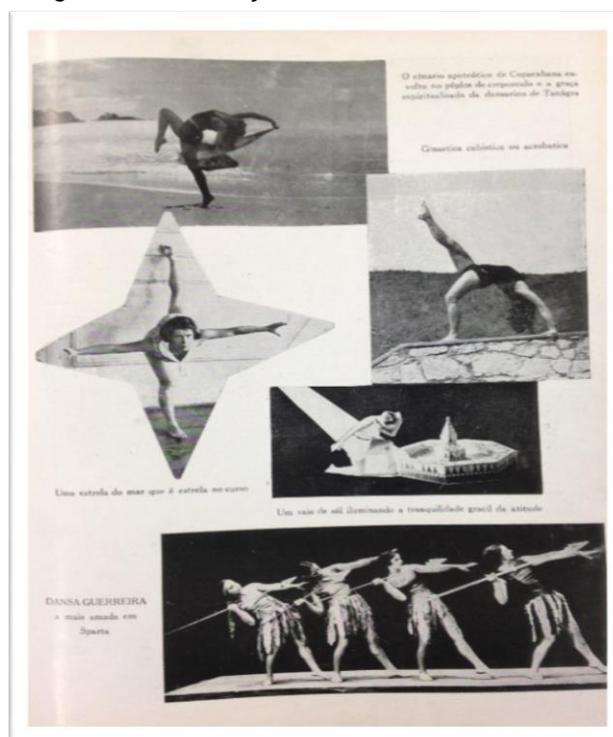
Este subitem foi reservado para trazer o ideário educativo, sobretudo por meio de imagens. De algum modo ele se acha disperso ao longo deste trabalho, entretanto julga-se importante essa sistematização, considerando que além de textos sumamente eugênicos, o exército também realizou estratégias

(CERTEAU, 1999), como se pôde ver anteriormente, e, neste caso, entendê-las como de estratégias de convencimento por meio de imagens.

Seria preciso, como foi estender práticas de melhoramento físico pelo corpo social e, como indicado anteriormente, as mulheres fizeram parte dos propósitos de levar a cabo tal ideário. Nesse sentido, importa referir sobre a força das representações na acepção de Chartier (1990). As representações aqui tomadas como ideário educativo do Exército, veiculadas e concretizadas por meio da Revista, não somente abordavam discursos eugênicos via o periódico aqui estudado, como também abordavam práticas postas em ação por essa instituição, cujas imagens são testemunhos.

Na imagem n. 13, a seguir, constam imagens de mulheres se exercitando em acrobacias, com gestos flexíveis e harmônicos. Entre as imagens, podem ser lidas frases como por exemplo: o cenário apoteótico de Copacabana envolto no pêplos do crepúsculo e a graça espiritualizada da dansarina de Tanágra; e, ginástica cubística ou acrobática; uma estrela do mar que é estrela no curso; um raio de sól iluminando a tranquilidade gracil da atitude; finalizando a DANSA GUERREIRA a mais amada em Sparta. (Grifos original).

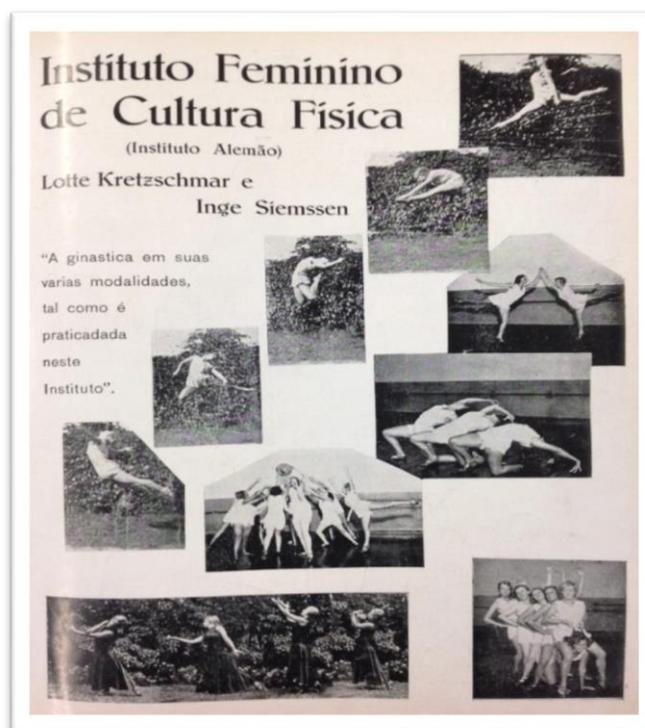
Imagem 13 – Educação física feminina



Fonte: Revista de Educação Física, ano 2, n. 6, Março, 1933, p. 30

Vale dizer que várias instituições participam dessa cruzada eugênica. Estão substancialmente ligadas a grupos economicamente favorecidos. A exemplo, encontram-se as aulas de ginástica da Srs. Naruna Amorim Sutherland na Revista de Educação Física, ano 2, n. 6, Março, 1933 (p.17-18), a Dança oriental de Marguerite Agniel (p.19-20), o Instituto Feminino de Cultura Física de Sylvia Accioly (p.21-22), o Instituto Feminino de Cultura Física Helga Michaelsen e a Fundação Osório, o Instituto Feminino de cultura Física (Instituto Alemão) de Lotte Kretzschmar e Inge Siemssen (p. 25-26). Traz-se a título de exemplo as imagens 14 e 15 a seguir.

Imagem 14 - Educação física feminina- Instituto Feminino de Cultura Física



Fonte: Revista de Educação Física, ano 2, n. 6, Março, 1933. p. 25-26

Assim, recorrendo a Foucault (2008), pode-se falar de disciplinarização do corpo social por meio de práticas de educação física em distintos lugares, praias, clubes e escolas, a educação do físico. De sua conformação aos ditames eugênicos atribui a tais práticas a capacidade invisível de atuarem como micro poderes. Isso nos permite inferir novamente com Chartier (1990) sobre o potencial das representações como forças de dominação.

Dessa perspectiva e, reiterando o exposto nos editoriais anteriormente abordados, a imagem n. 15 tem como finalidade sentido de tornar o país menos feio, menos indolente e menos fraco, como apregoou Ribeiro em seu editorial de março de 1933.

As aulas realizadas na Fundação Osório demonstram isso em exercícios de *graciosidade, beleza, coreografia e habilidades com a bola*. Com o título “*PARA UM BRASIL MELHOR*”, que segue nas citações de texto das imagens: *Diversos aspectos das lições de educação física feminina e infantil ministradas pelo Capitão R. Simas de Mendonça*.

Imagem 15 – Educação Física Feminina na Fundação Osório



Fonte: Revista de educação física, ano 3, n. 18, dez. de 1934, p.16

3.3 IDEÁRIO EDUCATIVO: O ESCOLAR EUGÊNICO EM IMAGENS

Práticas de Educação Física também são importadas, como são os referencias que subjazem. Nesse sentido, o exemplo vem de outros países, como a França, mas também dos Estados Unidos como se percebe na imagem n. 16, na Escola Carlie Curtiss School. Observa-se, nessa imagem, um ambiente de uma escola de educação infantil para crianças localizada nos Estados Unidos.

Certamente trazidas pela Revista de Educação de Educação Física deveriam servir como exemplo de práticas a serem adotadas no Brasil.

Imagem 16 - A Educação Física Infantil na Carlie Curtiss School, de Los Angeles, E. U. A.



Fonte: Revista de Educação Física, ano 3, n. 16, jul. 1934, p.27

Como se pode constatar nas imagens que integram as páginas da Revista de Educação Física (1932-1942), encontra-se, também, aquelas imagens de aspectos do cotidiano, que são trazidas para testemunhar a repercussão do ideário educativo eugênico, também em universos escolares. Nesse sentido, recorreremos novamente a Chartier (1990), para quem a leitura de imagens “representa um campo de pesquisa da História Cultural, pela conjugação de três elementos não dissociáveis: uma história dos objetos em sua materialidade, uma história das práticas nas suas diferenças e uma história das configurações”.

Nesse particular, trata-se de um pequeno universo de história de práticas culturais em certo tempo e espaço históricos, mas também de dispositivos, no caso a Revista aqui estudada, considerando-se que ela serviu de meio e, ao mesmo tempo, de estratégia de circulação e difusão de um modo não somente

para compreender, mas tornar, moldar o ser humano segundo uma visão de mundo, a do Exército.

Nesse sentido, é oportuna a ideia de Philippe Dubois (*apud* DE PAULA, 1998, p. 20), sobre as vertentes de análise da fotografia, quando relata que:

A primeira dessas vertentes vê na foto uma reprodução exata do real. O efeito de realidade ligado a imagem fotográfica é atribuído a semelhança existente entre a fotografia e seu referente. Similaridade e realidade, assim como verdade e autenticidade, são noções que se diluem na imagem. Aqui, a fotografia é concebida como olho da história e espelho do mundo. Posteriormente, denunciaram-se a objetividade “inerente” da fotografia e sua pretensão de se fazer cópia exata da verdade. Tentou-se demonstrar que a imagem fotográfica não é neutra, mas intencional e culturalmente codificada, um instrumento de transposição, da análise, de interpretação e até de transformação da realidade. Essa reação contra o ilusionismo do real procurava analisar a imagem como uma formação puramente arbitrária e ideológica [...]. É importante observar que ambos os tipos de concepção têm como denominador comum a consideração da imagem fotográfica como portadora de um valor absoluto ou, pelo menos, geral, seja por semelhança (a foto como espelho do mundo), seja por convenção (a foto como codificação das aparências).

As diversas formas de se analisar uma imagem permitem que a pessoa faça as suas próprias análises. Dessa forma, a seguir fotografia de escolares em um cenário natural, tudo indica serem alunos de Jardim de Infância, cercados de natureza. Nota-se, também, o mobiliário adequado ao tamanho das mesmas que corroboram para as necessidades de espaço que elas necessitam para o aprendizado. Por fim, a professora fazendo tudo indica observações importantes inerentes ao aprendizado dos alunos. A sala ao ar livre está disposta debaixo de palmeiras. É o que se segue na imagem n. 17, a seguir.

Imagem 17– Alunos em uma sessão de aula da Escola ao ar livre parque avenida A'gua Branca em São Paulo



Fonte: Revista de Educação Física, ano X, n. 48, set. 1941, p.25

Consta no texto que acompanha essa fotografia o seguinte,

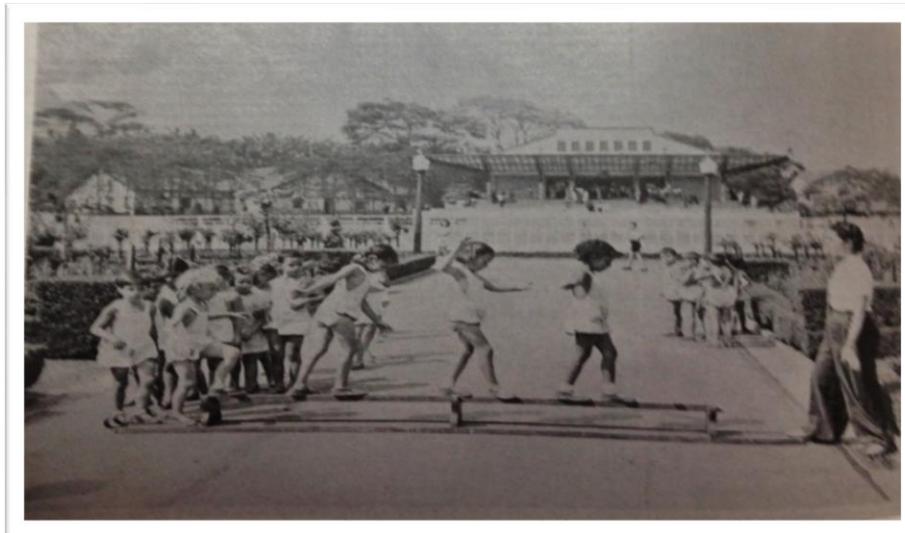
O parque da avenida A'gua Branca, é excelente como ambiente educativo, pelo seu aspecto bonito e agradável, suficientemente espaçoso para as atividades ao ar livre, além de possuir viveiros e outros elementos úteis a ação do educador. As aulas podem ser dadas debaixo das árvores ou em lugares agradáveis às crianças; no entanto, deve haver sempre salas convenientemente aparelhadas para receber os alunos quando for necessário (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano X, n. 48, set. 1941, p.26)

O ideário educativo contido na Revista de Educação Física, também incorpora pressupostos educativos da Escola Nova então em evidência nos meios educacionais escolares no Brasil. Dentre tais pressupostos, estão aqueles que defendem o desenvolvimento de atividades educativas ao ar livre. O contato com a natureza, nessa perspectiva, é fator primordial para o aprendizado da criança.

Por esse motivo, as escolas deveriam conter um espaço adequado e aparelhado para as práticas pedagógicas em contato com a natureza. As escolas, ao mesmo tempo, que desenvolviam trabalhos pedagógicos em salas cercadas de natureza e vegetação, referenciavam as vantagens da prática de atividade física nesse espaço, pois fortalece a ideia dos escolares em contato direto com a natureza, como fator de busca da saúde. Bastante oportuno

também para o ideário militar em voga. Algumas dessas atividades também podem ser observadas a seguir, na imagem n. 18.

Imagem 18 – Alunos em uma sessão de educação física na Escola ao ar livre parque avenida A'gua Branca em São Paulo



Fonte: Revista de Educação Física, ano X, n. 48, set. 1941, p.26

Ao analisar essa visão global do Exército em relação ao ideário educativo, pode-se notar que os cuidados com a saúde existiam em diversos aspectos, como, por exemplo, estabelecer um biótipo do sujeito brasileiro, com as medidas médias de altura, peso e silhueta corporal; entretanto, as tabelas antropométricas existentes nesse viés, baseavam-se em biótipos europeus ou norte-americanos, que fugiam às características próprias da constituição do povo brasileiro.

Na imagem, n. 19, da escola, observa-se um grupo de alunas em uma coreografia.

Imagem 19 - Escola Paulo de Frontin em São Paulo



Fonte: Revista de Educação Física, ano 2, nº 6, março de 1933, p. 33

Saindo do critério da beleza feminina e deslocando o olhar para as práticas de esportes coletivos e individuais, pode-se estabelecer que a formação das escolas era realizada dentro de uma estrutura condizente com a forma de melhoria dos alunos.

Na imagem n. 20, outra escola de origem americana. A Associação Cristã de Moços estabelecia essa relação com o aprendizado de esportes

Imagem 20 - Associação Cristã de Moços - ACM



Fonte: Revista de Educação Física, ano 4, nº 26, setembro de 1935, p. 26

Nessa imagem da ACM⁵⁸, nota-se um grande número de participantes nas aulas de educação física, nos treinos desportivos e nas lutas, destacando, o interesse dos alunos por estas práticas.

De todo modo, procurou-se, neste subitem, trazer um pouco das inúmeras imagens contidas na Revista de Educação Física (1932-1942) caracterizadas por ilustrações que concorrem para a análise do ideal eugênico em diversos locais do cotidiano de crianças, jovens e adultos.

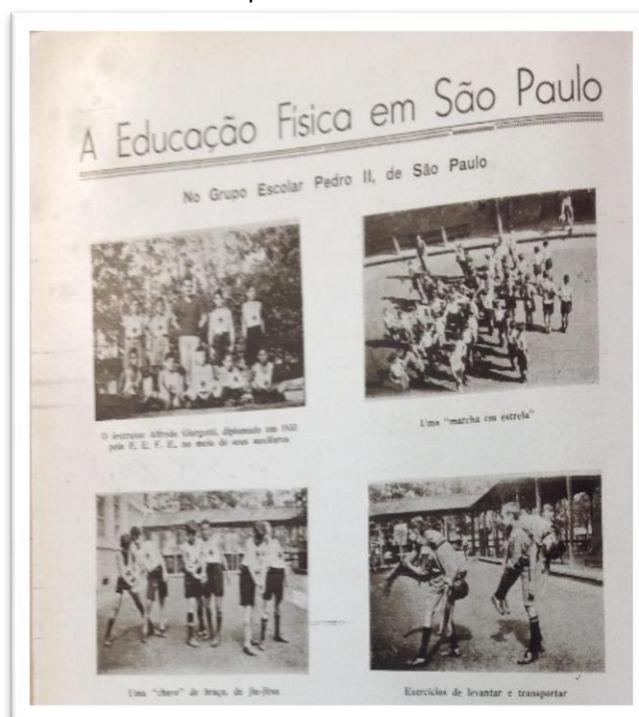
⁵⁸ O trabalho das ACMs no Brasil enfatiza as atividades de esportes e lazer, programas de desenvolvimento social, educação formal e não formal e programas de meio ambiente. A ACM introduziu o basquetebol, o voleibol no mundo, criou as primeiras regras de futebol de salão no Brasil e é pioneira em atividades de acampamento para jovens. (GONZAGA, Atlas do esporte no Brasil, 2006, p. 11)

3.4 IDEÁRIO EDUCATIVO E REPRESENTAÇÃO DE GRUPOS ESCOLARES

Este subitem é destinado aos grupos escolares, instituições escolares de significativa expressão durante a Primeira República e que foram organizados em muitas cidades brasileiras.⁵⁹ Durante a Era Vargas, foram melhorados, reestruturados e ampliados, além da construção de novos grupos escolares.

Na imagem seguinte, n. 21, com o título “A Educação Física em São Paulo”, sessões de educação física no grupo escolar Dom Pedro II, com atividades de marcha em estrela, aula de chave de braço do jiu-jitsu e exercícios de transpor o colega, além da foto do professor/instrutor Alfredo Giorgemi, com destaque por ter sido formado na escola superior de Educação Física do Exército, em 1933. Observam-se aspectos que tanto podem ser do cotidiano dessa escola, como resultarem de um momento para a “foto” com aulas que enfatizam a visão militar de atividades físicas para as crianças, com o objetivo de fortalecimento da raça, desde a infância.

Imagem 21 – Aulas no Grupo Escolar D. Pedro II São Paulo



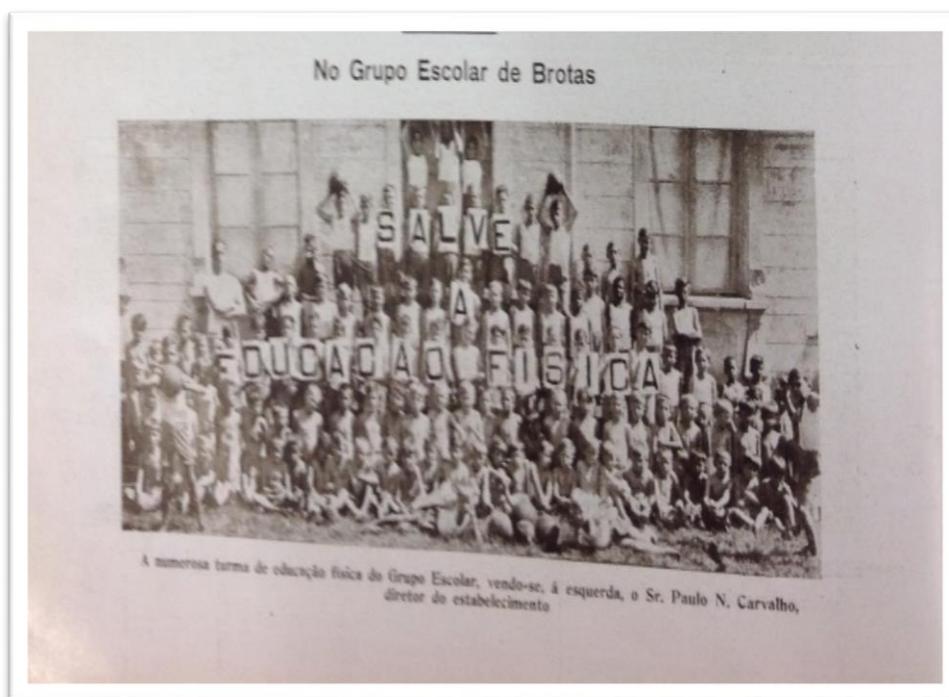
Fonte: Revista de Educação Física, ano 3, n. 16, jul. 1934, p.23

⁵⁹ Sobre os grupos Escolares no Brasil consultar: SOUZA (2008); BENCOSTTA (2007).

Na mesma perspectiva e apenas para dar exemplo dessas práticas em diferentes escolas públicas, a seguir na imagem n. 22, a Educação Física no Grupo Escolar de Brotas, no interior de São Paulo.

A imagem contém um texto, cujo conteúdo é: *A numerosa turma de educação física do Grupo Escolar, vendo-se à esquerda, o Sr. Paulo N. Carvalho, diretor do estabelecimento.* Portanto, mais uma constatação de que práticas de Educação Física se estendiam por várias escolas primárias de São Paulo.

Imagem 22 – Aulas no Grupo Escolar de Brotas, São Paulo



Fonte: Revista de Educação Física, ano 3, n. 16, jul. 1934, p.23

Não se pode considerar as imagens apenas uma gravura que não tem representação no contexto em que se encontra, mas exprimem também a possibilidade de contemplação de um texto diferente ou, que por si só demonstra uma conotação de totalidade, muitas vezes, não sendo necessário um texto convencional para completá-la. Para tanto, vale ressaltar que a câmera do fotógrafo está entre o olhar atento do fotógrafo que por um instante enquadra um determinado acontecimento, de acordo com o que ele imaginou ser importante.

No entanto, a representação dessa mesma fotografia depende sobremaneira do olhar atento da pessoa que analisa o material. Pode-se observar segundo as palavras de Oliveira Junior (1996, p. 284), que:

O ato fotográfico que escolhe um espaço do real, delimita e paralisa-o de seu continuum temporal, está influenciado por algum tipo de opção expressiva ou pressuposto significantes. Da construção da imagem fotográfica, a partir do visor, nasce uma operação de seleção de sujeitos e objetos, em oposição a uma ação inversa por omissão ou exclusão, de outros considerados menos relevantes ou significantes para a intenção do fotógrafo. Cabe ao receptor, a todos nós, a necessidade de uma ativa decodificação ideológica, cuja finalidade não é apenas indicar quais elementos ideológicos foram materializados visualmente, mas, sobretudo tornar-se sensível para este aspecto da significação do signo fotográfico.

Ao se entender modos de analisar uma imagem ou fotografia, pode-se enxergar não somente a imagem impressa, mas os seus significados e representações contidos. Nessa perspectiva e, reiterando o exposto nos editoriais anteriormente abordados, apresenta-se a imagem a seguir no sentido de tornar o país menos feio, menos indolente e menos fraco, como apregoou Ribeiro em seu editorial, de março de 1933.

Essas definições de fotografia, vinculadas às imagens contidas no periódico, levam à reflexão sobre as diversas maneiras de se analisar uma imagem. Por isso, não se pode ver uma imagem somente na concepção de um observador, ou leitor, mas deixa-se aberto ao imaginário, as inúmeras formas de contextualizar o momento nela eternizado.

A seguir, a imagem n. 23 com a apresentação de atividade física de Grupos Escolares de Belém do Pará, no dia 7 de setembro. No centro, a “professoras paraenses de educação física”, dos grupos escolares participantes da demonstração.

Imagem 23 – Demonstração de Ginástica de alunos de Grupos escolares de Belém – 1935



Fonte: Revista de Educação Física, ano 4, nº 29, dezembro de 1935, p. 23

Em suma, este item procurou expor alguns grupos escolares em que as práticas docentes de educação física foram desenvolvidas, o que concorre para exemplificar praticas educativas que se faziam sob bases, pressupostos, eram bem diferentes daqueles que estiveram na origem dessas instituições no Brasil, a saber, o método intuitivo.

3.5 IDEÁRIO EDUCATIVO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Os militares, particularmente no período no qual se situa este estudo, também estiveram voltados e, por assim dizer preocupados com a formação de professores (as). Não seria sem razão. Como disseminar o ideário pretendidos em eles? Impossível ou mesmo difícil; seria preciso buscar aliados à causa eugênica. Por isso, seria preciso atuar em frentes diferentes além daquela representada pela Escola de Educação Física. Sob essa ótica, na imagem n. 24, segue o quadro dos formandos da Turma do Curso Especial de Educação Física,

1933, da Escola de Educação Física de Vitória – ES. Ela certifica a distribuição dos Cursos de Formação pelo país, conforme o programa de irradiação e difusão do ensino que consta na Revista, realizado pelo C.M.E.F⁶⁰. Trata-se de um curso especial, o que aponta para a urgência de formação desse tipo de profissional.

Imagem 24 - Formando da turma de Educação Física da EEFE - ES



Fonte: Revista de Educação Física, ano 2, nº 8, maio de 1933, p. 23

A imagem n. 25 exibe diversas atividades realizadas pelo Curso Intensivo de Educação Física, no Estado de Minas Gerais.

Salientando o autovalor eugênico desta iniciativa e o seu papel econômico. (...). Por estes documentos, se vê a clara finalidade do curso, que é preparar intelectual e tecnicamente as professoras, capacitando-as a bem desempenharem as suas funções no magistério mineiro, sob uma orientação moderna e científica. Segundo orientações do curso o ingresso é limitado, permitido apenas para normalistas que, nos seus estabelecimentos, exerçam já as funções de instrutoras de educação física, ou àquelas que forem especialmente indicadas para esse fim (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano 2, nº 14, janeiro de 1934, p. 25).

Segundo o texto vinculado à imagem n. 25, o curso consta com duas séries, uma para iniciantes e outra para quem já possui o curso intensivo de

⁶⁰ Centro Militar de Educação Física

1932. “As aulas são diárias, sendo reservada a manhã para o ensino teórico-prático no curso; e a tarde é destinada à aplicação de conhecimentos adquiridos, diante do caso concreto”, de maneira que as alunas realizam o seu estágio em grupos escolares de Belo Horizonte. Consta no programa de ensino: “a) Ensino geral das ciências relacionadas com a educação física; b) Ensino teórico-prático dos assuntos propriamente específicos da educação física; c) Estudos complementares”.

Imagem 25 – Atividades na EEF em Minas Gerais



Fonte: Revista de Educação Física, ano 2, nº 14, janeiro de 1934, p. 25

Ao analisar-se as imagens deste item, deve-se não somente olhar para a gravura impressa, mas buscar a orientação sobre o contexto em que a fotografia foi capturada e quais as intenções de colocá-la em um periódico de cunho eugênico. Ciavatta (2012, p. 35) indaga sobre o “sentido que os documentos fotográficos educam, orientam o pensamento, os sentimentos e as ações?”.

Entre o que se imprime na imagem, o momento fotográfico e o seu significado, há inúmeras mediações que direcionam, em contrapartida ao que se imagina usualmente. A imagem não seria um ressarcimento, mas reformulação,

exercendo sempre mudanças voluntárias ou involuntárias da realidade. Esses aspectos podem ser notados também no texto escrito por Le Goff (1992, p. 547),

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.

Deste modo, cada foto que segue, tem a sua própria constituição, intenção, diagramação e demonstra características próprias que podem ou não estar relacionadas com o texto, ou simplesmente por si só já revelam uma intencionalidade.

Na sequência, a imagem n. 26, formandos de 1934, da Escola de Educação Física do Espírito Santo, com o subtítulo “seus trabalhos em prol da Educação Física”. O texto relata que o trabalho da EsEFEX, “são sementes que brotam em solo fértil”, pois as notícias vindas do interior são de sucesso e vulgarização da Educação Física em diversos estados do país. “Vão-se formando núcleos de entusiastas que agem todos com um único e patriótico fim – a difusão da educação física no território nacional, moldada em preceitos científicos”.

O curso iniciou em 1931, com o nome de “Curso Especial de Educação Física, com nove alunos, mas ao final do primeiro ano letivo, passou a 45 alunos”. É feita menção de que o curso possui muitas professoras das escolas primárias (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ano 3, nº 17, outubro de 1934, p. 14).

Imagem 26 – Formandos de 1934 – Escola de Educação Física do Espírito Santo



Fonte: Revista de Educação Física, ano 3, nº 17, outubro de 1934, p. 14

Na parte inferior da imagem n. 26, consta a frase: “O quadro de formatura do Curso de Instrutores, onde se vê a franca predominância numérica do elemento feminino”, entre os formandos da Escola de Educação Física do Espírito Santo. Dá-se a importância da formação de professores o grande número de mulheres pode ser resultante, da formação no magistério que já possuíam uma formação em educação, ou pelos salários ofertados que não atraíam o gênero masculino.

Na próxima imagem, n. 27, a formação agora se volta para o magistério em geral, com aspectos do VII Congresso de Educação, realizado em 1935, no Rio de Janeiro. Neste sentido, meio às considerações dos trabalhos apresentados nesse Congresso, encontra-se como sugestão a Sistematização dos conhecimentos científicos que devem servir de base à educação física (...). Naquele mesmo evento, junto às conclusões das teses sobre Organização de Institutos ou Escolas de Educação Física, consta como diretriz a necessidade do trabalho de pesquisas em Educação Física (SILVA, 2012, p. 21).

O VII Congresso Brasileiro de Educação, embora realizado pela Educação Física, foi promovido pela Associação Brasileira de Educação (ABE)⁶¹

Considerado um ponto positivo, foi a participação de vários professores e pessoas ligadas à Educação, o que se pode observar na foto panorâmica do Estádio do Vasco da Gama, em São Januário.

Imagem27– VII Congresso de Educação – Estádio de São Januário - RJ



Fonte: Revista de Educação Física, ano 4, nº 25, agosto de 1935, p. 14

⁶¹ Criada em 1924. “A ABE era uma sociedade civil, de adesão voluntária, que reunia professores e interessados em educação, fossem jornalistas, políticos, escritores ou funcionários públicos. (...). As conferências e congressos promovidos pela ABE foram os seguintes: I Conferência Nacional de Educação (Curitiba, 1927), que discutiu o ensino primário, a formação de professores etc.; II Conferência Nacional de Educação (Belo Horizonte, 1928), com os temas educação política, sanitária, agrícola, doméstica, ensino secundário etc.; III Conferência Nacional de Educação (São Paulo, 1929), sobre ensino primário, ensino secundário, ensino profissional, organização universitária etc.; IV Conferência Nacional de Educação (Rio de Janeiro, 1931): grandes diretrizes para a educação popular; V Conferência Nacional de Educação (Niterói, 1932-1933): sugestões à Assembleia Constituinte; VI Conferência Nacional de Educação (Fortaleza, 1934): educação pré-escolar etc.; VII Congresso Nacional de Educação (Rio de Janeiro, 1935): educação física; VIII Congresso Nacional de Educação (Goiânia, 1942): ensino primário etc.; IX Congresso Brasileiro de Educação (Rio de Janeiro, 1945): educação democrática; X Conferência Nacional de Educação (Rio de Janeiro, 1950): poder do Estado e instituições de ensino; XI Conferência Nacional de Educação (Curitiba, 1954): divulgação das Nações Unidas e financiamento do ensino.” (CUNHA, L. A., 2017).

O conjunto da imagem anterior, n. 27 está composto por três imagens. Na primeira, na parte superior, constata-se a presença de Getúlio Vargas, participante da abertura do evento. Reitera-se que a participação do Exército no campo educacional nesse período foi indiscutível. Para Horta (2012), ela foi real e duradoura. O Congresso foi realizado pela Educação Física, certamente por isso faça parte da composição da mesa (segunda foto), um militar.

Na imagem 28, na sequência há testemunho de importante participação de educadores (foto superior e inferior).

Imagem 28 - VII Congresso de Educação – Estádio de São Januário - RJ



Fonte: Revista de Educação Física, ano 4, nº 25, agosto de 1935, p. 15

Na imagem n. 29, a formatura da turma de professores públicos do Distrito Federal, diplomados pelo C.M.E.F, em 1929.

Logo abaixo, a imagem do Dr. Fernando de Azevedo, Diretor de Educação de São Paulo, na turma de formandos de São Paulo, com maioria homens, ao contrário dos formandos do Espírito Santo, em que predominância era de mulheres vindas do magistério, segundo o texto assinado por Bonorino (1933), com o título “Fernando de Azevedo e a Educação Física”, que foi homenageado.

Isso posto, segue o texto discorrendo sobre a importância da Educação Física, por cooperar na “cruzada de integração real da educação física nos

programas escolares para bem de nossos pequeninos patricios e grandeza do Brasil". (BONORINO, Revista de Educação Física, ano 2, n.6, março de 1933, p. 15).

Imagem 29 - Formandos do Rio de Janeiro - 1929



Fonte: Revista de Educação Física, ano 2, n. 6, março de 1933, p. 15

Consta também no texto de Bonorino,

que Fernando Azevedo, acaba de nos mandar do nobre e grande Estado de São Paulo, uma outra leva de professores públicos para fazer o curso de educação física, Oxalá que o grande educador possa levar a tarefa até o fim, criar a Escola do Estado, disseminar os ginásios desde o Vale do Paraíba ao Paranapanema e de S. Vicente ao Paraná, para maior gloria de S. Paulo, para maior grandeza de nosso Brasil (BONORINO, Revista de Educação Física, ano 2, n.6, março de 1933, p. 15)

Na imagem 29, pode-se notar os professores de São Paulo no canto inferior da ilustração, com os dizeres; "Professores públicos do Estado de São Paulo. Matriculados em 1933 no C.M.E.F.". Também menciona o texto que eles foram selecionados com os critérios mais rigorosos pelo Diretor de Educação Fernando Azevedo (BONORINO, Revista de Educação Física, ano 2, n.6, março de 1933, p. 15).

O projeto coordenado por Fernando Azevedo, foi a base para a formação de professores e pela futura criação da Escola de Educação Física do Estado de São Paulo.

Como se pode observar, segundo Filho (2006, p. 439),

o Diretor de Ensino do Estado de São Paulo, Fernando de Azevedo, no início do ano de 1933, designou quinze professores normalistas para efetuarem estudos no Centro Militar de Educação Física, no Rio de Janeiro, com o objetivo de serem preparados para o magistério na Escola de Educação Física do Estado. Extinto o Curso de Instrutores de Ginástica passou-se à realização do Curso de Professores, que foi de julho de 1935 a março de 1936.

Nos dois anos seguintes, a Escola formou duas turmas de Instrutores de Ginástica e uma turma de Professores de Educação Física. A grade curricular para os dois anos do Curso de Professores, tanto para a parte prática como para a parte teórica apresentava as seguintes disciplinas: Educação Física da Idade Madura; Práticas Higiênicas da Velhice; Grandes Jogos; Natação; Danças Rítmicas; Método Francês; Pedagogia da Educação Física; Anatomia e Fisiologia dos Grandes Aparelhos; Mecânica Animal e Cinesiologia; Psicologia Educativa; Higiene; História da Educação Física; Biologia, Antropologia, Morfologia e Biometria; Fisioterapia e Ginástica Ortopédica; Acidentes Esportivos: suas prevenções e Socorros de Urgência (FILHO, 2006, p. 439).

Esses acontecimentos, com a melhoria na formação de professores de educação física, estavam no planejamento do Exército e do ideário de Vargas com o objetivo de levar a prática esportiva ao maior número de pessoas possível, por intermédio das escolas de formação de professores de Educação Física do Exército. Essa distribuição do ensino teve início nas Escolas de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Pará, Pernambuco e Ceará para prosseguir na obra de melhoria da raça para as gerações futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar o ideário educativo que esteve presente nas Revistas de Educação Física, editada pelo Exército, entre os anos de 1932-1942.

Esta pesquisa de natureza histórica, situado no campo da História da Educação, foi realizada por meio de levantamento, seleção e sistematização bibliográfica sobre o assunto, estabelecendo as fontes científicas e bibliográficas, juntamente com a fonte empírica o objeto de estudos. Relacionando, significando e ressignificando as fontes para a análise dos conteúdos contidos em seus editoriais e artigos, que demonstram modos de pensar de segmentos dominantes. Por meio da educação nela veiculados, visando, tudo indica, a interesses particulares de grupos que, entre outros, têm o objetivo de posicionar o sistema educativo à mercê do seu autoritarismo político.

A Revista circula desde maio de 1932, até os dias atuais, mas para a análise do objeto de estudo foi delimitado o período de 1932-1942, por resultar o interesse em estudar a formação de professores e a eugenia presentes nessas duas décadas no impresso.

Constatou-se que o impresso tinha a finalidade de divulgação, inculcação, afirmação e formação do ideário eugênico estabelecido pelo Exército e pelo governo Vargas. Por meio das suas publicações e imagens, que com os seus signos e representações, serviram para nortear o magistério a respeito das novas metodologias, conceitos, teorias e planos de ensino, tendo em vista, pretensas mudanças na sociedade. Na sua função como instrumento de divulgação, continha em seu ideário influências que eram instituídas por grupos a saber: Exército, elites dissidentes, formada por comerciantes e industriais emergentes no novo sistema político-econômico do país, oligarquia cafeeira, detentora de poder até então, mas, que ainda possuía força política no governo Vargas e os políticos ligados ao Estado.

Pode-se concluir que o objetivo de situar a Revista, no período foi alcançado, ao estabelecer minimamente a contextualização, no primeiro capítulo com a Era Vargas e aspectos da eugenia. Nele, foi abordado a respeito dessa Era, que se iniciou com a Revolução de 1930, apoiada pelos militares e

subsidiada por segmentos da elite intelectual e econômica, no período que sucedeu e se estabeleceu após a grande recessão de 1929.

A relação da Revista com o seu contexto é notória, pois se pode observar que foi esse um momento de grandes mudanças econômicas, políticas, culturais e sociais, marcantes em vários aspectos do impresso.

Pelo que tudo indica, nos artigos e editoriais analisados, pôde-se estabelecer algumas particularidades do governo Vargas, com ideários políticos de nações europeias, no período entre Guerras, principalmente a sua proximidade com os governos dos ditadores Adolf Hitler da Alemanha e Benito Mussolini, da Itália. A Revista reforça essa ligação ideológica-política, com textos esclarecedores e, ao mesmo tempo, reveladores da tendência em seus artigos com exaltação, afirmação e diversos elogios aos planos de governo, formas de agir, programa de educação física, cultura, desenvolvimento e progresso dessas nações. Esse relacionamento teve um afastamento progressivo conforme os planos de Vargas se constituíam em relação às metas do governo, com o plano de estruturação e desenvolvimento do país.

Diante disso, o plano necessitava de um aporte financeiro substancial, o que, por consequência, motivou o governo brasileiro a se aproximar dos Estados Unidos, o qual estabeleceu empréstimos ao Brasil, que foi primordial na decisão de Vargas na II Guerra Mundial, ao se posicionar como aliado dos americanos, que causou a ruptura das relações com Alemanha e Itália.

A década de 1930 é considerada uma época marcada pelo populismo, nacionalismo, autoritarismo e estruturação da máquina pública, para se adequar ao novo ideário estabelecido da industrialização em substituição ao modelo agroexportador existente.

Os militares que há muito tempo buscavam uma maior autonomia e força nas decisões do Estado conseguem se estabelecer após a Revolução de 1930, ao assumir cargos de governança em vários estados, por meio do governo interventor de Vargas.

A Revista de Educação Física, editada pelo Exército, constituiu-se num importante veículo de disseminação de ideias eugênicas correspondente aos objetivos de melhoria da capacidade física do brasileiro que necessitavam ser mais fortes e sadios imprescindíveis à estruturação de uma nação civilizada.

Com tais finalidades a formação de professores de educação física iniciou em 1929, quando a primeira turma de instrutores se formou no Rio de Janeiro, fator fundamental para os planos do Exército e do Estado, em viabilizar a instalação de novas escolas de formação de professores em outras cidades e estados. Nesse ínterim, foram instituídos normas e métodos para a disciplina de educação física que buscou se estender ao amplo campo educacional.

Foram abordados, também, os conceitos de higienismo e eugenia, que se faziam presentes desde o século XIX no Brasil. Questões presentes no país desde a instituição dos grupos escolares no que se refere à localização, estrutura, distribuição e cuidados com os alunos a saber: a vestimenta, alimentação, higiene, cuidados com o corpo e profilaxias em geral. A falta de higiene resultante do crescimento desordenado da população nos centros urbanos, somados à falta de infraestrutura, fortaleceram as correntes higienistas que pretendiam realizar por meio das suas acepções prevenir e evitar doenças.

Com o crescimento na Europa e América do Norte das correntes eugênicas de cunho racial, criou-se uma corrente eugênica que justificava a fraqueza de um povo pela mistura entre as raças, ou seja, a miscigenação racial.

A miscigenação encontrada no país foi intitulada pelos defensores das correntes eugênicas como a principal causa do atraso e falta de desenvolvimento e progresso no Brasil. Esse movimento cresceu após a abolição dos escravos, como forma de evitar a mistura com os negros e também os índios, que não eram bem-vindos pelas classes dominantes - conceitos esses vindos de elites intelectuais que com o crescimento das cidades, viam-se cada vez mais próximos das classes populares, propensos ao contato e com o receio de adquirir doenças contagiosas, que se proliferavam com a falta de higiene e estrutura, a citar: esgoto, calçamento e latrinas.

Com o início da Segunda República, foram instituídos conceitos atrelados ao fortalecimento da Pátria; nacionalismo, civismo e desenvolvimento estrutural e industrial pois o Estado necessitava de mão de obra forte e qualificada para as indústrias que se criavam. Essa qualificação viria da melhoria do ensino que promoveria os sujeitos, em conjunto com o fortalecimento por meio da atividade física, rotineira, sistematizada e aplicada de forma científica.

Para tal, a disciplina de educação física foi um dos meios de perpetuar, divulgar e tornar-se parte do cotidiano das pessoas ao se exercitar, com o intuito

de ficarem fortes para não adquirir doenças e ter minimamente hábitos de higiene. Desta forma os exercícios eram utilizados não somente para determinar a docilidade dos corpos, mas como um fator de docilização das mentes, o que pode ser lido em diversos textos da Revista, auxiliando, assim, o ideário autoritarista de Vargas.

Esse ambiente foi propício para que as correntes eugênicas por meio de seus intelectuais, médicos e membros da elite, pudessem estabelecer influências e ganharem espaço para a divulgação e justificativa das suas práticas eugênicas. Tais pessoas alegavam ser essa prática a única forma do país se desenvolver física, social e culturalmente.

Na sequência no segundo capítulo, fez-se necessário situar o Exército e sua relação com a Revista de Educação Física. Como o impresso era órgão militar, justifica-se o vínculo e o ideário da Revista que se confundia com o ideário do Exército e do governo Vargas, concluiu-se que foi um dos instrumentos de propaganda desses órgãos.

Foram encontrados, na pesquisa, inúmeros editoriais que falavam diretamente sobre a eugenia como meio de fortalecimento, melhoria e única forma de se estabelecer sucesso nessa “cruzada cívica”. Outros editoriais apresentaram de forma indireta, exaltação aos feitos do Exército, quando desbravou os limites do Brasil, na obra de alfabetização, levar o progresso a todos os cantos do país, com o fortalecimento das suas tropas que são a defesa da nação. Em seguida, direciona o papel do Exército na criação e formação dos professores de Educação Física, pela EsEFEX, como forma de levar as escolas a eugenia a todos os cantos do Brasil, ao utilizar o professor como o ator responsável em nortear este ideário. Deveria ele ser um exemplo em todos os quesitos, desde moral, conduta, responsabilidade, nacionalismo, como detentor de um corpo atlético e sadio, para servir como um referencial aos alunos e à sociedade.

Na Revista, consta também o cotidiano das tropas, feitos dos seus oficiais, preparação física da Escola de Educação Física, feitos olímpicos, diversas imagens relacionadas à mitologia grega, utilizada como fonte de inspiração dos corpos perfeitos, sem deixar de lado a melhora da mente.

As influências exercidas pelo Exército na educação foram marcantes, pois a ele estava no início dos anos de 1930, a responsabilidade de agente formador

da única escola de preparação de instrutores, professores e médicos desportivos do país, com abrangência aos militares e civis, ou seja, a metodologia, conceitos e teorias eram divulgadas com preceitos militares, influenciando diretamente ao corpo docente que se formava. Além disso, o Exército, por estar presente no alto escalão do governo, tinha poder de decisão e intervenções na vida pública, o que influenciou também a estabelecer as formas de se ensinar e como se ensinar.

Para o Exército, as metodologias desenvolvidas até então não tinham formado jovens e adultos da maneira correta, devendo ser instituído o regime militar exercido nos quartéis, com rigidez, hierarquia, padrões conceituais de submissão, obediência e aceitação das ordens determinadas pelos superiores.

Foram também analisados os objetivos pedagógicos utilizados no impresso, que norteavam o magistério a respeito das novas teorias, pedagogias, planos de ensino, congressos de educação e métodos que se difundiam no exterior. A partir desses objetivos foi criado o novo ideário educacional instituído nos grupos escolares, na massificação da atividade física em clubes, praias, ginásios, escolas e em locais ao ar livre, pois essas atividades eram veiculavam nas capas, imagens, textos e editoriais da Revista.

Ao analisar o ideário educativo presente no impresso, destacadamente no que concerne à formação de escolares e de professores entre os anos de 1932 a 1942, desenvolvido no Capítulo 3, intitulado por dentro da Revista de Educação Física: dos editoriais às matérias de cunho educativo escolar – presença eugênica - observou-se que a formação educacional destinada a esses segmentos foi ao mesmo tempo autoritária, segregadora e manipuladora quanto as ações pedagógicas, que envolviam as disciplinas escolares, principalmente a educação física, que tinha a incumbência de docilização dos corpos e mentes, por meio da atividade física institucionalizada, ordenada e indutiva, para se atingir a hegemonia de uma nação voltada ao desenvolvimento, nacionalismo, patriotismo e a eugenia da raça.

A formação de professores foi veiculada sempre a fotos de grupos de professores se exercitando em meio as aulas práticas, participando em Congressos de Educação, fotos com pose de formandos e quadros de formatura com os seus respectivos anos de conclusão, que sempre eram enaltecidos pelos feitos alcançados e as formas como eram realizadas.

Nota-se, nessa formação de professores, algumas características, como o maior número de mulheres presentes nas turmas matriculadas, pois, muitas delas já exerciam o magistério e almejavam melhorias profissionais e de ganhos financeiros. Conforme consta na Revista, elas estudavam pela manhã, faziam estágio à tarde e à noite ministravam aulas nos grupos escolares. Outra característica é que as turmas inicialmente eram compostas por poucas pessoas, com o decorrer meses aumentaram significativamente, tudo indica que, pelas necessidades que o Estado possuía em disseminar o novo ideário eugênico e pela propaganda instituída nos meios de comunicação, dentre eles a Revista.

Em meio à instalação dessas instituições educacionais e a gradativa formação de professores pelas escolas de educação física que se propagavam pelo país, da mesma forma por intermédio de outras frentes, como os Congressos de Educação promovidos pela ABE, cursos realizados para o aprimoramento da mão de obra que se estabelecia no magistério.

Ocorreram mudanças no curso de educação física, com o aumento na duração do curso que inicialmente era de 9 meses e passou para dois anos a partir de 1933. Ofertado pela Escola de Educação Física de São Paulo, dirigida pelo Secretário de Educação Fernando Azevedo, com o aumento da grade curricular agregando novas matérias.

Os aspectos da formação de professores primários, desde médicos, instrutores, professores e diretores, estiveram presentes em inúmeros artigos, nos quais constavam planos de ensino, disciplinas que compunham os cursos de formação, Congressos de Educação, proliferação de cursos de formação pelo Brasil, aspectos inerentes às novas metodologias trazidas, principalmente, dos países europeus, agora com cunho científico ao invés do empirismo dominante anterior.

Com o objetivo de levar a prática de atividade física e esportiva ao maior número de pessoas possível, por meio das Escolas de Formação de Professores de Educação Física do Exército, distribuídas em várias cidades, a citar: Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, Pará, Pernambuco e Ceará, para prosseguir na obra de melhoria da raça para as gerações futuras em todo o país.

Quanto à formação dos alunos, foi estabelecida pelo Estado mudanças que iam, além das atividades de educação física que eram realizadas todos os dias das 8h às 9h da manhã sempre em locais abertos, salvos quando houvesse mau tempo. Criaram uma rotina de exercícios que faziam parte da vida das crianças e jovens daquela década. Deste modo se fazia necessária a criação de Congressos de Educação Física entre as escolas, ou seja, uma competição entre as escolas em diversas modalidades esportivas e recreativas, concurso de bandas, desfiles, como forma de objetivar os exercícios diários, motivando a todos a sempre buscar melhorias no aspecto físico, técnico e tático, nas execuções das suas modalidades esportivas e recreativas.

Ao colocar em prática o ideário aos escolares, havia o aspecto de disseminação das práticas de atividades físicas, regras, ordem, cuidados básicos com a saúde, por meio do ensino de técnicas de prevenção de higiene, inspeções médicas rotineiras, para aferir as medidas antropométricas, observar o estado geral de saúde, acompanhamento por intermédio de fichas individuais dos alunos, que norteavam o meio escolar e sanitário.

O objetivo não era apenas de formar esses alunos, mas que eles fossem um instrumento de proliferação dos saberes adquiridos na escola, para adentrar os lares e modificarem os hábitos de higiene e práticas de exercícios realizados pelas famílias.

Nos editoriais, textos e imagens da revista, faziam-se entender seus objetivos, levar à população o bem-estar ao realizar atividades físicas de diversas formas, conscientizando os sujeitos da importância de realizá-las para o seu próprio bem, bem da sociedade e da nação, instigando nos cidadãos que ele era responsável por fazer o seu papel e levar ao maior número possível de pessoas esses hábitos saudáveis. As representações contidas nas imagens eram claras, nítidas e estimulavam de certa forma, a procurar delinear corpos saudios, atléticos, fortes e atuantes para a melhoria da saúde e da nação.

Em relação aos resultados alcançados, acredita-se que a pesquisa apresentou importantes contribuições para a educação, por vincular a formação de professores, em meio a aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos que influenciaram o saber educativo das décadas de 1930 e 1940.

Pôde-se averiguar que as influências de grupos dominantes presentes no período estudado foram determinantes nos saberes educacionais e ideologias

constituídas pela sociedade da época, que estavam inseridas em um contexto maior de mudanças e estruturação do país, em meio a permanências e rupturas de simbologias, signos e representações exercidas e recebidas pelo meio social.

A análise final faz reportar que a formação dos professores de educação física foi diretamente influenciada pelas ideologias, metodologias e saberes do meio militar, que não só realizavam a formação do corpo docente, como estavam presentes no planejamento e execução dos saberes escolares e sociais. Quanto a eugenia, foi marcante a sua presença na sociedade em geral, por intervenção direta dos grupos dominantes e detentores do conhecimento científico para a sua instalação e propagação, presente tanto no meio militar quanto do poder Estatal, que estabeleceram a sua permanência nas décadas de 1930 e 1940.

O presente estudo pode servir como um alicerce para futuras pesquisas que venham a ser feitas com as Revistas de Educação Física, as quais, a princípio, teriam sido editadas até o ano de 1939, mas após estudos realizados no Rio de Janeiro, foi possível saber realmente o período exato da sua circulação, o qual se considera um fato relevante para futuras análises, pois o impresso continua sendo editado até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. R. TOLEDO de. Hegemonia da Raça. **Revista de Educação Física**. Rio de Janeiro. Órgão do Centro Militar de Educação Física, ano 2, nº 10, ago. 1933, Editorial.

ALBUQUERQUE, Luís Rogério. **Concepção e saberes da formação de professores em educação física, no período de 1970 a 1990**, e a relação entre saber e poder. Dissertação (Mestrado) – PUC/PR, Curitiba, 2008.

ALMEIDA, Adilson J. História da Educação Física no Exército Brasileiro: História do Corpo e formação do Estado. Recorde: **Revista de História do Esporte**, vol. 3, n. 2, dezembro de 2010.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia; geral e Brasil**. 3ed. Ver. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

BASTOS, Maria H. **A revista do ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista**. / Maria Helena Câmara Bastos – Pelotas: Seiva. 2005, 381p.

_____. **A pedagogia da ilustração: uma face do impresso**. Maria Helena Câmara Bastos [et al]. In: *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos* / Marcus Levy Albino Bencostta, (organizador). São Paulo: Cortez, 2007.

BASTOS, Pedro Paulo. **Ascensão e crise do projeto nacional-desenvolvimentista de Getúlio Vargas**. In: *A Era Vargas: desenvolvimento, economia e sociedade*. BASTOS, P.P.Z e FONSECA, P.C.D (Ogrs.) São Paulo: Editora UNESP. 2012.

BENCOSTTA, Marcus L. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos** / Marcus Levy Albino Bencostta, (organizador). São Paulo: Cortez, 2007.

BERTO, Rosianny Campos. **Regenerar, civilizar, modernizar e nacionalizar: A educação física e a infância em revistas nas décadas de 1930 e 1940**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

BERMOND, Magda Terezinha. **A educação física escolar na revista de educação física (1932-1952): apropriações de Rousseau, Claparède e Dewey**. Dissertação (Mestrado) -UFMG, Belo Horizonte, 2007.

BEZERRA, Fábio Marques. **Educação física no jardim de infância: Concepções e práticas corporais infantis na revista de educação física do**

exército (1932-1942). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

BLOCH, Marc. **Introdução a história.** Mem Martins: Publicações Europa-América, 1963, p. 21.

BONORINO, L. Lopes. **Revista de Educação Física**, ano 2, n.6, março de 1933, p. 14-15.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Editora Bertrand Brasil S.A, Rio de Janeiro, 1989, p.7.

BRANCO, P. C. **Revista de Educação Física.** Rio de Janeiro. Órgão do Centro Militar de Educação Física, ano 2, nº 11, outubro de 1933, p. 26

BRANDT, Cleri A. **A educação na Alemanha nazista e seu papel na modulação de ideias e comportamentos.** História de la educación – anuário. Vol. 14, n. 2 Ciudad autónoma de Buenos Aires. Dic. 2013.

BRASIL. Decreto nº 23.252, de 19/10/33. **Criação da Escola de Educação Física do Exército.** Rio de Janeiro, 1933. Disponível em <http://w.w.w.jusbrasil.com.br/diarios/2208166/dou-secao-1-31-10-1933-pg-1>. Acessado em 23 de nov. de 2017.

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**, decretada pelo Presidente da República Getúlio Vargas. Diário Oficial da União - Seção 1 de 10/11/1937, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1937. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1930-1939/constituicao-35093-10-novembro-1937-532849-norma-pl.html>. > Acesso em 07 de jun. 2016.

BRASIL. **Decreto Lei 1.212, de 2 meio de 1939.** Art. 131 e art. 132. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del1212.htm. Acesso em: 1 de dez. 2017.

CALMON, Pedro. **Revista de Educação Física.** Rio de Janeiro. Órgão Centro de Educação Física do Exército, ano VI, nº 40, jul. 1938, editorial.

CARVALHO, Ana Paula C. **Desigualdades de gênero, raça e etnia**/Ana Paula Comin de Carvalho... [et al.]. – Curitiba: InterSaberes, 2012 – (Serie Temas Sociais e Contemporâneos

CARVALHO, José Murilo. **Forças armadas e políticas no Brasil** / José Murilo de Carvalho. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde Nacional e fôrma Cívica:** higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista: EUDSF, 1998.

CASTELANI FILHO, L. **Educação física no Brasil:** a história que não se conta. Campinas/SP: Papirus, 4º ed. 1994.

CASTRO, Celso. **In corpore sano** - Os militares e a introdução da educação física no Brasil. Antropolítica, Niterói, RJ, nº 2, p.61-78, 1º sem. 1997.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **O mundo como representação**. Revista Estudos Avançados. Vol. 5, n. 11. São Paulo jan. /abr.1991.

_____. **Práticas de Leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **Poderes e limites da representação Marin, o discurso e a imagem**. In: À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002a. p. 163-180.

_____. **A história entre narrativa e conhecimento**. In: _____. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002b, p. 81-100. _____. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. Estudos Históricos.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003.

CHERVEL, A. **História das disciplinas escolares**: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria & Educação, 2, 1990, p. 177-229.

CIAVATTA, Maria Franco. **O mundo do Trabalho em imagens**: Memória, História e Fotografia. Revista Psicologia: Organização e trabalho, jan.-abr. 2012, p. 33-46.

CORRÊA, Rosa Lydia T; PINTO, Neuza Bertoni. Pedagogia científica em tempos de Escola Nova: Representações na educação paranaense 1930-1960. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; FERREIRA, Jacques de Lima (Orgs). **Formação de professores**: história, políticas educacionais e práticas pedagógicas/, 1 ed. Curitiba, Appris, 2015.

CORRÊA, Rosa Lydia T. **Cultura, material escolar e formação de professores**: como disciplinar o corpo – imagens e textos. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 49, p. 183-205, jul. / set. 2013. Editora UFPR.

COSTA, Albino M. Nova fase. **Revista de Educação Física**. Rio de Janeiro. Órgão do Centro Militar de Educação Física, ano XVII, nº 62, 1949, Editorial.

DA COSTA, Lamartine (org.). **Atlas do esporte no Brasil: Atlas do Esporte, Educação Física e Atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: confef, 2006.

D'ARAUJO, Maria Celina. **A Era Vargas**. São Paulo. Editora Moderna, 1997.

_____. VARGAS, Getúlio, **1883-1954. Getúlio Vargas** / organização, D'ARAUJO, Maria Celina. — Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 793 p. — (Série perfis parlamentares; n. 62)

D'ÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil- 1917-1945**, tradução Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

DE PAULA, Jeziel. **1932: imagens construindo a história**. Campinas/Piracicaba: Editora da Unicamp/Editora Unimep, 1998, p. 20. (Coleção tempo & Memória; v.7).

DINIS, N. F; BERTUCCI, L. M (Org.). **Múltiplas faces do educar: Processos de aprendizagem, educação e saúde, formação docente**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.

DOMINGUES, Octavio. **Eugenia. Seus propósitos, suas bases, seus meios**. (Em cinco lições). [1933]. São Paulo: Editora Nacional, 1942.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: Ensaio de interpretação sociológica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

FILHO, Paulo Q. Corrida de orientação. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: confef, 2006, p. 439.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro, 2008.

_____. **Microfísica do poder**. 26ª ed. — São Paulo: Graal, 2013.

GALTON, F. Hereditarytalent and carácter. **Macmillan's Magazine**, 12, p. 157-66, 318-27, 1865.

_____. **Restriction in marriage**. *Sociological Papers*, 2, p. 3-17, 49-51, 1906.

GEERTZ, Clifford. 1926-. **A interpretação das culturas** /Clifford Geertz. - I.ed. IS. reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **O método francês e a Educação Física no Brasil: da caserna à escola**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992, p. 215.

_____. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista de Educação Physica**. Tese (Doutorado), UNICAMP. Campinas, 1999.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. **A eugenia em periódicos da educação física brasileira (1930-1940)**. Rua da Educação Física/UEM Maringá, v. 22, n. 2, p.247-254, 2. Trim. 2011.

GONDRA, José G. **Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial**. Rio de Janeiro. EduERJ, v. 23. 2004.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. (1991). **Educação Física Progressista: A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira**. São Paulo: Loyola, 1991.

GUNTER, Axt. **Da vida para a história: Reflexões sobre a era Vargas / organizado [por] GUNTER AXT [et al.]**. – Porto Alegre: Procuradoria-Geral de Justiça, Memorial do Ministério Público, 2005. 244p. (Sujeito & Perspectiva, 2).

GONZAGA, Luiz Carlos. **Atlas do esporte no Brasil**. CONFEF. In: Instituições participantes do Consórcio do Atlas do Esporte no Brasil, 2006, p. 11

HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

HORTA, José Silvério Baia. **O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945)**. 2ª ed. Ver. – Campinas, SP: autores associados, 2012.

HUNGERFORD, Mary J. **Revista de Educação Física**, ano 4, n. 27, outubro de 1935, p. 31-32.

JANZ JUNIOR, Dones C. **O valor da eugenia: Eugenia e higienismo no discurso médico curitibano no início do século XX**. Curitiba, Cordis. História, Corpo e Saúde, n. 7, jul. /dez. p. 87-120, 2011.

JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como Objeto Histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, nº1, p. 9 – 43, jan. /jun. 2001.

KEHL, R. **Melhoramentos e prolonguemos a vida: a valorização eugênica do homem**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1922.

_____. **Formulário da beleza**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1927.

_____. **Lições de Eugenia**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1ª edição, 1929.

_____. **O que pretendem os eugenistas**. Separata da revista Terapêutica, Rio de Janeiro, v. 3, p. 3, 1942.

LAUERHASS JUNIOR, Ludwig. **Getúlio Vargas e o triunfo do nacionalismo brasileiro / Ludwig Lauerhass, Jr**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

LEVINE, Robert M. **Pai dos pobres**: O Brasil e a era Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão, et all. 2º Ed. Campinas: UNICAMP, 1992, p 547.

_____. **História e memória**. 5. ed.. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Fotografias da vida social**: identidades e visibilidades nas imagens publicadas na *Revista do Globo* (Rio Grande do Sul, década de 1930). 290 f. Tese: História. São Leopoldo, RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011

MAGALHÃES, **Revista de Educação Física**. Rio de Janeiro. Órgão Centro de Educação Física do Exército, ano 02, nº 14, jan. 1934, Editorial).

MANGUEL, **Alberto. Lendo Imagens**: uma história de amor e ódio/Alberto Manguel; tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MASCARENHAS, Eduardo. **Brasil**: de Vargas a Fernando Henrique - conflito de paradigmas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. 312 p.

MARINHO, Inezil Penna. **Educação Física e Sociologia**. Rio de Janeiro: Tipo Batista de Souza, 1942. p. 29.

MARQUES, Vera Regina B. **A medicalização da raça**. Médicos, educadores e discurso eugênico. Campinas, Editora da Unicamp, 1994.

MELLO, André da Silva. **Esse nego é o diabo, ele é capoeira ou da motricidade brasileira**. Revista Discorpo, São Paulo, n. 6, p. 29-39, 1996.

MIRANDA, Nicanor. Parques infantis de São Paulo. **Revista de Educação Física**. Rio de Janeiro. Órgão Centro de Educação Física do Exército, ano 10, nº 48, set. 1941, p. 9).

MONTEIRO, Vitor José da Rocha. **Educação física em perspectivas histórica**: publicações periódicas nas décadas de 1930 e 1940. XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social – ANPUH Brasil, Natal, 2013.

NETO, Amarílio Ferreira, MAIA, Ediane de Melo, BERMOND, Magda Terezinha. **Revista de Educação Física: ciclo de vida, seção unidade de doutrina e lição de educação física (1932-2002)**. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 9, n. 1, p.91-118, janeiro/abril de 2003.

OLIVEIRA, Gabriel Machado Borges de. **A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a importância da liderança em conflitos armados** / Gabriel Machado Borges de Oliveira. – 2011. 96 f.

OLIVEIRA JÚNIOR, Antônio Ribeiro de. História, fotografia e semiótica em uma perspectiva grande angular. In: FAUSTO NETTO, Antônio; PINTO, Milton José (org.). **O indivíduo e as mídias**: ensaios sobre comunicação, política, arte e sociedade no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Diadorim: 1996, p. 280-287.

OLIVEIRA, Marcus A. T. **Educando pelo corpo: saberes e práticas na instrução pública primária nos anos finais do século XIX**. In: Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos / Marcus Levy Albino Bencostta, (organizador). São Paulo: Cortez, 2007.

PINHEIRO, João Ribeiro. O Exército e a educação. **Revista de Educação Física**. Rio de Janeiro. Órgão Centro de Educação Física do Exército, ano 1, nº 2, jun. 1932, Editorial).

_____. O Problema da Alegria. **Revista de Educação Física**. Rio de Janeiro. Órgão Centro de Educação Física do Exército, ano 1, nº 3, jul. 1932, Editorial).

_____. Dia glorioso. **Revista de Educação Física**. Rio de Janeiro. Órgão Centro de Educação Física do Exército, ano 2, nº 4, jan. 1933, Editorial).

RAMOS, Souza. **Revista de Educação Física**. Rio de Janeiro. Órgão Centro de Educação Física do Exército, ano V, nº 31, maio, 1936, p. 38.

RAPPAPORT, Eugênio. **Revista de Educação Física**. Rio de Janeiro. Órgão Centro de Educação Física do Exército, ano 4, nº 29, dezembro, 1935, p. 6.

SANT'ANNA, Elídio R. De Volta! **Revista de Educação Física**. Rio de Janeiro. Órgão Centro de Educação Física do Exército, ano XV, nº 56, novembro, 1947, Editorial).

SILVA. André Luiz dos S. **“Para evitar o cogumelar de gentes feias”**: A educação física na eugenia de Renato Kehl (1917-1929). Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Salvador. 2009.

_____. **Nos domínios do corpo e da espécie**: Eugenia e biotipologia na constituição disciplinar da Educação Física. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2012.

SCHWARCZ, Lilian, M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOARES, C. **Educação física**: raízes europeias e Brasil. Campinas, Autores Associados, 1994.

_____. **Imagens da Educação no Corpo**: estudo a partir da ginástica Francesa no séc. XIX. Campinas: Editora Autores Associados, 1998. p.132.

SODRÉ, Nelson W. **Memórias de um escritor** – Vol. 1. Rio de Janeiro. Editora: Civilização brasileira, 1970.

SOEIRO, Renato Souza Pinto. **A Contribuição da Escola de Educação Física para o Esporte Nacional: 1933 a 2000.** Dissertação (Mestrado em Motricidade Humana). Universidade Castelo Branco. Rio de Janeiro, 2003.

SOEIRO, Renato / PINHEIRO, Rafael. **Militares:** Escola de Educação Física do Exército EsEFEx. Atlas do Esporte no Brasil, 19 de agosto. 2004. p. 127.

_____. **Escola de Educação Física do Exército – EsEFEX.** Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: confef, 2006. p. 129.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização:** a implantação da escola graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SOUZA, Filipe M. B. **Eugenia negativa no Brasil:** Renato Kehl e suas lições de eugenia. Monografia. UFPR, Curitiba, 2013, p.6.

SOUZA, Marlucy do S. A. **O pensamento higienista de educação em José Veríssimo e a formação da criança.** Artigo apresentado no III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista, impressos no Brasil do século XIX. ISSN 2236-9228, 04 a 07 de junho, 2013, p. 1.

STEPAN, Nancy Leys. **“A hora da eugenia”:** raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. 224 p.

VAGO, T. M. **Início e fim do século XX:** maneiras de fazer educação física na escola. In: Caderno CEDES. n.48. Campinas, 1999, p. 30-51.

_____. **Cultura escolar, cultivo de corpos:** educação física e ginástica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906- 1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

_____. **Educação física na revista do ensino de Minas Gerais (1925-1935):** organizar o ensino, formar o professorado. Revista Brasileira de História da Educação, capa, v.6, n.1[11], Belo Horizonte, 2006.

VIÑAO FRAGO, A. História de la educación e história cultural. **Revista Brasileira de Educação.** São Paulo, n.0, p. 63-82, set./dez.1995.

FONTES

BRASIL. **Revista de Educação Física,** Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. Ano 1, vol. 1, maio,1932.

BRASIL. **Revista de Educação Física,** Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. Ano 1, n. 02, junho, 1932.

BRASIL. **Revista de Educação Física,** Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. n. 01-13, 1932-1939.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. 1932-1939.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 2, n. 5, fevereiro, 1933, p. 28.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 2, n. 6, março, 1933, p. 3, 17, 30.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 2, n. 6, 1933, p. 25-27, 28, 30, 33.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 2, n. 7, abril, 1933, p.17-18, 35.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 2, n. 8, maio, 1933, p. 23.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 2, n. 10, agosto, 1933, p. 20-21, 26-31.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 2, n. 11, out. 1933, p.21, 26.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 2, n.12, nov. 1933, p. 20.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 2, n.13, dezembro, 1933, p. 15, 20.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 2, n.14, jan. 1934, p. 20-21, 25.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 3, n.16, 1934, p. 18-19, 23, 27-28.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 3, n.17, outubro, 1934, p. 13-14.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 3, n.18, 1934, p. 13, 14, 16.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 3, n.19, fevereiro, 1935, p. 14-15

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 4, n.22, maio, 1935, p. 6,10, 25-27.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 4, n.25, agosto, 1935, p.10,14-15.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 4, n.26, setembro, 1935, p. 6, 26-27.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 4, n.28, novembro, 1935, p. 16.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 4, n. 29, 1935, p. 6, 11, 23.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano 4, n. 30, março, 1936, p.1-5.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano V, n.31, maio, 1936, p. 38.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano V, n. 33, outubro, 1936.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano VI, n. 40, julho, 1938.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano VII, n. 47, dezembro, 1939.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. ano X, n. 48, set. 1941, p. 9, 26.

BRASIL. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro. Órgão da Escola de Educação Física do Exército. Ano XVII, n. 63, 1949, p. 2-3.

SUA PESQUISA. **Portal de pesquisa temáticas e educacionais**. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/historia/dicionario/populismo.htm>. Acesso em 7 de mai. 2017.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Journal of Physical Education**. Disponível em: <http://www.revistadeeducacaofisica.com>. Publicado: 24 de julho de 2015. Acesso em: 25 de set. 2017.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Journal of Physical Education**. Disponível em: <http://www.revistadeeducacaofisica.com>. Acesso em: 25 de jan. 2017.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Portal esportes**. Disponível em: <http://www.portal.esporte.gov.br/credime/legislação/leisEdFisica.jsp>. Acesso em 02 de nov. 2017.

DIIONÁRIO ON LINE. **Dicionário on line de Português**. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/historia/>. Acesso realizado em 02 de nov. 2017.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Acervo digital**. Disponível em:
<http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>. Acesso em: 08 de set. 2017.

<http://www.dw.com/pt-br/1791-abertura-do-portao-de-brandemburgo/a-604274>. Acesso realizado em 30 de dez. 2017.

CUNHA, L. A. DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO. **Acervo digital**. Primeira República – ABE. Colaboração especial. Disponível em:
<http://cpdoc.fgv.br>. Acesso em 30 de jan. 2017.

GLOSSÁRIO

Catamenial - Termo utilizado para definir a menstruação, expelir os óvulos não fecundados, por meio do fluxo sanguíneo

Caserna – Edifício ou alojamento para moradia de soldados, dentro de um quartel, de um forte

Coersão – (do latim *coertione*) é o ato de induzir, pressionar ou compelir alguém a fazer algo pela força, intimidação ou ameaça. Embora a **coerção** seja considerada moralmente repreensível em muitas filosofias, ela é largamente praticada em prisioneiros ou na forma de convocação militar

Deletérios - que é prejudicial à saúde; insalubre; que possui um efeito destrutivo; danoso, nocivo.

Deliquescente – É definido como o que apresenta umidade; levemente aquoso.

Empirismo- O empirismo consiste em uma teoria epistemológica que indica que todo o conhecimento é um fruto da experiência, e por isso, uma consequência dos sentidos. A experiência estabelece o valor, a origem e os limites do conhecimento. O principal teórico do empirismo foi o filósofo inglês **John Locke** (1632 – 1704), que defendeu a ideia de que a mente humana é uma "folha em branco" ou uma "tabula rasa", onde são gravadas impressões externas.

Facismo - Movimento político e filosófico ou regime (como o estabelecido por Benito Mussolini na Itália, em 1922), que faz prevalecer os conceitos de nação e raça sobre os valores individuais e que é representado por um governo autocrático, centralizado na figura de um ditador; tendência para ou o exercício de forte controle autocrático ou ditatorial.

Nazismo – Doutrina e partido do movimento nacional-socialista alemão fundado e liderado por Adolph Hitler; hitlerismo, nacional-socialismo.

Máu Véso – Bilhete de sangue.

Morfo-Fisiológico - É o que dá forma e é responsável pelas funções do organismo.

Neurociência - é a área que se ocupa em estudar o sistema nervoso, visando desvendar seu funcionamento, estrutura, desenvolvimento e eventuais alterações que sofra. **Neurociência comportamental**: ligada à psicologia comportamental, é a área que estuda o contato do organismo e os seus fatores internos, como pensamentos e emoções, ao meio e aos comportamentos visíveis, como fala, gestos e outros.

Positivismo-Evolucionista - Positivismo é uma corrente de pensamento filosófico, sociológico e político que surgiu em meados do século XIX na França. A principal ideia do positivismo era a de que o conhecimento científico devia ser reconhecido como o único conhecimento verdadeiro.

Pujilo - pequena quantidade (de alguma coisa) que se pode pegar com o polegar, o indicador e o dedo médio; pitada, mãozada, punhado.

Quinesiologia - Tem o mesmo significado de Cinesiologia. É uma área de estudo que tem como objetivo compreender os fundamentos do movimento humano a partir da criteriosa análise de suas estruturas anatômicas, especialmente, dos ossos e músculos esqueléticos. O termo Cinesiologia tem origem do grego (*kinein* = movimento; *logos* = estudo) e significa literalmente "estudo do movimento".

Viés - Foi utilizada a expressão no sentido de tendência geral: linha, orientação, rumo, direção, tendência.

APÊNDICE A – QUADRO REVISTAS EDUCAÇÃO FÍSICA

Quadro da localização das edições das revistas de Educação Física nas bibliotecas do Brasil

Cidade/Estado	Instituição/biblioteca	Ano/Edições
Salvador/BA	UFBA/FE/BT	1990 (118); 2006 (134-135); 2007 (137,139); 2008 (141-142); 2009 (144-146); 2011 (151)
Fortaleza/CE	UNIFOR/BC	1977 (102-103); 1978 (105); 1979 (107); 1991 (119); 1993 (121); 2006 (135)
Brasília/DF	UNB/BC	1972 (97); 1977 (102); 1978 (102); 1979 (106); 1980 (108); 1981 (110); 1995 (181); 1993 (121); 1995 (122); 2000 (124); 2005 (131); 2006 (133)
Vitória/ES	UFES/BC	1932 (2); 1933 (5); 1935 (21, 24-28); 1936 (31-33); 1938 (39-41); 1939 (46-47); 1941 (48-49); 1942 (52, 55); 1947 (56); 1948 (57-60); 1949 (62); 1955 (80); 1956 (82); 1957 (84-86); 1958 (87-90); 1959 (91-92); 1964 (93-94); 1971 (96); 1972 (97); 1973 (98); 1975 (99); 1976 (100-101); 1977 (102-103); 1978 (104-105); 1979 (106-107); 1980 (108-109); 1981 (110-111); 1983 (113); 1984 (104); 1989 (115-116); 1990 (118); 1992 (120)
Belo Horizonte/MG	FUMEC/FCH/BT	2006 (135); 2007 (137); 2008 (140); 2010 (148).
Belo Horizonte/MG	UFMG/EEFFTO/BT	1935/1983 (27,33,38-56,58-63,72-83,86,91,97,99-105)
Viçosa-MG	UFV/BC	1976 (101); 1979 (106); 1982 (112); 1983 (113); 1990 (118)
Palmas/PR	FACIPAL/BT	1991 (119), 1998 (123); 2000 (124)
Curitiba/PR	PUC/PR/BC	1975 (99); 1990 (117); 1992 (120); 1993 (121); 1998 (123); 2000 (124); 2001 (125); 2007 (136-137)
Londrina/PR	UEL/BC	1973 (97); 1977 (103); 1978 (105); 1979 (106); 1980-1981; 1983 (113); 1984 (114); 1990-1993; 1998 (123); 2007 (137); 2008 (140,142); 2009 (145)
Curitiba/PR	UFPR/BCBIOL	1935 (24,26-27,29); 1936 (33); 1937 (36-37); 1938 (39,42,44); 1939 (45-47); 1941 (49-50); 1942 (51-52), (53,55); 1948 (58-59); 1949 (62, [63] nesp); 1950 ([65/66] nesp); 1951 ([67] nesp); 1952 (69, 71); 1953 (74); 1954 (76-77); 1955 (79); 1956 (82-83); 1957 (84-85); 1958 (87-90); 1959 (91-92); 1964 (93-94); 1972 (97); 1973 (99); 1976 (101); 1977 (102); 1978 (105); 1982 (112); 1983 (113); 1984 (114); 1985 (115); 1986 (116); 1987 (117); 1990 (118); 1991 (119); 1992 (120); 1993 (121); 1998 (123); 2000 (124); 2002 (126); 2006 (133-135); 2007 (137); 2008 (140); 2009 (144)
		1977 (103); 1978 (104); 1979 (107); 1980 (108); 1983 (113); 1991 (119); 1998 (123); 2000 (124); 2001 (125);

Rio de Janeiro-RJ	UERJ/SIRIUS/CEH/B	2002 (126); 2003 (127); 2004 (128-129); 2005 (130-132); 2006 (133-135); 2007 (136-139); 2008 (140-142); 2009 (140-142); 2009 (144-145); 2011 (151)
Rio de Janeiro-RJ	UFF/BCG	1976 (100-101); 1984 (114); 1985 (115); 1986 (116)
Rio de Janeiro-RJ	UFRJ/CCS/BC	1932/33 (1-12); 1933/35 (13-24); 1935/37 (25-36); 1938/39 (38-47); 1941/42 (49-51); 1942 (53-55); 1948 (57-60); 1949 (61-63); 1950-51 (64-68); 1952 (69); 1952-53 (70-75); 1954 (76-77); 1955-56 (79-83); 1977 (102); 1978 (104-105); 1979 (106); 1980 (109); 1981 (110-111); 1993 (121)
Rio de Janeiro-RJ	UFRJ/BC	1949/78 (61-62, 70-72, 101, 104-105)
Caxias do Sul-RS	UCS/BC	1976 (101); 1977 (103); 1978 (104); 1979 (106); 1995 (122); 2005 (131)
Porto Alegre-RS	UFRGS/ESEF/BT	1932 (1,3); 1933-51 (5-68); 1948 (59); 1952-64 (70-94); 1967-78 (96-105); 1983-86; 1990-93 (118-121); 1998-2006 (123-135); 2007 (136-137); 2008 (140-143); 2009 (144); 2010 (148,150)
Canoas- RS	ULBRA/BT	1998 (123); 2007 (136-139); 2008 (140-143); 2009 (144-145,147); 2011 (151); 2012 (151,154)
Alegrete, Santana do Livramento, São Gabriel, Bagé-RS	URCAMP/BC	1935/84 (20,28,35,47,50,62,99-100,105,114-115); 1993 (121)
Blumenau-SC	FURB/BC	1950 (64); 1973 (98); 1976 (99,101); 1977 (102); 1978 (104); 1979 (106); 1983; 1984 (114-115); 1986 (117); 1990 (118); 1991 (119); 1992 (120); 1993 (121); 1995(122)
Osasco-SP	FIEO/BC	1995 (122); 1998 (123); 2000 (124); 2001 (125); 2002 (126); 2003 (127); 2004 (128-129); 2005 (130-132); 2006 (133-135); 2007 (136-139); 2008 (141-143); 2009 (144-147); 2010 (148,150); 2012 (155)
Criciúma-SC	UNESC/BT	1976 (101); 1977 (102-103); 1978 (104-105); 1979 (106); 1983 (113); 1990 (118); 1992 (120); 1993 (121); 1995 (122); 1998 (123)
Santa Catarina	UNOESC/CJ/BT	2005 (130); 2006 (133); 2007 (136); 2008 (140); 2009 (144); 2010 (148); 2011 (151)
Campinas-SP	PUC/ SBICII	1976 (101); 1977 (103); 1981 (110); 1990 (118); 1991 (119); 1993 (121); 203 (127); 2005 (131-132); 2006 (134-135); 2007 (136-139); 2008 (140-143); 2009 (144-145,147); 2010 (148-150); 2011 (151)

Bauru-SP	UNESP/BBA	1976 (99-100); 1977 (103); 1978 (105); 1986 (117); 1992 (120); 1993 (121); 1995 (122); 1998 (123); 2000 (124)
São Paulo-SP	UNESP/BPP	1975 (99 supl); 1976-79 (100-106); 1983-93 (113-121); 2003-2004 (127-129); 2008 (140,143)
Rio Claro-SP	UNESP/BRC	1972 (97); 1976-79 (101-106); 1980 (108-109); 1981-82 (111-112); 1984-85 (115-116); 1991 (119); 1993-2008 (121-143); 2009 (144-147); 2010 (148,150); 2011 (151); 2012 (154-155)
Espírito Santo de Pinhal-SP	UNIPINHAL/BC	2001 (125); 2003 (127); 2005 (131-132); 2006 (133); 2007 (136-137,139); 2008 (140-143); 2009 (145,147); 2010 (148-150); 2011 (151); 2012 (155)
São Paulo-SP	USP/EEFE/SB	1933 (9,13); 1934 (14,17-18); 1935 (19-29); 1936-48; 1949 (62); 1950 (64-66); 1955 (79,81); 1956 (83); 1958 (89-90); 1959-64; 1967 (96,99); 1976-77; 1978 (104); 1979 (106); 1985 (115); 1986-91; 1998 (123)